

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

CLARISSE ALVES GILLY DE MIRANDA

**O CIRCO NA LAPA:
análise sobre a revitalização do bairro carioca com a chegada do Circo Voador.**

Niterói

2016

CLARISSE ALVES GILLY DE MIRANDA

**O CIRCO NA LAPA:
análise sobre a revitalização do bairro carioca com a chegada do Circo Voador.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Produção Cultural da Universidade Federal
Fluminense, como pré-requisito para obtenção do
Grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Pereira Domingues

Niterói

2016

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

M672 Miranda, Clarisse Alves Gilly de.

O Circo na Lapa: análise sobre a revitalização do bairro carioca com a chegada do Circo Voador / Clarisse Alves Gilly de Miranda. – 2016. 95 f. ; il.

Orientador: João Luiz Pereira Domingues.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Universidade Federal Fluminense, 2016.

Bibliografia: f. 88-93.

1. Lapa (Rio de Janeiro, RJ). 2. Circo Voador. 3. Revitalização. 4. Planejamento estratégico. 5. Centro urbano. 6. Gentrificação.

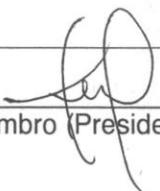
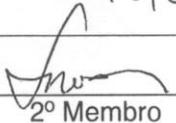
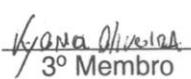
I. Domingues, João Luiz Pereira. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: CLARISSE ALVES GILLY DE MIRANDA	Matrícula: 111.33.006
Título do Trabalho: "O CIRCO NA LAPA: ANÁLISE SOBRE A REVITALIZAÇÃO DO BAIRRO CARIOCA COM A CHEGADA DO CIRCO VOADOR"	
Orientador: Dr. João Luiz Pereira Domingues	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 29/04/2016

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): Dr. João Luiz Pereira Domingues
2º Membro: Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues
3º Membro: Me. Kyoma Silva Oliveira

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário A BANCA DESTACOU A QUALIDADE DO TRABALHO, A HONDADE DA TEMÁTICA, A ESTRUTURA TEXTUAL E A MATUREZA INTELECTUAL DEMONSTRADA PELA DISCENTE. RECOMENDA-SE A CONTINUIDADE DA PESQUISA EM NÍVEL DE PÓS-GRADUAÇÃO		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora): 10,0 (DEZ)		
ASSINATURAS		
 1º Membro (Presidente)	 2º Membro	 3º Membro

À minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Celia e Ricardo, ao meu irmão, Daniel, e à toda minha família, de sangue ou de coração, pelo amor e apoio incondicionais, sem medir esforços, e sem os quais nada seria possível.

À minha avó Deise (*in memoriam*), por ter sido um dos meus maiores exemplos de força.

Às minhas amigas maravilhosas, Gabi, Júlia, Julianna, Julinha, Laís, Laura, Mariana, Rafaela, e Tulane, pelo incentivo e amizade essenciais, que, independente da distância e dos diferentes caminhos tomados, nunca me faltaram.

Aos meus eternos "presentinhos da UFF", Julia, Isa e Duda, que fizeram desses anos loucos muito mais loucos, divertidos e cheios de amor.

Às parceiras e amigas de estágio que levo pra vida, Joana e Natasha, pela dedicação e companheirismo, sempre dispostas a me dar uma palavra de incentivo, uma ajuda, umas boas risadas e, claro, umas boas fofocas.

À minha eterna chefe, Vanessa Damasco, por me abrir as portas do lugar que passou a fazer parte da minha vida pessoal e acadêmica, a Fundação Progresso. E à Michelle (Missélinha), que deixou os dias de trabalho muito mais divertidos.

À Fundação Progresso, ao Circo Voador, à Lapa e ao Perfeito Fortuna, pela inspiração.

Aos professores incríveis que tive desde o Betânia até a UFF e que ajudaram a construir quem sou hoje.

À todos que estiveram comigo durante essa caminhada e de alguma forma a tornaram mais prazerosa. Sou muito grata pelas pessoas incríveis que passaram pela minha vida.

RESUMO

Desde a década de 1980, após um longo período de abandono e degradação, a Lapa vem experimentando uma série de iniciativas da sociedade civil, dos setores públicos e privados, configurando o mais recente processo de revitalização do bairro e reinventando-o como o lugar da boemia, estigma que o caracterizou durante o seu auge nas décadas de 1920 e 1930. Esta monografia buscará, portanto, verificar como a chegada do Circo Voador ao bairro em 1982, em um momento de início de abertura política e redemocratização do país, desempenhou um papel determinante para o início deste processo assistido na Lapa, bairro que hoje integra um conjunto de imagens-síntese, produzidas pelos discursos enunciadores dos projetos urbanos de revitalização e fomentadas pela divulgação da mídia, do que é o Rio de Janeiro e "o jeito carioca de ser".

Palavras-chave: Lapa, Circo Voador, revitalização, planejamento estratégico, centros urbanos, gentrificação.

ABSTRACT

Since the 1980s, after a long period of neglect and degradation, Lapa has been experiencing a series of initiatives from civil society, public and private sectors, defining its latest revitalization process and reinventing it as the place of bohemia, stigma that characterized the neighborhood during its peak in the 1920s and 1930s. This research aims to show how the arrival of Circo Voador to Lapa in 1982, during the beginning of Brazilian political opening and democratization, played a decisive role in the start of this process observed in Lapa, a neighborhood that now compose a set of images produced by the speeches of urban revitalization projects and promoted by the media of what is the Rio de Janeiro and "carioca way of life".

Keywords: Lapa, Circo Voador, revitalization, strategic planning, urban centers, gentrification.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Mapa de delimitação dos bairros da Lapa e do Centro	16
Figura 02 – Lapa em 1790. Pintura de Leandro Joaquim.....	17
Figura 03 e 04 – Construção da Avenida Mem de Sá em 1904 e a obra finalizada em 1908.....	25
Figura 05 e 06 – Estrutura do Circo Voador durante a sua montagem e após a sua conclusão em 1982	29
Figura 07 – Circo Voador: um pouso para vôos ousados	30
Figura 08 – Circo Voador faz sucesso no Arpoador	31
Figura 09 – O Circo Voador está "voando" mas garante que volta.....	33
Figura 10 – O Circo Voador desce na Lapa.....	36
Figura 11 – O Circo Voador baixa na Lapa – Muito mais do que espetáculos	38
Figura 12 – A Lapa está voltando a ser a Lapa, 50 anos depois.....	43
Figura 13 – Lapa renasce das sombras sob as asas do Circo Voador	44
Figura 14 – Manifesto "Eu sou da Lapa"	57
Figura 15 – Campanha "Eu sou da Lapa"	58
Figura 16 – Operação Lapa Presente	62
Figura 17 – Seleção de reportagens sobre a redução da violência na Lapa com a Operação Lapa Presente.....	63
Figura 18 – Seleção de reportagens sobre a imagem produzida e propagada de uma Lapa revitalizada e boêmia, extraídas de diferentes veículos midiáticos	66
Figuras 19 e 20 – Capa da Revista Veja Rio em abril de 2000 e em agosto de 2006, respectivamente	68
Figuras 20 e 21 – Capa da Revista O Globo em outubro de 2009 e em janeiro de 2016, respectivamente	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A PRÉ-CONFIGURAÇÃO DA REVITALIZAÇÃO DA LAPA.....	16
1.1. A Lapa dos primeiros processos ocupacionais até a Lapa decadente da segunda metade do século XX.....	17
1.2. O Asdrúbal Trouxe o Trombone e o Circo no Arpoador	28
2. A CONFIGURAÇÃO DE UMA NOVA LAPA	34
2.1. A chegada do Circo Voador à Lapa e o início do processo de revitalização do bairro.....	35
2.2. A Lapa e o modelo de Planejamento Estratégico.....	45
2.2.1. Projeto Corredor Cultural	49
2.2.2. Projeto Quadra da Cultura	52
2.2.3. Distrito Cultural da Lapa	53
2.2.4. Eu sou da Lapa	55
2.2.5. Pólo Novo Rio Antigo.....	58
2.2.6. Lapa Legal	60
2.2.6. Lapa Presente	61
3. A RECONFIGURAÇÃO DO QUE ERA A LAPA	64
3.1. A Lapa hoje e amanhã – Análise do bairro "pós-revitalização" e possíveis refigurações futuras.....	65
3.2. O Circo Voador hoje.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
APÊNDICE A – Questionário sobre a Lapa	94
ANEXO A - Autorização para Divulgação da Monografia	95

INTRODUÇÃO

No início da década de 1980, a Lapa, bairro da região central da cidade do Rio de Janeiro, após inúmeros processos de ocupação e esvaziamento ao longo da história, se encontrava em um período de degradação e abandono, agravados pela falta de iniciativas do setor público em investir na área. Ao mesmo tempo, nascia no Arpoador, no verão de 1982, resultado da concretização do desejo de um grupo de artistas em criar um espaço que abrigasse a efervescência cultural e a juventude carioca da época, o Circo Voador, que em setembro do mesmo ano se muda para a Lapa. É a partir de então que se configura o principal objeto desta pesquisa. Desenvolvida dentro do curso de Graduação em Produção Cultural na Universidade Federal Fluminense, esta monografia busca verificar como a chegada do Circo Voador à Lapa, em um momento de início de abertura política e redemocratização do país, desempenhou um importante papel no início do mais recente processo de revitalização do bairro.

Sabe-se que, posteriormente, este processo adquiriu dimensões mais amplas e passou a abarcar um conjunto de iniciativas do setor público pensadas para a Lapa em um contexto de planejamento estratégico urbano, atendendo ao mercado capitalista de produção de cidades cada vez mais competitivas. No desenvolver desta pesquisa, defenderemos então como este processo de revitalização do bairro se configurou em um primeiro momento de forma mais espontânea, relacionado à iniciativa popular e ao Circo Voador especificamente, e em seguida foi apropriado pelo poder público, transformando o modo de pensar e produzir a Lapa através de projetos urbanos de regeneração do bairro e do centro histórico da cidade.

Portanto, a hipótese central desta tese é que a chegada do Circo à Lapa, atraindo um público jovem numeroso, não só foi capaz de reanimar o bairro que ainda mostrava marcas do seu "esvaziamento", como também atraiu maior atenção para o centro como um possível espaço a ser ocupado social, cultural e economicamente. Assim, o que se defende aqui é que os projetos de intervenção urbana e os investimentos públicos e privados na região, até então escassos, surgiram como uma consequência da potencialidade que o Circo Voador evidenciou ali, associada à tendência global de regeneração dos centros urbanos, e que acabaram por reconfigurar a dinâmica do espaço físico e social da Lapa.

Hoje, o bairro é reconhecidamente um ponto turístico do Rio de Janeiro, com grande variedade de estabelecimentos, entre bares, restaurantes e casas de show, ao lado de lojas, antiquários, hotéis, escritórios, prédios comerciais e residenciais, estigmatizado como berço da boemia e da malandragem carioca pelos discursos dos agentes enunciadores dos projetos

de revitalização do centro, reforçados pela mídia, que intentam produzir uma imagem homogênea da "Lapa revitalizada", que, no entanto, como veremos, não condiz com a realidade cotidiana do bairro.

O interesse em estudar o tema surgiu a partir da observação de uma série de intervenções urbanas na cidade do Rio de Janeiro, especialmente na sua região central, como na Zona Portuária e na Lapa – a qual tive a oportunidade de observar mais proximamente durante um período de estágio na Fundação Progresso e enquanto frequentadora do bairro aos finais de semana – e foi intensificado após assistir o documentário "A Farra do Circo" (2013), que narra a trajetória do Circo Voador desde a sua chegada à Praça do Arpoador até os Arcos da Lapa. Da percepção de como a Lapa se configura no dia-a-dia, de como ela se (re)configura durante a noite, principalmente nos finais de semana, e de como ela é reconfigurada mais uma vez pelos discursos enunciadores da revitalização do bairro, considerou-se relevante o estudo dos processos históricos, urbanos e sociais que constituem e reinventam o bairro.

Ao pesquisar sobre o assunto, encontraram-se algumas pesquisas sobre a Lapa, sua formação histórica e o seu mais recente processo de revitalização, um dos principais objetos deste trabalho, mas nenhuma que enfocasse o Circo Voador, principalmente no primeiro momento da revitalização do bairro, no qual, como se defenderá aqui, desempenhou um papel determinante. Portanto, nesta pesquisa, além de se decorrer sobre o que é a Lapa, como se formou historicamente e como passou de um lugar abandonado pelo poder público e pelas iniciativas privadas a um centro urbano revitalizado que é hoje considerado símbolo carioca e modelo de revitalização a ser seguido, também se buscará evidenciar como o Circo ajudou a (re)configurar o bairro e o modo de pensá-lo a partir da sua chegada à Lapa em 1982 e como acompanhou este processo desde então.

Vale justificar aqui o porquê da escolha pelo uso dos termos "revitalização", "renovação", "requalificação", "reocupação", "reabilitação", "regeneração", entre outros semelhantes, ao longo desta pesquisa, muito utilizados pelos discursos enunciadores da intervenção urbana como justificativa para se empreender uma série de ações em determinada região que irão resultar em uma nova configuração do espaço.

Sabe-se que estes termos tornam-se problemáticos quando utilizados como forma de mascarar a "dimensão classista"¹ dos projetos de intervenção urbana, que segundo Bidou-Zachariassen (2007), é "eufemizada ou silenciada pelos discursos dos que a programam como

¹ BIDOU-ZACHARIASEN, 2007, p. 32.

política de "renascimento" ou "regeneração" urbana"². Entende-se que geralmente nestes discursos, as dinâmicas já existentes no local a ser "salvo" são reprimidas a fim de se estabelecer naquele espaço uma nova ordem que pretende favorecer majoritariamente grupos com maior poder aquisitivo. Neste sentido, ainda segundo a autora, "a linguagem de regeneração (ou renovação) eufemiza os problemas da polarização social e da exclusão urbana das classes populares", criando a imagem de um "espaço urbano falsamente democratizado"³.

Decorrendo sobre o tema, Macedo (2004) expõe algumas definições relativas aos termos em questão, como as presentes na Carta de Reabilitação Urbana Integrada, elaborada no primeiro encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana em Centros Históricos. Dentre eles, os que se mostram mais próximos dos discursos sobre a Lapa, são os termos "revitalização" e "reabilitação", que se assemelham em suas definições, sendo, em suma, descritos como:

Estratégia de gestão urbana que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, econômicas e funcionais a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes; isso exige o melhoramento das condições físicas do parque construído pela sua reabilitação com a instalação de equipamentos, infra-estruturas, espaços públicos, mantendo a identidade e características da área da cidade a que dizem respeito⁴.

Entende-se que essa definição deva ser problematizada quando relacionada ao caso estudado aqui e não se intenta aqui tomá-la como legítima. No entanto, na ausência de uma expressão capaz de englobar a complexidade e ambiguidade dos processos de intervenção urbana, ao serem utilizados neste projeto, os termos terão o objetivo não de negar que anteriormente ao início das intervenções no centro já existisse ali uma dinâmica que deva ser preservada e valorizada, mas unicamente descrever o processo vivido pela região nas últimas décadas, que acabou por desenvolver as potencialidades do bairro e modificar consideravelmente a sua dinâmica socioespacial.

O que se buscará compreender aqui, portanto, é como se deu a consolidação da Lapa enquanto centro urbano, histórico e cultural da cidade do Rio de Janeiro e os seus processos de (re)ocupação ao longo da história, fazendo-se necessário, para isso, um breve resgate da sua trajetória, desde a sua fundação, suas primeiras ondas ocupacionais e seus processos de esvaziamento até o mais recente movimento de retorno ao bairro, com a chegada do Circo Voador e a inserção da Lapa no cenário do planejamento estratégico urbano.

² Idem.

³ Ibidem, p. 34.

⁴ MACEDO, 2004, p. 25.

Sendo assim, intentando estabelecer uma linearidade temporal que facilite a compreensão do contexto político, histórico, geográfico e social no qual o processo de revitalização da Lapa está inserido, optou-se por dividir esta pesquisa nas três etapas adotadas por Ohana Boy (2015) na metodologia da sua dissertação sobre o programa *Esquenta!*, da Rede Globo, e que será adaptada aqui para descrever os diferentes momentos vividos pela Lapa: a primeira, chamada de *pré-configuração*, compreenderá todo o período anterior ao início do processo mais recente de revitalização da Lapa; a segunda, de *configuração*, irá abranger o período do início do processo de revitalização da Lapa, a partir da chegada do Circo Voador em 1982, até o início dos projetos de intervenção urbana pelo setor público; e a terceira, e última, a *reconfiguração* do espaço, compreendendo o momento presente, analisando o quadro atual e as possíveis refigurações futuras.

Para tanto, foram utilizadas a leitura e análise de dissertações, artigos, teses e livros sobre os processos de formação dos centros urbanos e, em específico, da Lapa, visando identificar os conceitos inerentes ao planejamento das cidades e as particularidades do caso carioca, através do mapeamento, no segundo capítulo desta pesquisa, dos projetos propostos para o bairro, buscando perceber a sua correlação com o contexto global. Esta análise também se fez importante para inferir quais assuntos relativos ao tema já foram abordados e entender como a proposta desta pesquisa se diferencia e se faz relevante para complementar os estudos já realizados.

Como a revitalização da Lapa é um processo recente e ainda em curso, a análise de reportagens e matérias veiculadas na mídia, como em jornais, revistas, programas televisivos, documentários, sites, além das redes sociais, se mostrou uma importante ferramenta para acompanhar as incessantes (re)configurações do bairro, suas receptividades e resistências. Junto a isto, a pesquisa de campo, com visitas ao bairro, assim como a análise sobre a opinião pública através de dados obtidos por um questionário elaborado para esta pesquisa e distribuído *online*, analisado no terceiro capítulo deste trabalho, também se mostraram fundamentais para a construção de um pensamento crítico acerca da temática e um entendimento de como a Lapa é vista por quem a consome.

Em síntese, no primeiro capítulo, intitulado "A pré-configuração da revitalização da Lapa", decomposto nos subcapítulos "A Lapa dos primeiros processos ocupacionais até a Lapa decadente da segunda metade do século XX" e "O Asdrúbal Trouxe o Trombone e o Circo no Arpoador", visando contextualizar o cenário antecedente ao processo de revitalização vivido pelo bairro, será feito o resgate da trajetória da Lapa desde o século

XVIII até 1982, quando da criação do Circo na Praça do Arpoador, idealizado por integrantes do grupo artístico "Asdrúbal Trouxe o Trombone".

Dando continuidade, na primeira parte do capítulo 2, "A configuração de uma nova Lapa", serão expostos dados que busquem confirmar a hipótese central desta pesquisa, destacando a importância da chegada do Circo Voador à Lapa para a configuração do primeiro momento da revitalização do bairro. Em seguida, se apresentará a noção do planejamento estratégico e os projetos pensados para a Lapa inseridos neste modelo de gestão urbana, para introduzir ao último capítulo desta pesquisa, "A reconfiguração do que era a Lapa", que buscará analisar os seus efeitos na reconfiguração do bairro e do próprio Circo.

Assim, na primeira parte do terceiro capítulo, se verificará como o caso da revitalização da Lapa se relaciona com processos urbanos em escala global, como os discursos dos agentes da revitalização do bairro operam sobre a sua imagem e como os sujeitos sociais a percebem, resistem e (re)configuram. Por fim, veremos qual lugar o Circo ocupa hoje na reconfiguração espacial do bairro e como da mesma forma que ele operou sobre a nova dinâmica da Lapa, também foi refigurado por ela.

1. A PRÉ-CONFIGURAÇÃO DA REVITALIZAÇÃO DA LAPA

Antes região do bairro Centro, a Lapa emancipou-se como bairro da cidade do Rio de Janeiro em 17 de maio de 2012, de acordo com a Lei N.º 5.407, Artigo 1º, que decreta: "Fica criado o Bairro da Lapa pela subdivisão do bairro do Centro, área da AP 1 e II Região Administrativa"⁵, com as seguintes delimitações:

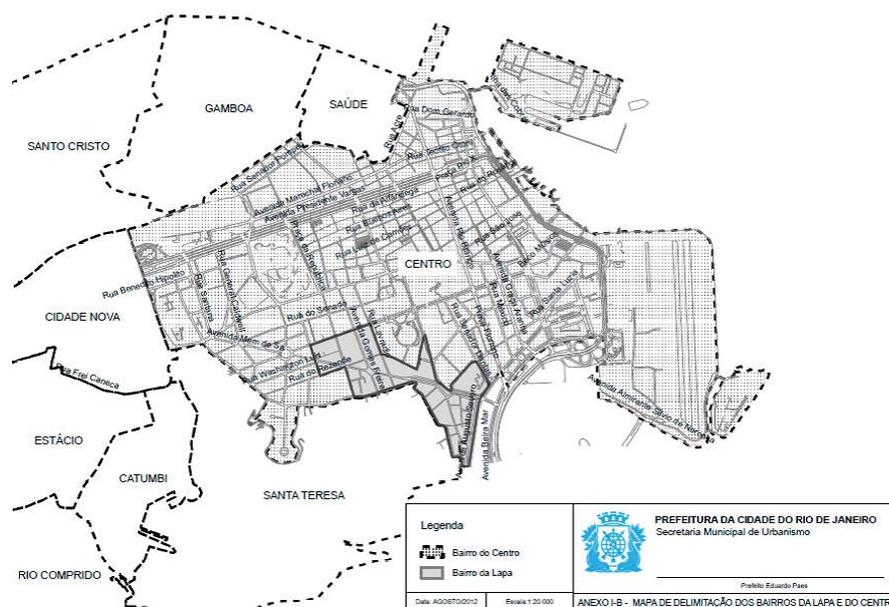


Figura 01 – Mapa de delimitação dos bairros da Lapa e do Centro. Fonte: Legislação – Lei Ordinária⁶.

Tendo isso em vista, neste capítulo, através de revisões bibliográficas sobre a Lapa, será feito um breve mapeamento da sua trajetória desde a sua fundação até o início da década de 1980, visando compreender não somente o contexto histórico, geográfico e político antecedente ao seu mais recente movimento de revitalização, foco desta pesquisa, mas também colocar em evidência o fato de que a Lapa nem sempre foi do modo como se conhece hoje, tendo sofrido ao longo das décadas, inúmeros processos de esvaziamento e ocupação, tanto populacional quanto de investimentos do setor público.

Por fim, o capítulo tratará também da criação do Circo Voador, ainda na Praça do Arpoador, antes da sua chegada à Lapa em setembro de 1982, e de como o seu funcionamento durante os primeiros meses do mesmo ano já evidenciavam a sua potencialidade enquanto importante espaço cultural da cidade do Rio de Janeiro.

⁵ Lei decretada durante o governo do prefeito Eduardo Paes em maio de 2012. Disponível em <http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/50ad008247b8f030032579ea0073d588/d0479ffaa4c2dfb283257e2000630b9c>.

⁶ Ibidem. Data da pesquisa: 17/11/2015.

1.1. A Lapa dos primeiros processos ocupacionais até a Lapa decadente da segunda metade do século XX

Ao traçarmos o caminho percorrido pela Lapa desde as suas primeiras ocupações até o momento mais recente, pode se observar que ao longo dos anos o modo como os sujeitos sociais experimentam o seu espaço físico, estabelecendo processos de desterritorialização e reterritorialização⁷, se refletem na configuração do bairro em um "modo cíclico", em um "movimento pendular de *morte e vida*"⁸, de ocupação e esvaziamento, "ascensão" e "declínio".

Em um primeiro momento, temos que até a segunda metade do século XVIII, a região hoje conhecida como o bairro da Lapa era cercada pela Lagoa do Boqueirão, Morro do Desterro (atual bairro de Santa Teresa), Morro de Santo Antônio e Morro do Senado. Todos estes obstáculos, por assim dizer, criavam uma espécie de "muro" que a separava do restante da cidade e dificultava a circulação entre a área e outras já mais adensadas, o que colaborou em grande parte para a pouca ocupação do local nesse período⁹.



Figura 02 – Lapa em 1790. Pintura de Leandro Joaquim. Fonte: Wikipedia¹⁰.

⁷ Compreende-se processo de desterritorialização quando ocorre mudança no vínculo que nos une ao território. Uma perda de acessos a territórios econômicos, sociais, simbólicos, e outros. Contudo, como o homem é eminentemente social e sociável, este necessita de se adaptar às novas circunstâncias, aos novos territórios. Assim sendo, ao processo de desterritorialização está “quase” implícito o processo de reterritorialização. Um processo nem sempre bem sucedido, aonde o homem vai se adaptar a novos territórios. Souza, 2012, p. 32.

⁸ CARUSO, 2015, p. 68.

⁹ SOUZA, 2012, p. 20.

¹⁰ Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:LeandroJoaquim-1790-Arcos.jpg>. Data da pesquisa: 11/05/2015.

Embora hoje a Lapa se associe no imaginário popular ao lugar da contravenção e boemia carioca, tem-se ainda que a origem do bairro, inclusive seu nome, faz referência à sua ocupação religiosa, tanto que a data da fundação do bairro é considerada a data da fundação da Igreja Nossa Senhora da Lapa do Desterro, construída em 1751 no local onde hoje é o Largo da Lapa¹¹, e em torno e sob a influência da qual o bairro se desenvolveu¹².

O Largo tornou-se então, na época, como afirma Guterman (2012), palco de inúmeras festas religiosas, legadas principalmente da colônia portuguesa, como por exemplo, a Festa do Divino Espírito Santo, "uma grande atração no calendário festivo da cidade"¹³. "Mas de todas as festas, a mais popular era, como ainda é, o carnaval"¹⁴, festa cristã destinada a celebrar os últimos dias que precedem o jejum da Quaresma e que a princípio limitava-se ao Entrudo¹⁵, mas que posteriormente adquiriu também o caráter de festas e bailes mascarados¹⁶, originando o carnaval como se conhece hoje, já não tão associado ao caráter religioso e mais à categoria de "profano".

Assim, Guterman (2012) aponta ainda que no século seguinte, o Largo da Lapa passou a sediar também essas festas profanas¹⁷ que acabaram por caracterizar o bairro, deixando-se de lado as memórias relacionadas às suas origens sacras, embora a religiosidade jamais tenha desaparecido da região – exemplo disso é o reconhecimento da importância da própria Igreja Nossa Senhora da Lapa do Desterro, através do seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938.

Ainda do final do século XVIII, mais propriamente em 1750, consta também a conclusão do Aqueduto da Carioca, que ficou conhecido popularmente como os Arcos da Lapa e veio a se tornar um "cartão-postal" do bairro e da cidade do Rio de Janeiro. Sua função inicial era a de melhorar o abastecimento de água para a área central da cidade¹⁸, mas após ser desativado durante o século XIX, passou a servir como viaduto para uma linha de bondes elétricos que ligavam o centro da cidade ao bairro de Santa Teresa.

¹¹ ROSA, 2014, p.18.

¹² DUARTE, 2009, p. 2.

¹³ GUTERMAN, 2012, p. 25.

¹⁴ CARVALHO, 1990, p. 80.

¹⁵ Remontando às práticas medievais que antecediam o período da quaresma, carregando ainda tradições pagãs de origem romana, o entrudo foi praticado no Brasil Colônia e Império, principalmente pelas classes populares da sociedade. Consistia na ocupação das ruas das cidades, mas também nos espaços rurais e mesmo dentro das casas, onde a população realizava brincadeiras nas quais se jogavam água, farinhas e polvilhos, além de outros líquidos como os denominados limões de cheiro, café, tinta, groselha, lama e até urina. Disponível em <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/carnaval/a-pratica-carnavalesca-entrudo.htm>. Acesso em 11 de dezembro de 2015.

¹⁶ CARVALHO, 1990, p. 80.

¹⁷ GUTERMAN, 2012, p. 25.

¹⁸ SOUZA, op. cit., p.19

Também nesse período, tem-se que a população do Rio de Janeiro ultrapassa o seu dobro em relação ao início do século e, neste contexto expansionista, a cidade é elevada à condição de capital da colônia e sede do vice-reinado, "por motivos econômicos e estratégicos, e por objetivos políticos, em 1763"¹⁹, após a morte de Gomes Freire de Andrade, pouco depois de ter sido nomeado Vice-Rei do Brasil²⁰. Foi então que, segundo Souza (2012), a "necessidade de expansão do tecido urbano da cidade do Rio de Janeiro, pressionado pelo crescimento populacional, atingiu os limites da sua área central, entre eles a Lapa"²¹, que começou a sofrer as primeiras alterações mais significativas em seu espaço físico.

O Marquês do Lavradio que ficou dez anos a frente da administração colonial como Vice-Rei abriu ruas para melhorar a circulação, consertou muitos caminhos e aterrou pântanos em algumas partes da cidade. Aterrado os pântanos na Lapa foi possível a abertura da Rua do Lavradio pelo Marquês, em 1770, que ajudou a alavancar a Lapa como local de habitação nesse primeiro momento de sua história²².

Seguidamente, com a transferência da capital do Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763, a população da área sofreu um aumento ainda mais considerável em relação aos anos anteriores²³. Dentre os novos habitantes estavam os imigrantes portugueses recém-chegados à colônia, atraídos tanto pelo fácil acesso entre Lapa e o centro, como pelo fato de já existirem ali muitos armazéns. Foi então que surgiram no bairro os "primeiros sobrados ao lado de casas térreas, onde as partes térreas eram locais de trabalho e comércio, e os andares superiores moradia desses comerciantes portugueses"²⁴.

No entanto, foi somente após a chegada da Corte Portuguesa ao centro do Rio de Janeiro em 1808, onde aportaram cerca de 15 mil pessoas, o equivalente a quase um terço da população da cidade na época²⁵, que a Lapa, por sua localização, experimentou um expressivo crescimento populacional. Essa expansão demográfica foi responsável por acarretar também uma maior urbanização de toda a capital, que se fez necessária para se adaptar à dinâmica de espacialização das classes sociais.

A cidade em expansão procurava novas áreas para ocupar, sendo a Lapa a opção preferencial por sua, já mencionada, proximidade com relação ao centro. A abertura das ruas do Rezende, do Lavradio e dos Inválidos inauguram a ligação da malha urbana existente com o novo bairro de expansão da cidade. Assim, já em 1828 [...] verifica-se a existência de um conjunto razoavelmente denso de edificações de pouca

¹⁹ Ibidem, p. 20.

²⁰ CARVALHO, 1990, p. 52.

²¹ SOUZA, op. Cit., p. 21.

²² Ibidem, p. 21.

²³ ARAÚJO, 2009, p. 26.

²⁴ SOUZA, op. cit., p. 21.

²⁵ Ibidem, p. 22.

altura, circundando o Morro de Santo Antonio e estendendo-se desde o Passeio Público até o Campo de Santana²⁶.

De acordo com Benchimol (1992), "A instalação da corte rompeu o equilíbrio da cidade. Em menos de duas décadas, sua população duplicou, alcançando 100 mil habitantes, aproximadamente, em 1822, e 135 mil, em 1840"²⁷. Porém, como aponta Carvalho (2014), "Esse incremento da população urbana não foi, no entanto, acompanhado de proporcional melhoria nas condições de higiene. Logo, não é de se surpreender que os problemas sanitários tivessem destaque no planejamento urbanístico desde essa época"²⁸. Neste sentido, é formulado pelo então diretor de Obras Municipais, em 1843, o Relatório Beaurepaire, que, apesar de pouco conhecido, pode ser considerado um dos primeiros planos urbanísticos para a cidade do Rio de Janeiro. Embora o plano não tenha chegado a ser colocado em prática, foi responsável por levantar importantes questões para se pensar a cidade e abriu portas para que "algumas décadas mais tarde, a Comissão de Melhoramentos fizesse uma nova proposta"²⁹.

O relatório dividia-se em duas partes. A primeira dizia respeito à salubridade pública, baseando-se em critérios higienistas, cujas principais propostas eram:

A transferência do matadouro público para a praia de São Cristóvão; a solução para a questão do esgotamento sanitário através da adoção do padrão europeu; construção de encanamentos para abastecimento de água por todas as casas a partir dos rios Carioca e Maracanã; estabelecimento de um canal de navegação no mangue da Cidade Nova – Canal do Mangue – com o objetivo de eliminar o grande “foco de miasmas” da região; desmonte do Morro do Castelo a fim de ampliar a extensão da cidade e contribuir para salubridade e embelezamento³⁰.

Já a segunda parte do relatório referia-se ao aformoseamento da cidade, utilizando-se de "critérios urbanísticos e estéticos". Nela, "Beaurepaire dedica um plano de reedificação à região considerada mais “defeituosa”, a Cidade Velha"³¹ – região central do Rio de Janeiro. Para isso, propunha-se "a ampliação e abertura de diversas vias estabelecendo alguns critérios urbanísticos, como extensão dos quarteirões e altura das edificações", o caimento adequado das calçadas, favorecendo o esgotamento, e a abertura de oito novas praças.

É importante ressaltar que estes dois eixos do Relatório Beaurepaire expressavam as principais preocupações com a cidade do Rio de Janeiro durante todo o Segundo Reinado (1850-1889). Ainda mantendo muitos aspectos de atrasada cidade colonial, o Rio de Janeiro precisava se adequar não somente à condição de capital, mas também ao vertiginoso

²⁶ DUARTE, op. cit., p. 4.

²⁷ BENCHIMOL, 1992, p. 25.

²⁸ CARVALHO, 2014, p. 59.

²⁹ Ibidem, p. 60.

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

crescimento da população que vinha ocorrendo nas últimas décadas e aos desdobramentos que isto implicava para todos os setores da cidade, como a necessidade de um maior desenvolvimento urbano, de ampliação viária e também com questões relacionadas ao saneamento. A época ficou então marcada por inúmeras reformas e grandes transformações.

Neste sentido, verifica-se que o segundo quartel do século XIX marca "o início da difusão dos transportes ferroviários por todo o mundo". A introdução do bonde de burro e do trem a vapor tornou possível "a separação dos usos e classes que se amontoavam no antigo espaço colonial" e "se constituíram nos grandes impulsionadores do crescimento físico da cidade"³². Também durante o Segundo Reinado, em 1853, começa a construção da Estrada de Ferro Pedro II, inaugurando em 1858 o primeiro trecho até Queimados e, em 1861, com apenas dois trens por dia, o tráfego para os subúrbios, até Cascadura³³. Ao final do século, irradiavam do centro do Rio de Janeiro as linhas das principais companhias de carris, como as da Locomotora, Santa Teresa, Ferro Carril Fluminense e Carioca-Riachuelo, "cobrindo a área central e articulando seus terminais de transportes marítimos e ferroviários".

As linhas da Locomotora ligavam o trecho central da cidade à Estação D. Pedro II, no Campo de Santana, servindo aos populosos quarteirões marítimos da Gamboa e Saúde, onde fervilhava o grosso do movimento portuário do Rio de Janeiro.

As linhas da Cia. Ferro Carril de Santa Teresa, fundada em 1872, ligavam o Largo do Paço (atual Praça XV), ao Largo da Lapa e à Rua do Riachuelo, de onde subia o ramal para Santa Teresa, até o Largo dos Guimarães e Almirante Alexandrino. [...] As linhas da Cia. Ferro Carril Fluminense, organizada em 1874, percorriam a Cidade Nova e o Estácio de Sá, até a praia Formosa. Por sua vez, a Cia. Carioca Riachuelo, concedida em 1874 a Pandiá Calógeras e Carlos Kraus, partia da Estação das Barcas e, seguindo as principais ruas da cidade (Largo da Carioca, Primeiro de Março etc.), chegavam à Praça Onze de Junho³⁴.

Com todas essas transformações, como aponta Carvalho (2014), "as contradições sociais se tornaram ainda mais evidentes, aguçadas pelas fortes epidemias de febre amarela"³⁵. O Rio, que sempre havia sido considerado uma cidade insalubre, "após séculos tendo seu esgoto despejado a céu aberto em valas ou mesmo nas praias", tem seu quadro sanitário agravado, tornando o assunto um dos principais alvos do planejamento urbano da cidade, cujo discurso também se infiltrou no senso comum das camadas dominantes e das camadas médias, "que nos anos 1870 já construíram uma influente "opinião pública" favorável a todo tipo de melhoramento que transformasse a capital do império numa metrópole salubre e moderna"³⁶.

³² CARVALHO, 2014, p. 61.

³³ CARVALHO, 1990, p. 73.

³⁴ BENCHIMOL, op. cit., p. 108.

³⁵ CARVALHO, 2014, p. 61.

³⁶ Idem.

É então que se propõe, em 1874, "a nomeação de uma Comissão de Melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro, composta pelos engenheiros Francisco Pereira Passos, Jerônimo Rodrigues de Moraes Jardim e Marcelino Ramos da Silva"³⁷, que apresentam, nos anos seguintes, dois Relatórios – o primeiro em 1875 e o segundo em 1876 – retomando as discussões levantadas pelo Relatório Beaurepaire. Destes Relatórios, o que mais nos interessa neste momento é o de 1876, visto que o primeiro concentrava-se somente na área da Cidade Nova com as seguintes propostas:

A comissão elege o Canal do Mangue como eixo principal das propostas nesse primeiro relatório. Este deveria ser navegável e ajudar a solucionar a questão do dessecamento das áreas pantanosas, que ainda eram um obstáculo para a expansão urbana. Para isso, seu prolongamento até o mar e a canalização dos rios eram primordiais. Sobre os parâmetros construtivos, destaca-se, principalmente, a limitação da altura das fachadas e definição de altura mínima de três metros para compartimentos habitáveis. Para as novas grandes avenidas a serem abertas a comissão procura manter o traçado retilíneo e adota padrões de proporção entre a largura da via, calçada e passeios³⁸.

Já o segundo plano, além de reforçar as propostas contidas no primeiro, insistindo na defesa de suas premissas através de exemplos internacionais, propunha também a abertura, prolongamento, alargamento e retificação de uma série de ruas na Cidade Velha; ratificava os pareceres higienistas e recuperava Beaurepaire ao propor o arrasamento dos Morros de Santo Antonio, Castelo e Senado – afirmando que seria determinante para melhorar a ventilação na cidade – e as vultosas demolições e desapropriações necessárias para sua realização³⁹.

Mais uma vez, principalmente por problemas financeiros, somente uma pequena parcela das propostas foi colocada em prática. No entanto, "além de levantar a questão urbanística para discussão pública, a Comissão de Melhoramentos foi fundamental para moldar o pensamento daquele que viria a ser prefeito da cidade do Rio de Janeiro alguns anos mais tarde". Francisco Pereira Passos, um dos engenheiros responsáveis pelos planos de 1875 e 1876, realizará, no início do século XX, como veremos logo adiante, aquela que é considerada "a primeira intervenção sistemática e direta do Estado sobre o espaço urbano carioca"⁴⁰, cujas ações afetaram radicalmente a configuração da Lapa.

Citando Duarte (2009), temos então que "Boa parte dos sobrados e palacetes que ainda hoje compõem a morfologia arquitetônica da Lapa data da segunda metade do século dezenove", podendo-se, portanto, afirmar que o processo de urbanização do bairro "se

³⁷ Idem.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Ibidem, p. 62.

consolidada, de forma mais decisiva, a partir desta época"⁴¹. Embora neste momento a região central do Rio de Janeiro estivesse ocupada em grande parte pela elite imperial, havia interesse também das classes menos abastadas, semiproletárias, de morarem próximo ao centro, onde trabalhavam. A solução encontrada foi a moradia em alta densidade e pagamento de altos aluguéis nos bairros periféricos da região, entre eles a Lapa.

A procura por moradia nesse bairro e em outros periféricos ao centro tradicional ocasionou uma valorização imobiliária. Os altos preços de locação alimentaram ainda mais um submercado imobiliário residencial já existente há alguns anos e utilizado pelos mais carentes, os cortiços, pensões e casas de cômodos. E na Lapa não foi diferente. Por sua localização, os bondes elétricos e muitas famílias mudando-se para novas moradias ao longo da Avenida Beira-Mar e bairros mais ao sul propiciou a transformação de antigos casarões, pequenos prédios e sobrados em casas de cômodos⁴².

Contudo, "Simultaneamente ao processo de densificação do conjunto edificado da Lapa, assiste-se no último quartel do oitocentos a um crescente movimento de evasão das elites (tradicionalmente residentes no centro da cidade) em direção à zona sul". Bairros como Catete, Flamengo e Botafogo, ainda com uma ocupação incipiente, "passam a representar uma nova opção de moradia [...] longe do burburinho do velho e saturado centro"⁴³. Com essa evasão, também os sobrados residenciais das famílias abastadas que até então viviam na Lapa, se transformam em habitações coletivas, como casas de cômodos ou cortiços⁴⁴. O que se observa em seguida, é que o bairro, esvaziado dessa classe mais abastada, passa a ser visto como um lugar decadente.

O contínuo processo expansionista da malha urbana no Rio de Janeiro durante o século XIX caracterizou-se pelo aumento da ocupação das periferias e pelo adensamento da ocupação da área central. Algumas obras de infraestrutura influenciaram na configuração da paisagem, na rentabilidade territorial, e na possibilidade de valorização dos investimentos em novas áreas. A expansão dos meios de transporte coletivos no último quartel do século beneficiou o surgimento de áreas residenciais de classes mais abastadas tanto na periferia do centro direção sul quanto no entorno do núcleo central⁴⁵.

É então que, no início do século XX, sob a administração do Prefeito Pereira Passos (1902-1906), retomando muitas das ideias já presentes nos Relatórios elaborados durante o Segundo Reinado, realiza-se na cidade do Rio de Janeiro uma grande reforma urbana. Esta tinha o objetivo de "adequar o espaço físico da capital do país à realidade do sistema

⁴¹ DUARTE, op. cit., p. 5.

⁴² SOUZA, op. cit., p. 25.

⁴³ DUARTE, op. cit., p. 5.

⁴⁴ GUTERMAN, 2012, p. 25.

⁴⁵ SOUZA, op. cit., p. 24.

capitalista de produção e paralelamente construir uma “nova” imagem para a mesma”⁴⁶, mas que, como afirma Souza (2012), “também tinha o pretexto de demarcação dos espaços de circulação dos diferentes grupos sociais”⁴⁷. Vale ressaltar que essa “nova imagem”, mais uma vez, pautava-se em exemplos internacionais, em imagens do que seria o espaço urbano dos países capitalistas hegemônicos. É importante ter isso em mente uma vez que nos capítulos seguintes, tratando sobre o mais recente processo de revitalização da Lapa, veremos como este movimento mimético entrará novamente em cena, tornando-se um importante ponto para se pensar a lógica dos processos de requalificação urbana.

Na Lapa, durante a Reforma Pereira Passos, construções luxuosas foram erguidas, o Largo da Lapa arborizado, o Passeio Público (construído em 1779) restaurado, foi construído o Lampadário da Lapa, ruas foram calçadas, morros aterrados e amplas ruas e avenidas foram abertas, provocando transformações espaciais que visavam favorecer a mobilidade urbana e o escoamento de importação e exportação de mercadorias⁴⁸.

Porém, uma das medidas deste programa que mais impactaram a região de fato foi a abertura da Avenida Mem de Sá “por meio do arrasamento do morro do Senado e demolição de inúmeras casas”⁴⁹. Foram erradicados casebres e cortiços que ocupavam a região próxima aos Arcos, expulsando a população pobre que morava no local. Ao espaço foram atribuídos novos usos que atendiam ao propósito de embelezamento, higienização e urbanização da reforma que ficou popularmente conhecida pelo nome “Bota-Abaixo”, como descreve Irias (2007): “Por esta Avenida, circulou o mais significativo dos símbolos da modernidade – o bonde elétrico, que levava para os novos subúrbios os operários que o centro da cidade não mais abrigava”⁵⁰.

Após essas intervenções realizadas por Pereira Passos, como afirma Guterman (2012), “o bairro da Lapa passa a integrar todos os planos de reforma urbanística da cidade”⁵¹. Ainda no início do século XX, sob a administração de Carlos Sampaio é derrubado o Morro do Castelo. Em seguida, cria-se o Plano Agache, sob a administração do prefeito Antônio Prado Junior, dando “continuidade à ideologia de embelezamento da cidade e de estratificação social presente na Reforma Urbana de Passos”, mas que, devido a Revolução de 30, pouco do que havia sido planejado se concretizou⁵².

⁴⁶ Ibidem, p. 26.

⁴⁷ Ibidem, p. 26.

⁴⁸ GUTERMAN, 2012, p. 26.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ IRIAS, 2007, p. 6.

⁵¹ GUTERMAN, 2012, p. 27.

⁵² ARAÚJO, op. cit., p. 44.

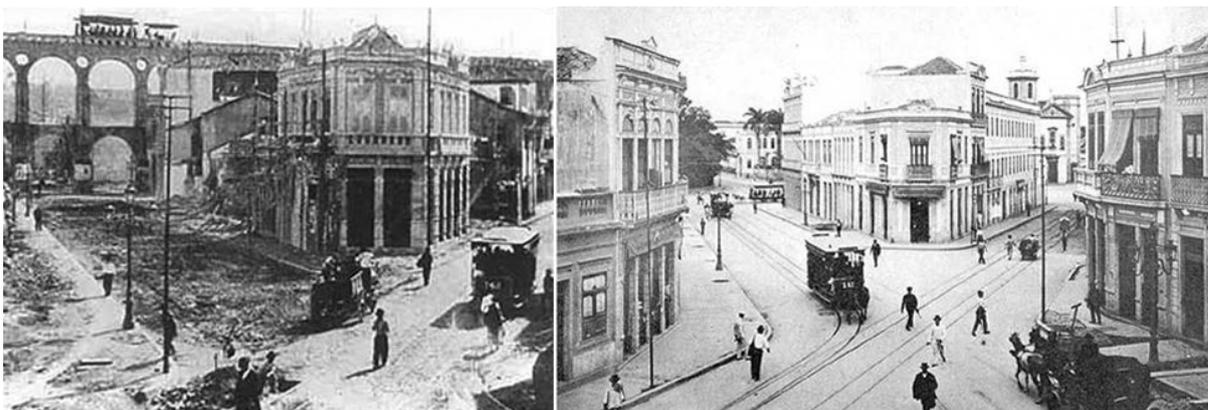


Figura 03 e 04 – Construção da Avenida Mem de Sá em 1904 e a obra finalizada em 1908. Fonte: Blog Caipirinha de Barril⁵³.

O que se observa, no entanto, é que tais medidas implementadas pelos planos urbanísticos de embelezamento e higienização da cidade do Rio de Janeiro acabaram por gerar um resultado um tanto controverso em relação aos seus propósitos, pois como afirma Duarte (2009) "representaram, na opinião de muitos autores, o verdadeiro início do processo de favelização da cidade", dando surgimento a um "cinturão de pobreza"⁵⁴ que circundava a área central do Rio de Janeiro. Isso porque essa população pobre, por não ter condições de arcar com os custos de transporte gerados pelo aumento da distância entre suas residências e o local de trabalho, buscou moradia em "áreas nas imediações do centro e para cima dos morros que o circundam"⁵⁵.

Mas, nada adiantou essa tentativa de expropriar os pobres do bairro. Um progressivo rastro de desvalorização imobiliária, reflexo da deteriorização da qualidade de vida que vinha acontecendo no bairro, fez acelerar a substituição das famílias abastadas que habitavam sobrados e palacetes, por famílias de baixo poder aquisitivo. As nobres moradias eram transformadas em casas de cômodos para alugar, reproduzindo os modelos de habitações que fora tão combatido pela administração do prefeito Pereira Passos⁵⁶.

Ocupada então por essa população menos abastada, ainda nas primeiras décadas do século XX a Lapa ficou conhecida pela coexistência de dois ambientes distintos: um diurno familiar, trabalhador e um noturno boêmio⁵⁷, que fez da região um famoso e agitado ponto de encontro na noite carioca, conhecido pelo estigma da malandragem e contravenção. O bairro teve seu auge nas décadas de 1920 e 1930, quando seus "restaurantes e cabarés abrigavam a noite mais movimentada, as mulheres mais famosas, os malandros mais renomados. A vida noturna, ali, oferecia opções para todos os gostos, ostentando a mais absoluta diversidade", o

⁵³ Disponível em http://caipirinhadebarril.blogspot.com.br/2010/01/historias-da-lapa-em-construcao_24.html.
Data da pesquisa: 11/05/2015.

⁵⁴ DUARTE, op. cit., p. 6.

⁵⁵ SOUZA, op. cit., p. 28.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ ARAÚJO, op. cit., p. 29.

que lhe rendeu o apelido de "*Montmartre carioca*"⁵⁸. No ambiente se encontravam personagens diversos, entre intelectuais, artistas, prostitutas, travestis e trabalhadores que se dividiam pelos muitos cassinos, cabarés, prostíbulos, bares, restaurantes e casas de shows existentes na área e que ao mesmo tempo coexistiam com as indústrias, armazéns, farmácias, barbearias, colégios e escolas de música que funcionavam durante o dia.

Porém, já na década de 1940, a Lapa entra em um novo processo de "decadência". A vida noturna boêmia começou a incomodar os moradores e as autoridades, que tomaram providências para a retirada dos bordéis e da prostituição do bairro⁵⁹. Na mesma época, colocou-se em vigor pelo governo de Getúlio Vargas, um pacote de medidas moralizadoras que "por decreto obrigou o fechamento imediato de todos os prostíbulos e cabarés da cidade. Um banho de água fria nas duas mais rentáveis diversões e atrações da Lapa"⁶⁰. Neste ponto, é interessante se traçar um paralelo com o argumento moral semelhante utilizado pelo prefeito César Maia ao fechar o Circo Voador em 1996. O episódio aconteceu quando no dia da eleição do seu sucessor, Luis Paulo Conde, os dois foram juntos comemorar a vitória em um evento de punk que acontecia no Circo, sendo vaiados e praticamente expulsos pelo público⁶¹. Dois dias depois, em 18 de novembro, César Maia ordenou o seu fechamento, alegando irregularidades e perturbação da ordem pública.

Ainda sobre o declínio da Lapa em 1940, de acordo com Guterman (2012), tem-se que nessa época, com a repressão advinda da política do Estado Novo (1937-1945), ocorre um "esvaziamento" do bairro, levando à perda do "locus" da malandragem que o caracterizara até então⁶². Concomitante a isso, o Brasil sofria uma aceleração da industrialização e o governo reforçava a valorização do trabalho em substituição à exaltação da malandragem⁶³.

Ao revisitar os anos 40 e 50, os autores analisam que este é um período caracterizado pelo declínio da Lapa por várias razões que vão desde a retirada dos bondes de circulação, a construção da Perimetral e uma ideia de reurbanização pautada em demolições em massa de casarões antigos para dar espaço às grandes avenidas e a construção de edifícios. Para aqueles que viveram nesta época, significou o esvaziamento do Centro, caracterizado por intervenções urbanas tão profundas que descaracterizariam as ruas que compunham esta região⁶⁴.

Neste contexto, a Lapa, assim como grande parte da região central do Rio de Janeiro, passa então por um novo processo de esvaziamento e tem seus usos alterados. Se antes era um

⁵⁸ IRIAS, op. cit., p. 6.

⁵⁹ GUTERMAN, 2012, p. 30.

⁶⁰ SOUZA, op. cit., p. 30.

⁶¹ VIDAL, 2006, p. 121.

⁶² GUTERMAN, 2012, p. 30.

⁶³ VIDAL, op cit, p. 22.

⁶⁴ CARUSO, op. cit., p. 70.

bairro residencial e de lazer, carregado de valor simbólico, se tornou um lugar de passagem. Como aponta Souza (2012), "A área central da cidade especializava-se cada vez mais nas funções financeiras e de negócios"⁶⁵ e a função de bairro residencial foi transferida para regiões da zona sul da cidade.

Na década de 1960, além da transferência da capital para Brasília, o que de acordo com Guterman (2012) "também é vista como um fator decisivo nessa “decadência” do bairro"⁶⁶, "surge um projeto governamental para a construção de uma grande avenida que cortasse o Centro de norte a sul, repetindo o feito de Pereira Passos e desafogando a sua antiga Avenida Central. No meio do caminho, porém, estava a Lapa"⁶⁷. Embora o plano não tenha sido concluído, quarteirões inteiros foram arrasados e inúmeros prédios demolidos, desfigurando mais uma vez o que sobrara do bairro.

Ainda nesta década, durante o período em que esteve à frente do governo do Estado da Guanabara (1960-1965), Carlos Lacerda irá operar mudanças significativas na paisagem carioca – inclusive nos arredores da Lapa – "ao materializar a noção de modernidade em vias expressas, túneis e viadutos"⁶⁸. A grande ênfase do seu governo, como afirma Mello (2012), estava "na execução de obras de infraestrutura urbana, que se tornariam o motor do desenvolvimento da cidade", colocando em prática "um novo conceito para a cidade, onde, junto ao bordão *novo rio*, impunha-se um esforço pela manutenção do status de capital"⁶⁹. Dentre alguns dos seus feitos, destacam-se:

Promoveu, inicialmente, uma modificação no sistema de transportes, substituindo os antigos bondes por 600 novos ônibus elétricos [...] A abertura de túneis e a construção de viadutos foi outra de suas marcas – ao todo, foram construídos 19 viadutos e abertos 5,6 quilômetros de túneis. Ao final de 1962 foram concluídas as obras do Túnel Santa Bárbara e iniciadas as obras do Túnel Cosme Velho - Lagoa (ou Túnel Rebouças). Também foram executadas obras de ampliação e pavimentação da Avenida Suburbana, a abertura do Túnel da Rua Toneleros (facilitando a comunicação entre Copacabana, Ipanema e Lagoa), a construção do Trevo das Forças Armadas (importante eixo de ligação com a Zona Norte), além das obras do Viaduto dos Marinheiros, do Parque do Aterro do Flamengo, da Avenida Radial Oeste e a construção da Rodoviária Novo Rio⁷⁰.

No que se refere ao plano político, verifica-se que nesta época, instaura-se no Brasil a ditadura militar, através do golpe de 1964, provocando mudanças significativas nos hábitos, comportamentos e práticas culturais da sociedade. Como aponta Vidal (2006), "Por um lado, trata-se de um período da história em que mais são produzidos e difundidos os bens culturais;

⁶⁵ SOUZA, op. cit., p. 34.

⁶⁶ GUTERMAN, 2012, p. 31.

⁶⁷ IRIAS, op. cit., p. 7.

⁶⁸ MELLO, 2012, p. 17.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Ibidem, p. 19.

por outro lado, ele se define por uma repressão ideológica e política intensa"⁷¹. Apesar da censura, forte característica desse governo, o Estado estimulava o desenvolvimento de atividades culturais, desde que submissas ao Poder Nacional.

O que se observa, portanto, é que durante esse período da ditadura militar no Brasil, ocorreu, principalmente na população mais jovem, uma espécie de florescimento cultural e revolução dos costumes. Vidal (2006) aponta ainda que após o "agravamento da repressão, a partir de 1968, o florescimento cultural ganhou novas formas de manifestação e funcionou, em parte, como válvula de escape diante do fechamento de outros canais de expressão"⁷². Tem-se "uma formidável expansão da produção, da distribuição e do consumo de bens culturais"⁷³, o que significa que a população da época passou a não só consumir mais esses bens culturais, como também a produzir mais. E é neste contexto em que nasce o Circo Voador – ainda que, neste momento, distante da Lapa.

1.2. O Asdrúbal Trouxe o Trombone e o Circo no Arpoador

"Na década de 60, o teatro havia sido a resistência cultural mais combativa e combatida. Desde 64 o teatro estava em permanente suspeição e de fato, diretores e artistas como um todo, foram brutalmente perseguidos e torturados"⁷⁴. Foi neste cenário em que o grupo de teatro, música e circo "Asdrúbal Trouxe o Trombone" surgiu e desenvolveu parte expressiva do seu trabalho.

Criado em 1974, quando "apesar de certa distensão política, a ditadura permanecia, com o AI-5, com a censura e a repressão policial"⁷⁵, o grupo era integrado por artistas como Regina Casé, Luiz Fernando Guimarães, Perfeito Fortuna, Evandro Mesquita, Patrícia Travassos, Hamilton Vaz Pereira, Nina de Pádua, entre outros que atuam no ramo cultural até hoje. Se apresentando por cidades ao longo do Brasil de forma inovadora e irreverente, o Asdrúbal "mobilizou de forma inédita um público tão grande quanto heterogêneo"⁷⁶ e se tornou um importante ícone do teatro e a da cultura da década de setenta.

A relevância em descrever aqui a história do Asdrúbal vai além de reconhecer a sua importância enquanto um grupo de artistas que produzia e disseminava cultura através do teatro desde as últimas décadas do século XX, mas se faz necessária principalmente para

⁷¹ VIDAL, op. cit., p. 49.

⁷² Ibidem, p. 43.

⁷³ Ibidem, p. 48.

⁷⁴ Ibidem, p. 45.

⁷⁵ Ibidem, p. 52.

⁷⁶ Ibidem, p. 53.

compreender como seu "efeito-asdrúbal disseminador"⁷⁷ foi responsável pela criação de algo ainda maior que acabou por se tornar outro importante ícone cultural da época – que perdura até hoje – e um dos principais objetos desta pesquisa: o Circo Voador.

Depois de seu efeito catártico, de sua tradução de uma geração, o Asdrúbal transmutou e passou a ter um maravilhoso efeito-asdrúbal disseminador. Uma multidão de grupos musicais, teatrais, artísticos nasceu, assim, do seu seio, e são seus descendentes diretos. Dentre esses tantos nomes podemos citar a Blitz, o Banduendes Por Acaso Estrelado, o Manhas e Manias, a Intrépida Trupe, Cazuza, Fernando Guimarães, Fausto Fawcett, Fernanda Torres e muito outros, sem falar de Perfeito Fortuna, que criou uma peça importante na história do Asdrúbal, o Circo Voador⁷⁸.

Frente então à efervescência cultural que se vivia no Rio de Janeiro na década de 1980 e à carência de espaços que abrigassem os novos grupos "descendentes" do Asdrúbal, Perfeito Fortuna surgiu com a ideia de criar uma lona, um circo itinerante, voador, na Praça Nossa Senhora da Paz, em Copacabana⁷⁹. Após inúmeras tentativas, junto a amigos e integrantes do Asdrúbal, conseguiu o contato com o então prefeito Júlio Coutinho, que lhes concedeu o uso do Arpoador até que as obras do seu calçadão fossem concluídas. Inaugura-se então, em 15 de janeiro de 1982, o Circo Voador, "um audacioso misto de centro cultural e comunitário, estando aberto a todas as formas de manifestações artísticas e educacionais"⁸⁰.

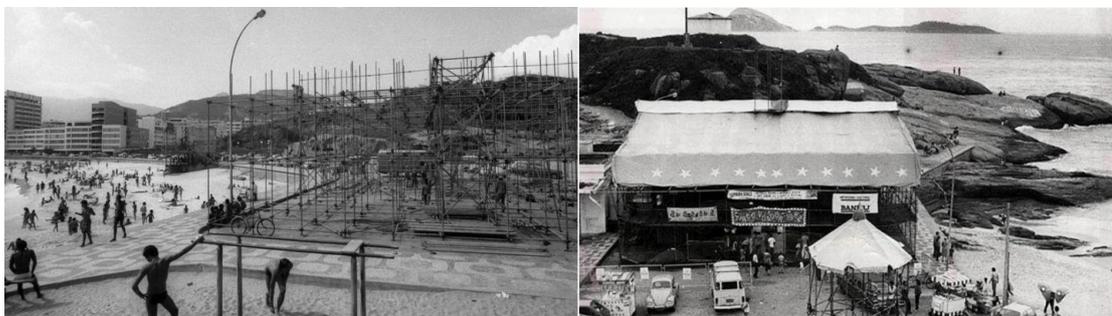


Figura 05 e 06 – Estrutura do Circo Voador durante a sua montagem e após a sua conclusão em 1982.
Fonte: Acervo O Globo e Veja⁸¹.

A *Supreendamental Parada Voadora*, desfile que reuniu cerca de quinhentos artistas e atraiu transeuntes da Praça Nossa Senhora da Paz em direção ao Arpoador, anunciava a chegada do Circo, como é descrito na reportagem abaixo que ilustra bem o que seria o espaço nessa sua primeira etapa: passariam por lá apresentações de teatro, dança, circo e música,

⁷⁷ Ibidem, p. 54.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Ibidem, p. 66.

⁸⁰ Ibidem, p. 68.

⁸¹ Disponíveis em <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/circo-voador-pousa-no-arpoador-9506927> e <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/uma-incrivel-viagem-no-tempo-ao-passado-da-cidade-maravilhosa>. Data da pesquisa: 11/05/2015.

além de cursos e oficinas para adultos e crianças. Sua permanência no Arpoador estava programada, inicialmente, para durar até o dia 31 de março, podendo ser estendida.

JORNAL DO BRASIL □ sexta-feira, 15/1/82 CADERNO B — 5



Em frente à Praia do Arpoador, o Circo Voador armado pelos integrantes do Asdrúbal Trouxe o Trombone pretende manter intensa programação durante o verão. Do circo ao teatro, do show à dança, os espetáculos se sucederão em meio a cursos para adultos e crianças

SERVIÇO



CIRCO VOADOR UM POUSO PARA VÔOS OUSADOS

Sonia R. P. Machado

O circo chegou. E antes que fosse anunciado, todos já sabiam que vinha como em qualquer cidade do interior. Comentários e suposições circulavam pela cidade. A parada ocorrida em Ipanema no último domingo esclareceu. Carros alegóricos, triciclos e bicicletas desfilaram por meio de pessoas, alegrando, motivando, anunciando. E hoje, a partir das 21h, na estrutura montada na praia do Arpoador, o circo estreia.

É o Circo Voador. Um circo urbano, dirigido por artistas. Um circo brasileiro, nas cores verde, amarelo, azul e branco. Uma maneira diferente de grupos de teatro se apresentarem.

São mais de 30 grupos que irão apresentar-se até o dia 31 de março, ou, conforme for a resposta do público, até data posterior. A organização está por conta de Perfeito Fortuna, Luis Fernando Guimarães, Hamilton Bastos Pereira, Regina Casé, Evandro Mesquita, do grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone e de Márcio Cavêlo, Maurício Sette e Ivo Setta.

Nos três primeiros dias de apresentações, nove grupos farão uma síntese do que será sua atuação no dia em que apresentarem a peça inteira. Camisetas serão vendidas por Cr\$ 2 mil valendo a entrada.

Para cada dia, uma cor será definida. E quem tiver a camiseta, poderá participar de bailes, projeção de cinema, festas que fazem parte da programação, sem pagar mais nada. Mas não vale como entrada para qualquer outro dia de show a não ser o especificado.

— Esse lance da camiseta — diz Perfeito — é para pagar os Cr\$ 4 milhões que gastamos com a montagem do circo. Já fiz isto em uma peça do Corpo Cênico encenou, passando os custos. E uma ajuda para a gente não começar devendo muito, já que o circo não aceita patrocínio.

Perfeito informa que as camisetas estão à venda no circo. Pode também a quem quiser dar uma contribuição. Hoje começa a apresentação do movimento coletivo com a amostra dos seguintes espetáculos: *Vivo Muito Vivo e Bem Disposto*, com o grupo de mesmo nome, dirigido por Hamilton Bastos Pereira. Este grupo foi formado por um curso de Hamilton no Parque Laje, em maio, juntamente com outros componentes do grupo Asdrúbal. Cada uma formou um grupo novo sob direção própria. Um repertório de atos será encenado, destacando-se o *Fazendo Bonito*, história de um grupo de aviadores. Todos os temas deste grupo são ligados a histórias aéreas, literárias. São mais de 20 pessoas, entre 18 e 20 anos, que começaram a representar na rua, em parques e universidades. Prometem divertir. Esta apresentação terá duração de meia hora, ou mais, conforme o espírito do grupo.

O próximo, provavelmente, será o *Corpo Cênico de Nossa Senhora dos Navegantes*, dirigido por Perfeito. Este espetáculo também veio do curso dado no Parque Laje. De nome *Para-Quedas do Corcovado*, trata de uma história sobre a paixão das pessoas.

— É uma história linda, de uma fábrica de soutiens. Um funcionário, apaixonado pelo mundo, resolve fazer soutiens maiores na fábrica, para que neles caibam os corações das pessoas que não param de crescer. Mas o patrão não entende, acha que vão gastar muito tecido.

O grupo *Boduenes por Acaso* Estranhos vai contar *A História de Nemias Demutchi, ou Espetáculo*, que, segundo Evandro Mesquita, que juntamente com Patrícia Travassos formou este grupo, "tem tudo a ver com o espírito do circo pela forma de se apresentar".

— Eles captaram a energia e a mesma linha do Asdrúbal. São 20 pessoas jovens que se apresentaram em um musical, juntamente com a Banda Blitz. Um espetáculo real de ficção, trágico e cômico, integral, natural. Vão fazer arte pintando o sete, descobrindo o mundo, inventando o avião e indo fundo no seu coração.

Entre essas três peças, alguns grupos farão entreatos não especificados, de 15 minutos cada.

Amanhã, o grupo *Abraçadabra* começará a sua apresentação pela manhã fazendo *salto-livre*. De base essencialmente circense, o grupo é encabeçado por Bruno Moroni que tem oito anos de prática de circo fora do Brasil. Já há mais de cinco anos juntos, o grupo já apresentou peças como *Exílio do Mundo e Punk Apocalíptico Circense*. Para esta apresentação, treinarão *salto-livre* a 2 mil 500m de altura.

— Vai ser incrível descer no Arpoador de para-quadras. Uma nova sensação. Depois damos um tempo e vamos às 20h para o circo onde apresentaremos um *post-pouri* do *Abraçadabra* entre material novo e velho.

O grupo *Coringa* de dança contemporânea também fará um compacto de seus espetáculos sob a direção de Oraciella Figueiredo neste mesmo dia. Outros grupos farão entreatos de 15 minutos, ainda não escolhidos.

É no domingo, o grupo *Manhas e Manias* vai apresentar um show infantil às 17 horas, juntamente com o *Coro Coral* (Coral da Cultura Inglesa) e participação de outros grupos.

Semanalmente, será impresso o *Expresso Voador*, jornal que especificará as atividades culturais e artísticas do circo, cortesia do JORNAL DO BRASIL. A distribuição será grátis: é só chegar no circo e pedir.

As apresentações serão feitas por

Regina Casé e Luis Fernando Guimarães, os únicos elementos do grupo Asdrúbal a participar fisicamente do evento, os outros estarão na direção dos respectivos espetáculos. Eventualmente poderão participar, improvisando, o que aliás é o forte deste grupo.

Cursos serão ministrados a partir de segunda-feira, com inscrições feitas no local. Para adultos o grupo *Abraçadabra* dará aulas de acrobacia, contorcionismo, pirâmides, castas, dobrê, saltos ornamentais e lutas simuladas. As aulas terão como objetivo a montagem do número acrobático a ser apresentado no decorrer da temporada, juntamente com outros números de cursos diferentes. O horário é das 8h às 10h, as segundas, quartas e sextas, com duração de cinco semanas e ao preço de Cr\$ 3 mil.

Também para adultos, um curso de dança ministrado pelo grupo *Coringa* ao preço Cr\$ 5 mil. Aulas das 8h às 10 horas são às terças e quintas, com duração de cinco semanas.

A programação para crianças será maior, com todos os cursos sob o slogan de *Deixe seu filho no voador e dê um mergulho no Arpoador*. Três professoras darão aulas de teatro às terças e quintas das 14h às 15h30m. Duração de um mês.

Cursos de palhaços por Malu *Abraçadabra* funcionarão de 15h30m às 17h às terças e sextas. Curso de acrobacia dado pelo Ma-

nhas e Manias às segundas e quintas, das 15h30m às 17 horas com equipamento individual. Outro curso, este de artes plásticas, será dado por Anaili Fretes e Edgar Macedo e funcionará às terças e quintas, das 14h às 15h30m. De danças acontecerá nos horários de 15h30m às 17 horas, todas as terças e sextas, ensinando postura, jazz, e dança livre. Nestor Capoeira dará um curso de capoeira, às segundas e quartas, das 15h30m às 17 horas. Duas maldoteperutas ensinarão, às segundas e quartas, das 14h às 15h30m.

As inscrições podem ser feitas no circo. Qualquer curso infantil custará Cr\$ 3 mil dando direito a criança de assistir a todos os espetáculos infantis programados pelo Circo Voador.

Do dia 22 ao dia 31 de janeiro o circo apresentará, às 18h e 21 horas, ao preço de Cr\$ 300 por pessoa, diversos espetáculos com participação dos grupos: *Corpo Cênico dos Navegantes*, *Hombu*, *Coringa*, *Abraçadabra*, *Manhas e Manias*, *Pessoal do Cabaré*, *Lua me dá do Coço*, *Cê da Boca*, *Coral da Cultura Inglesa*, *Barduenas por Acaso*, *Estradados*, *Resticências* e *Trancan*, *Blitz*, *Xororô*, *Mixirico*, *Vira Avesta*, *Parabéns pra Você*, *Beijo na Boca*, *Chapeuzinho Amarelo*, *Barão*, *Charme e Simpatia*, *Contadores de História*, *João Penca* e seus *Miquinhos Armestrados*, *Vivo muito Vivo e Bem Disposto* e finalmente *Nuven Cigana*.

Figura 07 – Circo Voador: um pouso para vôos ousados. Fonte: Acervo Jornal do Brasil⁸².

O circo chegou. E, antes que fosse anunciado, todos já sabiam que vinham como em qualquer cidade do interior. Comentários e suposições circulavam pela cidade. A parada ocorrida em Ipanema no último domingo esclareceu. Carros alegóricos, triciclos e bicicletas desfilaram por meio de pessoas, alegrando, motivando, anunciando. E hoje, a partir das 21h, na estrutura montada na praia do Arpoador, o circo estreia. É o Circo Voador. Um circo urbano dirigido por artistas. Um circo

⁸² Reportagem do Jornal do Brasil no dia 15 de janeiro de 1982 sobre a chegada do Circo Voador no Arpoador.

brasileiro nas cores verde, amarelo, azul e branco. Uma maneira diferente de grupos de teatros se apresentarem⁸³.

A entrada era cobrada através da venda de camisetas, uma cor para cada dia de evento, por Cr\$ 2 mil. Na mesma reportagem, Perfeito Fortuna explica: "Esse lance da camiseta é para pagar os Cr\$ 4 milhões que gastamos com a montagem do Circo. [...] É uma ajuda para gente não começar devendo muito, já que o circo não aceita patrocínio".

Na noite da sua estreia, como descreve a reportagem do Jornal do Brasil do dia 17 de janeiro de 1982, o Circo Voador contou com a apresentação de Moraes Moreira. Além de ter os 700 lugares que o espaço comportava lotados, "ainda divertiu quem não tinha os Cr\$ 800.00 do ingresso, pois suas lonas laterais foram suspensas"⁸⁴, uma iniciativa dos organizadores que demonstra, conforme aponta Vidal (2006) como "desde o seu início, o Circo Voador e os seus artistas já tinham preocupações sociais, usando-se de elementos artísticos e culturais para integrar socialmente a população carente"⁸⁵.



Figura 08 – Circo Voador faz sucesso no Arpoador. Fonte: Acervo Jornal do Brasil⁸⁶.

Durante os quase três meses do verão em que esteve no Arpoador, o Circo funcionava praticamente 24h por dia. "Pela manhã, cursos. À tarde, ensaios (no final da tarde, apresentação de peças infantis). E depois os espetáculos noturnos, uma média de cinco

⁸³ Idem.

⁸⁴ Reportagem do Jornal do Brasil do dia 17 de janeiro de 1982.

⁸⁵ VIDAL, op. cit., p. 71.

⁸⁶ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 17 de janeiro de 1982 sobre a noite de estreia do Circo no Arpoador.

eventos por noite a Cr\$ 300 o ingresso"⁸⁷. Passaram por ali 475 artistas que se apresentaram para cerca de 50 mil pessoas, além dos 18 professores que atenderam 204 adultos e 50 crianças nos cursos e oficinas oferecidos no espaço⁸⁸. Ainda sobre a sua programação:

Recebendo um público médio de 250 pessoas por noite, o Circo Voador não encenou apenas teatro (geralmente a cargo de grupos alternativos, como Abacadabra, Manhas e Manias, Baduendes Por Acaso Estrelados e Vivo Muito Vivo e Bem Dispostos, entre outros). Ali apresentaram-se também espetáculos de dança, de grupos de rock, de capoeira [...] e, principalmente, de música popular brasileira, com artistas como Chico Buarque de Holanda, Moraes Moreira, Elba Ramalho, Duardo Dusek, Tania Alves e Caetano Veloso⁸⁹

O Rio de Janeiro experimentava, com o funcionamento do Circo Voador, "um grande movimento que nascia e que daria "cara" ao movimento cultural da década de 80"⁹⁰. No entanto, sem patrocínio e sem a arrecadação necessária tanto para pagar as dívidas feitas para sua construção, como para se manter em funcionamento, o Circo se despede oficialmente do Arpoador em 31 de março de 1982, apesar de somente no dia 15 de abril do mesmo ano – quando Perfeito Fortuna ainda negociava com a prefeitura a transferência do circo para outro local e a multa de Cr\$ 7 mil diários que estariam sendo cobrados desde o dia 1º de abril – a "rapa", por ordem do prefeito Júlio Coutinho, chegar ao local e recolher a estrutura montada no calçadão, como narra abaixo a reportagem do dia 16 de abril de 1982.

Em entrevista concedida ao Jornal O Globo em 24 de setembro de 1982, Perfeito Fortuna afirma: "Eu nunca pensei em ficar pra sempre no Arpoador, nem a Prefeitura permitiria. E nunca pensei que, saindo do Arpoador, o Circo morreria. O Circo é uma idéia, e as idéias não morrem, se transformam"⁹¹. E é então que o Circo Voador se transforma em um espaço cultural definitivo da cidade do Rio de Janeiro e, mais especificamente, da Lapa.

⁸⁷ Reportagem do Jornal do Brasil do dia 16 de abril de 1982.

⁸⁸ Reportagem do Jornal do Brasil do dia 7 de setembro de 1982.

⁸⁹ Reportagem do Jornal do Brasil do dia 16 de abril de 1982.

⁹⁰ VIDAL, op. cit., p. 72.

⁹¹ Reportagem do Jornal O Globo no dia 24 de setembro de 1982.

UM SONHO ACABOU?

Regênio Reis



Lona no chão, dobrada pelos homens da rapa: o Circo Voador foi obrigado, ontem, a retirar-se do Arpoador

O CIRCO VOADOR ESTÁ "VOANDO" MAS GARANTE QUE VOLTA

Mara Caballero

DEU rapa no Circo Voador. Ontem, as 18h30m, Perfeito Fortuna, do grupo Asdrubal Trouxe o Trombone e um dos responsáveis pela criação e realização do Circo, surpreendeu-se com a chegada de três caminhões do 4º Distrito de Fiscalização do Comércio Ciandestino — o rapa — que começaram a receber o material da estrutura armada no Arpoador.

A idéia era transferir o circo diretamente para o outro local, afinal foi um sonho que deu certo. O problema era a falta de recursos para pagar a mão-de-obra especializada. Tudo era feito artesanalmente pelo pessoal do Circo, marateinho na mão: "O marateio tem sido meu companheiro nestes dias, mas não sou carpinteiro, sou artista, e isso ia demorar muito" — afirma Perfeito Fortuna.

Na noite de 7 de abril, o circo recebeu o primeiro "pacote de multas" de Cr\$ 7 mil diários. Foi a Prefeitura, todo mundo muito nervoso. Na conversa com Dona Nazare, a informada de que o circo estava sendo desmontado, mas aos poucos.

Apesar de Fortuna ainda considerar o ato uma violência, pois não foi nem informado com antecedência, apesar dos contatos com dona Nazare, a turma do rapa explica que estava lá "colaborando com a retirada do material". E já trocava fichas telefônicas com Fortuna que, desalçado e os longos cabelos presos por um pregador, explicava calmamente que a função do rapa "é uma função colonizadora", pois está indo enfrentar os biscaiteiros, os que não têm empreitada na biscaiteira, ou seja, "exclamação Fortuna, enquanto alguns membros da equipe argumentavam que "ordem e ordem" e o problema do desemprego não era deles. Fortuna concordou e concluiu: "Talvez interesse a existência de margens ao invés de biscaiteiros".

Entusiasmado, Fortuna fala do sucesso do Circo Voador. Foram 150 pessoas trabalhando diariamente, 500 trabalharam nos dois meses e meio do empreendimento para um público de 50 mil pessoas, que pagava um ingresso de Cr\$ 200,00 para assistir a três espetáculos à noite, ou a vespertina infantil, ou ainda para participar dos cursos pela manhã. A despeito de Cr\$ 5 milhões incluídos no contrato com a Rota e a lona e o madame, que são do circo.

As primeiras conversas sobre o futuro do Circo Voador começaram, segundo Perfeito Fortuna, no dia 10 de março. Fortuna, Márcio Calvo, Maurício Sette e Ivo Setta, os responsáveis oficiais pelo Circo Voador "ou somos os irresponsáveis?" — pergunta, rindo. Perfeito reivindicava uma prorrogação de um mês. As alegações eram o vazio do complexo — "custou a pagar" — e a solidificação do movimento gerado pelo Circo Voador nos últimos tempos.

Pouco depois, o grupo soube, através de dona Zoe Chagas Freitas (que desde o início deu seu apoio à ideia) que o Prefeito Júlio Coutinho tinha "um local maravilhoso" para a transferência do Circo. Ela era necessária — alega-se — porque as obras do novo local do Arpoador deviam começar logo.

Lá pelo dia 24 ou 25 de março, ainda segundo Fortuna, o grupo descobria nas conversas com a secretária, Dona Nazare, que o "local maravilhoso" ainda estava em estudos. E este ouviu um pedido de sugestão. O grupo responsável pelo Circo Voador pensou logo no Parque da Catecumba, em frente ao Corte de Cantagalo, acesso fácil inclusive para quem viesse de Zona Norte, longos edifícios e espaço até maior do que no Arpoador. "Chegamos até a tirar medidas."

Perfeito Fortuna confessa que achou um pouco estranho o Prefeito utilizar essa expressão e ficou sem entender o que significava. E dormiu mal a noite de antontem para

apresentar, não havia, mas Perfeito não se preocupou em exigir.

A Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura informou ontem que a presença do 4º Distrito de Fiscalização recolhendo o material do Circo Voador foi um "processo de rotina", pois os responsáveis já estavam sendo avisados, através de 10 multas, de que deviam sair do local. O contrato acabara no dia 15 de março (Perfeito Fortuna discorda da data) e o circo estava impedindo o início das obras de urbanização da área.

Mas o Prefeito Júlio Coutinho ressaltou que achou a experiência bem-sucedida culturalmente. Entende que ela deve institucionalizar-se, "para seguir a sistemática de outras casas de espetáculo, entrando no circuito normal dos espetáculos circenses". Quanto à utilização da área em frente ao Corte do Cantagalo, ainda não foi eliminada: esta em estudos.

PROCEDIMENTO DE ROTINA

Perfeito Fortuna confessa que achou um pouco estranho o Prefeito utilizar essa expressão e ficou sem entender o que significava. E dormiu mal a noite de antontem para

UM ESFORÇO DE VERÃO

O Circo Voador — 572 metros quadrados de estruturas metálicas e lona azul, armadas entre as praias do Arpoador e do Diabo — iniciou suas atividades no dia 15 de janeiro, uma sexta-feira. Desde o domingo anterior, carros alegóricos, triciclos e bicicletas desfilavam por Ipanema, anunciando a estreia. O espaço foi cedido pelo Prefeito Júlio Coutinho e a ideia teve a ajuda de Dona Zoe Chagas Freitas, mulher do Governador do Estado (cadeiras e equipamentos de luz foram emprestados pela Riotur).



Nos caminhões da Prefeitura, a parte da estrutura já desmontada

Figura 09 — O Circo Voador está "voando" mas garante que volta. Fonte: Acervo Jornal do Brasil⁹².

⁹² Reportagem do Jornal do Brasil no dia 16 de abril de 1982 sobre o fim do Circo no Arpoador.

2. A CONFIGURAÇÃO DE UMA NOVA LAPA

Até aqui, discutiu-se sobre a Lapa e sobre o Circo Voador antes de estarem diretamente relacionados. Na primeira parte deste capítulo, se buscará a fundamentação da tese central desta pesquisa, através da exposição de dados que evidenciem a importância da chegada do Circo ao bairro em setembro de 1982 para o início da configuração da Lapa, neste primeiro momento de forma mais espontânea, como espaço em potencial para os projetos de intervenção urbana.

Em seguida, visando a contextualização do segundo momento do processo de (re)configuração da Lapa, dessa vez mais institucionalizado, entrando no jogo o setor público, será introduzida uma das questões fundamentais que movem os processos de revitalização urbana no mundo contemporâneo e que veio a mudar o modo de se pensar e produzir as cidades: o planejamento estratégico. Neste sentido, serão estudados também os projetos para a Lapa inseridos neste modelo de gestão urbana, para introduzir ao último capítulo dessa pesquisa, que buscará analisar os seus impactos na reconfiguração do bairro.

2.1. A chegada do Circo Voador à Lapa e o início do processo de revitalização do bairro

Antes, eles eram apenas lúdicos. Agora, também são práticos. Os organizadores do Circo Voador resolveram institucionalizar-se, e depois de uma decolagem forçada do Arpoador, onde há quatro meses bateu o rapa, forçando sua retirada, resolveram pousar na Lapa, desta vez com apoio de patrocinadores, situação legal definida, e com o novo projeto de criar um centro cultural na abandonada Fundação Progresso⁹³.

Como descrito no capítulo anterior e afirmado por Vidal (2006), o Circo Voador "já havia semeado muito bem o seu fruto"⁹⁴ durante os quase três meses em que esteve na praia do Arpoador. Incorporando "fisicamente o desejo de uma geração de desabrochar os aspectos culturais de uma época que estavam há muito tempo calados e abafados por uma ditadura militar", possibilitou a combinação direta entre cultura e sociedade, "desempenhando um papel chave na afirmação da cultura para a construção da cidadania"⁹⁵. Assim, o alcance cultural e social que o Circo obteve nessa sua primeira fase colocou em evidência não somente a sua potencialidade como um importante produtor e difusor de cultura na cidade do Rio de Janeiro, como também deixou clara a existência de demanda e anseio da população por espaços como este.

Logo, após ter sido removido da Praça do Arpoador, não poderia simplesmente sumir do mapa. As negociações entre os organizadores do Circo e o prefeito Julio Coutinho por um novo espaço continuavam, até que lhes foram oferecidos dois possíveis lugares para a nova instalação da lona: o Centro ou a Barra. O prefeito explicou que o objetivo era "permitir que o Circo, após a fase experimental do Arpoador, pudesse dar continuidade ao seu trabalho que vinha tendo tão boa acolhida no meio cultural carioca"⁹⁶.

A escolha pelo centro é explicada em uma reportagem de página inteira publicada no Jornal do Brasil em 7 de setembro de 1982, que traz em destaque o desenho do projeto do Circo Voador em um terreno vazio localizado logo atrás dos Arcos da Lapa. O espaço ganharia quatro módulos de estrutura tubular – alugada a Mundus por Cr\$ 250 mil mensais e que, assim como a manutenção, era patrocinada pelo Ponto Frio Bonzão – e lona, com dois andares e capacidade para 1.500 espectadores. No módulo da frente estaria a Cantina Voadora, para internos das oficinas e para o público dos espetáculos, onde ainda seriam ministrados, por exemplo, os cursos de culinária natural. Nos módulos laterais, a administração, a redação do Expresso Voador⁹⁷, salas de aula, espaço para pequenos

⁹³ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 7 de setembro de 1982.

⁹⁴ VIDAL, op. cit., p. 74.

⁹⁵ Ibidem, p. 133.

⁹⁶ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 7 de setembro de 1982.

⁹⁷ Jornal produzido semanalmente com notícias sobre o Circo e a programação das suas atividades culturais e artísticas. Cortesia do Jornal do Brasil e Rádio Cidade, com distribuição gratuita.

espetáculos, exposições de artes plásticas, cursos de VT e teatro de bonecos, além de um coreto⁹⁸.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Terça-feira, 7 de setembro de 1982

caderno

D

Um projeto que transfere da Zona Sul para um dia próximo mais tratamentos da Cidade, a Lapa, os Arcos, o espírito do coreto

projeção Maurício Setta

O CIRCO VOADOR DESCE NA LAPA

Paulo Matta

ANTES, eles eram apenas lúdicos. Agora, também são práticos. Os organizadores do Circo Voador resolveram institucionalizar-se, e depois de uma decisão forçada do Arpoador, onde há quatro meses bateu o rapa, forçando sua retirada, resolveram pousar na Lapa, desta vez com apoio de patrocinadores, situação legal definida, e com o novo projeto de criar um centro cultural na abandonada Fundação Progresso.

"Pintaram problemas burocráticos, dificuldades e tivemos que nos organizar, arranjar patrocínio, entrar nas normas e pagar um aluguel simbólico de Cr\$ 20 mil mensais para usar o terreno da Lapa até 31 de dezembro próximo", diz o ator Ferreto Fortuna, um dos fundadores do Circo Voador.

O Prefeito Júlio Coutinho ofereceu dois lugares: o Centro ou a Barra, e explicou que o objetivo é "permitir que o Circo, após a fase experimental do Arpoador, pudesse dar continuidade ao seu trabalho que vinha tendo tão boa acolhida no meio cultural carioca. Mas, para ganhar esse novo terreno, o Circo teve de regularizar sua situação, cumprir formalidades burocráticas e ceder 10 ingressos por sessão para a Rioarte distribuir entre

para examinar temas como a preservação do patrimônio histórico-comunitário da Cidade. Nos sábados, espetáculos infantis, e uma Circa Voadora, com apoio dos Departamentos Municipal e Estadual de Cultura, Inacem, Rioarte e Sociedade Brasileira de Educação Artrave da Arte, com tarefas artísticas e de utilidade pública, para a rede oficial de 1ª e 2ª graus.

"Vamos também incluir o Circo e o que acontecer neste novo projeto de cinema e VT dirigido por Joaquim Pedro de Andrade. As oficinas serão de teatro, dança, coral, iluminação e artes cênicas. A estreia é dia 21", diz Ferreto Fortuna. Mas já no dia 17 sai a Surpreendente Parada Voadora nº 2, numa pequena mostra do que será o Circo em alas com alegorias. O desfile será no horário de almoço e sairá da Cinelândia em direção a Lapa, pelo calçadão, para não atrapalhar o trânsito.

A preferência pela Lapa deve-se a que já existe no local uma tradição de apresentar eventos, como a Via-Sacra e bailes no ar livre, com a vantagem de reunir os públicos da Zona Sul, Zona Norte e Centro. A área que está sendo ocupada, uma praça entre as Ruas Mem de Sá e dos Arcos, tem 3 mil metros quadrados e um estremo formado pela série de prédios futuristas da região vizinha ao Largo da Carioca. Será toda cercada por alambrados, plantas e palmeiras imperiais.

"A Marta Moraes tem uma irmã que começou plantando palmeira imperial lá em Campos e hoje tem uma enorme plantação. Parece que a fazenda será vendida, e para negociar as palmeiras, ela vai trazer algumas e plantar em volta do Circo para ficar em exibição", explicou Maurício Setta, autor do projeto.

A montagem da estrutura tubular, alugada a Mundus por Cr\$ 250 mil mensais, começou no dia 16 de agosto e está por terminar. Assim como a manutenção, e patrocinada pelo Ponto Frio Bonfraz, Claudio Cohen, diretor de merchandising da empresa, explicou: "Estamos apoiando o Circo, sem finalidades lucrativas. Queremos ser úteis à comunidade. No Arpoador, deu certo, agora é uma oportunidade de renovar a área da Lapa, o Rio Antigo. Seria ótimo se outras empresas participassem também desse apoio."

Claudio está procurando um financiamento para cada tipo de atividade do Circo e levar os fornecedores a expor seus produtos. Uma ideia, por exemplo, é que os fabricantes de liquidificadores promovam um curso para ensinar a fazer sucos naturais e cedam os aparelhos para a Cantina Voadora. Está também em estudo a participação dos funcionários do Ponto Frio Bonfraz nas aulas e oficinas durante suas horas vagas.

Se no Arpoador os vizinhos reclamaram do barulho no Centro esse problema não existe. Os comerciantes esperam aumentar a frequência, os moradores do único prédio residencial próximo não têm nada contra, e so os travessias estas atividades: uma acharam que vai "aparecer concorrência", ou "espantar a frequência" mas outros acreditam que nos negócios vão melhorar, ou até "pintar um showzinho no circo".

Fernando Bandeira, presidente da Associação dos Moradores do Centro, acredita que o Circo vai revitalizar a Lapa. E conhece o pessoal do Circo Voador durante os projetos contra a demolição da Fundação Progresso, o último exemplar do coreto antigo da Rua dos Arcos.

“Queremos interferir no Centro da Cidade, trazer a arte para onde se produz trabalho.”

entidades carentes e a rede escolar municipal.

E agora ele retorna cheio de gás. "Queremos interferir no Centro da Cidade, trazer a arte, o reaquecimento, para onde se produz trabalho. Não queremos atrapalhar. Nossa ideia e apresentar esse projeto do Circo, todo em lona e tubos, para que se multiplique por todo o país. Ele significa uma solução barata e imediata para as nossas necessidades culturais", diz Ferreto Fortuna.

Em vez de ser o público da Zona Sul, o Circo Voador quer agora também o pessoal da Zona Norte, o bancário do Centro. Com maior capacidade, ganhou quatro módulos de estrutura tubular e lona, com dois andares. Haverá, espetáculos, mas a ênfase recairá nos cursos-oficinas, nos grupos de estudo, para criação de um fórum de debates. No lugar da varanda, uma arquibancada para 500 pessoas, o que aumentou a lotação para 1 mil 500 lugares. No módulo da frente, estará a Cantina Voadora, para internos das oficinas e para o público dos espetáculos, e onde funcionarão, por exemplo, os cursos de culinária natural. Nos módulos laterais, serão instaladas a administração, a redação do Expresso Voador, salas de aula, espaço para pequenos espetáculos, exposições de artes plásticas, curso de VT, teatro de bonecos com apoio do Inacem e um coreto.

A programação ainda não está pronta. Como tudo no Circo, vai sendo alinhavada aos poucos, sem pressa. Outras ideias são uma roda de capoeira semanal, uma grande feira dominical para venda de artesanato e servir como ponto de troca, espetáculos de dança, música e teatro ao ar livre, corais e orquestras gratuitas dentro do Circo. As segundas e terças à noite, um fórum de debates

Eles enfrentaram problemas burocráticos, dificuldades, mas se organizaram em tempo hábil.

A história do Circo Voador começa no verão passado, quando a falta de espaço para apresentar trabalhos era problema para os grupos que surgiram do curso de teatro do Astrubal Trouxe o Trombone, no Parque

"A juventude hoje não entende nem se interessa por discursos. Quer fazer."

Lala, Ferreto Fortuna, um dos integrantes do Astrubal e professor de um dos grupos, imaginou o Circo Voador, "que não é circo no duro e muito menos voo, só tem o espírito voador e cêrinese". Lembra que esses grupos partiram para a cambalhota, para o circo, que é mais próximo do público. A juventude, hoje, não entende, nem se interessa mais por discursos. Quer fazer. Os jovens passam dos 15 aos 20 anos estudando e não tem espaço para soltar sua energia, produzir.

Perfeito tem 32 anos, é "artista em geral" já trabalhou no MEC, no antigo SNT, na Rádio Globo, TV Tupi e sete anos no Astrubal. Formado pela escola de teatro da Uni-

Rio, deu cursos de teatro e trabalha atualmente no Projeto Múrcio Cultural da Rioarte. Se o sonho já existia, faltava fazer. Chamou, então, Márcio Galvão, Maurício Setta, Ivo Setta e Alice Andrade. Márcio é engenheiro pós-graduado em planejamento urbano, ator há 10 anos, mais ligado ao teatro infantil e de rua. Maurício é cenógrafo há 13 anos, ganhou os Prêmios Molière de 1971, três Mambembes, e o de melhor categoria no Festival de Brasília, com o filme Chuvas de Verão, de Carlos Diegues. Ivo é produtor executivo e ex-administrador da Corcha Verde do Morro da Urca, enquanto que Alice, 17 anos, é atriz e vestibulanda, "talvez de comunicação, geografia ou teatro".

Todos foram responsáveis pelo projeto que funcionou três meses no Arpoador, onde 475 artistas se apresentaram para cerca de 50 mil pessoas, e para que 15 professores trabalhassem com 204 adultos e 40 crianças. No entanto, no início de abril, como combinado, o Prefeito pediu a área de volta para construir o calçadão-praça do Arpoador. No dia 15, veio o rapa e o circo desceiocou com seu sonho e uma dívida de Cr\$ 1 milhão 500 mil. Agora ele volta, estendendo seu tapete mágico na Lapa, com pés na terra, mas ainda acreditando na utopia.

A RENASCENÇA

Venha conhecer nesta mansão, a maior variedade em móveis personalizados do mais fino acabamento.

Rua do Catete 194-196

TEL.: 265-5444

Figura 10 – O Circo Voador desce na Lapa. Fonte: Acervo Jornal do Brasil⁹⁹.

⁹⁸ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 7 de setembro de 1982.

Como destaca Vidal (2006), a Lapa se apresentava como saída para uma ainda maior popularização do Circo Voador¹⁰⁰ por ter "a grande vantagem geo-espacial de se localizar em um ponto de confluência da Zona Norte e da Zona Sul"¹⁰¹, o que é defendido pelo próprio Perfeito Fortuna no documentário "A Farra do Circo"¹⁰² ao apontar a Lapa, em comparação ao Arpoador, como "uma região mais abrangente, mais democrática, central", onde se reúnem pessoas de todos os lugares. O mesmo pode ser observado nos trechos da reportagem acima transcritos a seguir, que destacam alguns dos fatores decisivos na escolha da Lapa como local para a instalação do novo Circo Voador.

Queremos interferir no Centro da Cidade, trazer a arte, o relaxamento, para onde se produz trabalho. (...) A preferência pela Lapa deve-se a que já existe no local uma tradição de apresentar eventos, como a Via-Sacra e bailes ao ar livre, com a vantagem de reunir os públicos da Zona Sul, Zona Norte e Centro. A área que está sendo ocupada, uma praça entre as Ruas Mem de Sá e dos Arcos, tem 3 mil metros quadrados e um cenário formado pela série de prédios futuristas da região vizinha ao Largo da Carioca. Será toda cercada por alambrados, plantas e palmeiras imperiais (Jornal do Brasil, 7 de setembro de 1982).

E continua:

Se no Arpoador os vizinhos reclamaram do barulho, no Centro esse problema não existe. Os comerciantes esperam aumentar a freguesia, os moradores do único prédio residencial próximo não têm nada contra, e só os travestis estão divididos: uns acham que vai "aparecer concorrência", ou "espantar a freguesia", mas outros acreditam que nos negócios vão melhorar, ou até "pintar um showzinho no circo". Fernando Bandeira, presidente da Associação dos Moradores do Centro, acredita que o Circo vai revitalizar a Lapa." (Jornal do Brasil, 7 de setembro de 1982).

É inaugurado então, no dia 23 de outubro de 1982, o Circo Voador na Lapa. Com estrutura melhorada, apoio de patrocinadores, situação regularizada, cumprindo formalidades burocráticas, tendo que ceder 10 ingressos por sessão para a RioArte¹⁰³, além de pagar um aluguel simbólico no valor de Cr\$ 20 mil pelo uso do terreno, cujo contrato estava programado inicialmente para durar até o dia 31 de dezembro do mesmo ano. Todos esses fatores demonstram como ocorreu certa profissionalização do Circo nessa segunda fase, o que pode ser explicado tanto como resultado da necessidade de adaptação tendo em vista a experiência no Arpoador, onde sem aceitar patrocínios, não tendo renda fixa e dependendo somente do dinheiro da venda de ingressos e dos cursos, acabou com uma dívida de Cr\$ 1

⁹⁹ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 7 de setembro de 1982 sobre a chegada do Circo Voador à Lapa.

¹⁰⁰ VIDAL, op. cit., p. 77.

¹⁰¹ Ibidem, p. 76.

¹⁰² Documentário de Roberto Berliner sobre o Circo Voador durante a década de 1980.

¹⁰³ Instituto Municipal de Arte e Cultura vinculado à Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro com a objetivo de elaborar, fomentar, coordenar, executar e exercer atividades de incentivo às manifestações artísticas e culturais, em consonância com as diretrizes, os planos e programas do Governo Municipal. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/arquivovirtual/web/fontes/relArquivoGeral.php?id_conjuntoArquivo=188. Data da pesquisa: 17/02/2016.

milhão e 500 mil¹⁰⁴ e enfrentou diversos outros problemas burocráticos; como consequência de uma crescente profissionalização de todo o setor da cultura ou como entendimento do espaço como empreendimento cultural e da cultura como mercadoria, sendo necessário atender às lógicas e regulamentações do mercado tanto para se manter em funcionamento, como para obter maior lucro.



Figura 11 – O Circo Voador baixa na Lapa – Muito mais do que espetáculos. Fonte: Acervo Jornal do Brasil¹⁰⁵.

Nessa nova fase, como já evidencia o título da reportagem, a ênfase do Circo não estava somente nos espetáculos, mas também, e principalmente, nos cursos, inclusive de formação, buscando servir "como um novo espaço para a manifestação de todo e qualquer

¹⁰⁴ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 7 de setembro de 1982.

¹⁰⁵ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 23 de outubro de 1982 sobre a inauguração do Circo Voador na Lapa.

tipo de arte"¹⁰⁶ do qual não se excluía a brincadeira e a diversão e no qual todas as manifestações, desde sua inauguração no verão passado no Arpoador, eram baseadas no binômio diversão e educação e questionavam o modelo de escola clássica¹⁰⁷.

Eram oferecidos três tipos de cursos: a aula aberta, os cursos regulares, chamados de *in curso*, e as oficinas de carpintaria, adereços, figurinos e preparo dos cenários. Entre os cursos regulares estavam o de circo, o de teatro e os de dança, que contemplavam as artes marciais, a capoeira, a ginástica orgânica e a dança contemporânea, além das oficinas de VT e de histórias infantis, trabalhando apenas com crianças, e um curso de antropologia, com Evarardo Rocha, cuja proposta era se pensar "essa nova cultura do Circo em contraste com a velha Lapa"¹⁰⁸.

A programação do fim de semana contava, aos sábados à noite, com o projeto "Rock Voador", sob coordenação de Maria Juçá, que era "considerado o auge do Circo onde no mínimo duas mil pessoas por noite se espalhavam pela tenda e seus jardins"¹⁰⁹ e foi responsável por abrir espaço para grupos até então desconhecidos, revelando "toda uma geração de bandas que fizeram a história do rock pop brasileiro na década de 80"¹¹⁰. Nos domingos à tarde, tinha-se o projeto "Domingo do Corpo", organizado por Deborah Colker, onde se reuniam cerca de 200 pessoas, "dos 10 aos 70 anos", que durante três horas se dedicavam a "experimentar, buscar e inventar formas de movimentar e sentir o corpo"¹¹¹. Já à noite, era a vez da gafieira na "Domingueira Voadora", comandada por Paulo Moura e Raul de Barros.

O Circo na Lapa tornou-se um bem da comunidade. Como grande pólo congregador de toda a cidade, tinha pela manhã a sua creche funcionando com atividades dirigidas, horta, pintura e merenda. À noite, durante a semana, o Circo funcionava como palco para mostras de teatro ou oficinas de dança, canto e artes cênicas. No final de semana, tinha shows de todas as correntes e ainda uma gafieira. Isso sem falar nas exposições de artes plásticas, fotografia e cartuns em seus anexos¹¹².

É importante ressaltar aqui que quando o Circo Voador "aterrissou" na Lapa, ela não se encontrava muito diferente do que foi descrito no capítulo anterior, quando entrou em um período considerado de decadência. Entretanto, embora tenha sido silenciada pela chegada do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, pela concorrência dos cassinos e da Zona Sul¹¹³,

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ VIDAL, op. cit., p. 81.

¹¹⁰ Ibidem, p. 82.

¹¹¹ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 10 de julho de 1983.

¹¹² VIDAL, op. cit., p. 77.

¹¹³ Idem.

pelas inúmeras intervenções urbanas na cidade do Rio de Janeiro que desfiguraram seu espaço físico, pela transferência da capital do Rio para Brasília e por inúmeros outros fatores que influenciaram este processo de "esvaziamento" da região na segunda metade do século XX, seria um equívoco associar a Lapa à imagem de "bairro fantasma", esvaziado de vida. Embora poucos, alguns estabelecimentos se mantiveram em funcionamento, atendendo, por exemplo, aos trabalhadores dos escritórios do centro da cidade durante o horário de almoço, à alguns clientes fiéis que continuavam a frequentar o bairro e aos moradores da região. Ainda, como visto anteriormente, realizavam-se também na Lapa alguns eventos como a Via Sacra, além de feiras e bailes ao ar livre.

Embora em 1979 o Projeto Corredor Cultural, criado com o objetivo de preservar e recuperar o Centro Histórico do Rio de Janeiro, já apresentasse algumas propostas de intervenção para essa área da cidade, como veremos logo adiante, até 1982, durante a sua primeira fase de implantação, "houve pouco ou quase nenhum investimento na recuperação do conjunto arquitetônico e histórico"¹¹⁴ da Lapa e a ocupação do bairro para fins recreativos e culturais ainda não se mostrava tão significativa. O que se constatava, em geral, era um esvaziamento da classe mais abastada e de investimentos privados e iniciativas do poder público, que pouco fazia pela preservação e manutenção da região¹¹⁵.

É neste sentido em que se defende aqui a importância da chegada do Circo Voador ao bairro para o início da sua revitalização. Embora muitos autores apontem que este processo tenha se iniciado entre as décadas de 1990 e 2000 – quando de fato adquiriu maior força e visibilidade, voltando a ser alvo de projetos de intervenção urbana da cidade do Rio de Janeiro – este capítulo, assim como toda a pesquisa, busca evidenciar que anteriormente a isso, o Circo já evidenciava o interesse da população e de pequenos investidores na área, criando um movimento de recuperação e reapropriação das suas atividades. Corroborando com este argumento, Souza (2012) afirma considerar dois fatos como marcantes para o início do processo de renovação urbana do bairro: a aprovação da Lei do Corredor Cultural, em 1984, e a instalação do Circo Voador defronte aos Arcos da Lapa em um terreno baldio cedido pela municipalidade, em 1982, "em um momento que a Lapa se encontrava bastante degradada, tanto no seu aspecto ambiental quanto no social"¹¹⁶.

¹¹⁴ SOUZA, op. cit., p. 48.

¹¹⁵ GUTERMAN, 2012, p. 46.

¹¹⁶ SOUZA, op. cit., p. 47.

Sobre o assunto, o autor descreve que no início das atividades do Circo Voador na Lapa a presença do público ainda se mostrava tímida, explicado pelo fato de "se localizar em uma área abandonada, longe da zona sul e em local pouco frequentado".

O entorno do Circo era de terrenos remanescentes da abertura da Avenida Norte-Sul onde o mato crescia, o prédio da Fundação Progresso estava completamente abandonado, e a área junto aos Arcos onde hoje é a grande praça, não era urbanizada e cheia de mendigos, o que não tornava o Circo Voador um local convidativo com havia sido no período em que esteve no Arpoador¹¹⁷.

Em seguida, destaca como fator importante para reverter essa tímida aceitação do Circo no início da sua estadia no bairro, a parceira com a Rádio Fluminense FM, "primeira rádio do Estado totalmente voltada para o rock que levou para o palco do Circo bandas que tocavam na programação da rádio, com intensa divulgação na rádio e em pequenos cartazes espalhados nos "points" frequentados pelos jovens na época", que fez com que gradualmente "esses grupos se dirigissem a Lapa à procura de lazer e entretenimento nesse espaço cultural de vanguarda para todas as artes". Por fim, Souza (2012) conclui que "Aos poucos, jovens e artistas começaram a se apropriar da Lapa e trouxeram um novo alento aos bares e restaurantes tradicionais como o Bar Brasil e o Nova Capela. A Lapa recomeçou a virar o centro de diversão contemporânea com o Circo trazendo o movimento jovem"¹¹⁸.

Isto posto, tem-se, como ressalta Guterman (2012), que o início do processo de revitalização do bairro da Lapa aconteceu de forma quase espontânea, incentivada principalmente "pela ação de pequenos empresários em busca de aluguéis baratos"¹¹⁹, de artistas em busca de lugares para se expressarem, de jovens em busca de espaços de lazer e cultura e da própria comunidade local com interesse em preservar e revitalizar a área, sem ter, neste momento, qualquer intervenção por parte do poder público e sem se basear em ações estipuladas pelo planejamento estratégico – ferramenta que ainda não existia e que só veio a aparecer no Rio de Janeiro nos primeiros anos da década de 1990.

Buscando problematizar como ainda no período pré-democrático, este modelo de gestão urbana que viria a mudar radicalmente o modo de se pensar as cidades, não havia chegado ao Brasil, encontram-se algumas explicações, em sua maioria relacionadas ao regime vigente na época. Neste sentido, Castells e Borja (1996) apontam que na América Latina, foi somente durante os processos de democratização política e de descentralização do Estado – como se sabe, tardios – que o papel das cidades e dos governos locais foram revalorizados. No entanto, "as limitações destes processos e os efeitos sociais das políticas de ajuste,

¹¹⁷ Ibidem, p. 48.

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ GUTERMAN, 2012, p. 41.

acrescentadas às desigualdades e marginalidades herdadas, à debilidade da sustentação sociocultural das cidades e aos graves déficits de infraestrutura e serviços públicos, atrasaram a emergência das cidades como protagonistas"¹²⁰, condição fundamental do modelo de gestão em debate. Com a consolidação desses processos democráticos internos e com a crescente abertura econômica externa, multiplicaram-se as demandas sociais, acentuou-se a sensação de crise nas grandes cidades¹²¹ e os agentes econômicos se conscientizaram da necessidade de produzir uma cidade competitiva, "ou seja, atraente e funcional, dotada de infraestruturas modernas e que assegure garantias mínimas de qualidade de vida e segurança pública"¹²². Todas essas características, como será visto adiante, configuram o cenário "ideal" para a adoção e implantação do modelo de planejamento estratégico.

Retomando a contextualização do início do processo de revitalização da Lapa, a reportagem do Jornal do Brasil do dia 5 de junho de 1983 nos dá um panorama de como se encontrava o bairro no ano seguinte à chegada do Circo Voador. Entre os estabelecimentos que ainda funcionavam estavam a Sala Cecília Meireles, os restaurantes Adega Flor de Coimbra, Restaurante Cosmopolita, Restaurante Natural, Bar Brasil e Nova Capela, dos Cabarés Casanova, Novo México e Dominó, além da Pensão do Lord e Hotel Love's House. Também apenas algumas semanas antes da reportagem, inaugurou-se a casa noturna Asa Branca, que atendia um público mais "seleto", onde eram permitidos somente casais e proibida a entrada de clientes usando tênis¹²³ – bem diferente do ambiente do Circo.

Sob a manchete "A Lapa está voltando a ser a Lapa, 50 anos depois", a reportagem anuncia ainda que desde a chegada do Circo Voador, o bairro ganhou vida novamente: "Renasce, agora com atrações para todos os públicos, um tradicional ponto da vida noturna do Rio"¹²⁴, intenção esta que estava presente nos discursos de quem fez o Circo: "A Lapa também tem uma tradição cultural, [...] de gente que já fez a Lapa, a Lapa era uma coisa de artista, ela é a sombra da cidade, ela vive a noite, é a noite, é os arcos, é os boêmios. E o Circo está recuperando isso de uma maneira muito irreverente"¹²⁵.

Antes, as ruas escuras ficavam desertas, o bairro entregue ao passado e aos donos da noite. De sete meses para cá, no entanto, lentamente as luzes voltaram a brilhar: engarrafamentos, políticos, roqueiros, madames, jovens executivos, punks da Zona Norte, gente da Zona Sul e todo lugar. Movimento nas ruas¹²⁶.

¹²⁰ CASTELLS & BORJA, 1996, p. 154.

¹²¹ Ibidem, p. 154.

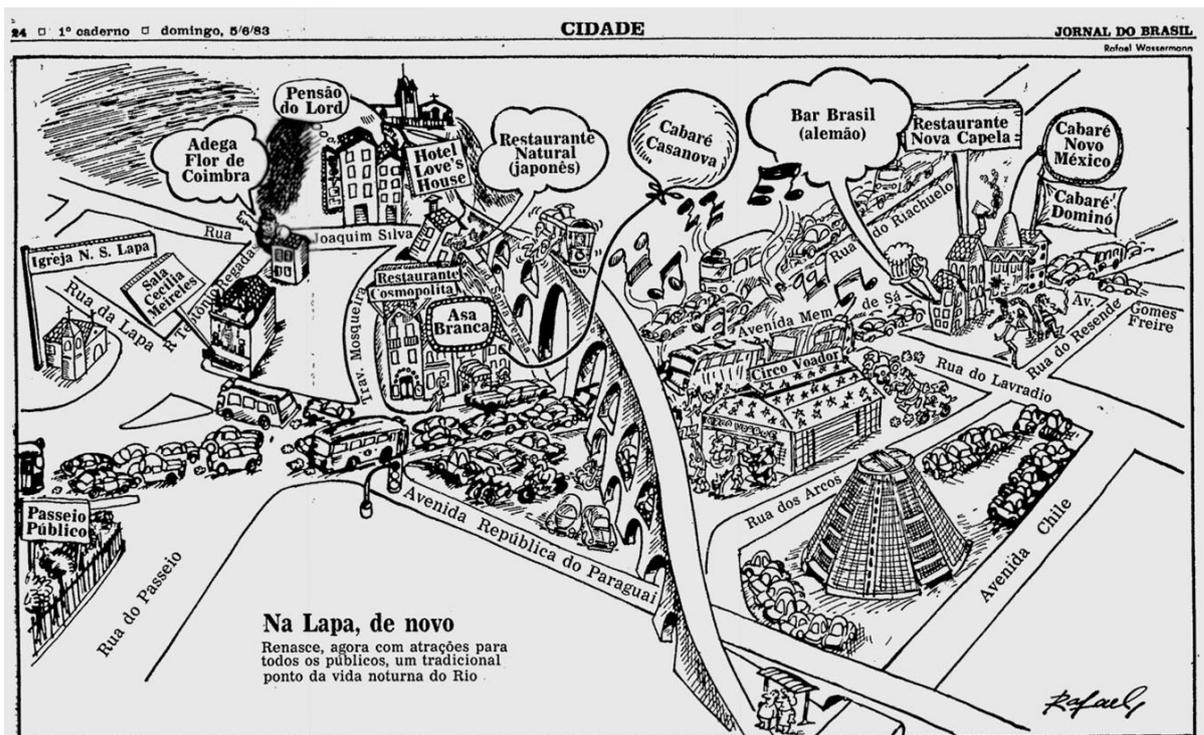
¹²² Ibidem, p. 157.

¹²³ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 5 de junho de 1983.

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ Fala de um dos organizadores do Circo Voador, Perfeito Fortuna, extraída do documentário "A Farra do Circo".

¹²⁶ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 5 de junho de 1983.



A Lapa está voltando a ser a Lapa, 50 anos depois

Figura 12 – A Lapa está voltando a ser a Lapa, 50 anos depois. Fonte: Acervo Jornal do Brasil¹²⁷.

Está assim agora a Lapa, movimentada. Não mais a velha Lapa, mas uma Lapa nova, diferente. Tem gente até chamando o local de Baixo Lapa, explicando que é mais um ponto da noite carioca, para variar do Baixo Leblon e Gávea. E tem mais: na Lapa "tem pra todo mundo". Se a Asa Branca traz o público classe A e B, o Circo Voador leva a garotada da Zona Norte e da Zona Sul. O Casanova mantém seu público gay e os cabarés bas-fond da Mem de Sá com Gomes Freire - Novo México e Dominó - vivem cheios de todo tipo de gente. [...] Restaurantes a Lapa sempre os teve: o Nova Capela, o Cosmopolita, o Bar Brasil, a Adega Flor de Coimbra e um japonês macrobiótico na Joaquim Silva. [...] Vale tudo, assim é a Lapa democrática¹²⁸.

A primeira linha deste trecho extraído da reportagem do Jornal do Brasil já evidencia um dos pontos que serão debatidos nos próximos capítulos desta pesquisa. A Lapa, de fato, não estava voltando a ser aquela Lapa das décadas de 1920 e 1930, dos malandros, dos poetas e dos grandes cabarés. Embora ainda abrigasse públicos de todos os gostos e classes, o cenário estava mudando, como mostra muito claramente a reportagem do mesmo jornal em 28 de outubro de 1984, dois anos após a chegada do Circo Voador ao bairro.

As nordestinas, mineiras e suburbanas com **nomes-de-guerra** franceses e polacos foram expulsas das calçadas pelos travestis. O malandro de sapato bico fino, lenço de seda no pescoço e navalha na cintura sumiu de vez. Pivetes descalços e homens maltrapilhos disputam os toca-fitas dos automóveis nos estacionamentos. **Crooners** de cabarés famoso também não passam de recordação. O show agora é milionário,

¹²⁷ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 5 de junho de 1983 sobre o "renascimento" da Lapa.

¹²⁸ Idem.

Lapa renasce das sombras sob as asas do Circo Voador

As nordestinas, mineiras e suburbanas com nomes-de-guerra franceses e polacos foram expulsas das calçadas pelos travestis. O malandro de sapato bico fino, lenço de seda no pescoço e navalha na cintura sumiu de vez. Pivetes descalços e homens maltrapilhos disputam os toca-fitas dos automóveis nos estacionamento. Crooners de cabarês famosos também não passam de recordação. O show agora é milionário. Martinho da Vila a Cr\$ 12 mil por pessoa, só para entrar. Na Lapa classe média, a igreja fecha cedo e deixa a comunidade sob a proteção do Circo Voador.

As paredes dos velhos Arcos receberam bem o neon azul e vermelho do Arco da Velha, um restaurante da moda, mas se iluminam mesmo é com as luzes brancas do Circo. Num canto escuro, ponto de caminhões a frete, a Fundação Progresso, que hoje é o barracão da Portela, espera, ninguém sabe até quando, a execução de um projeto de recuperação elaborado por Oscar Niemeyer. Quem tem dinheiro para ver os recitais da Sala Cecília Meireles aproveita para jantar no Cosmopolita, bem ao lado. A Lapa família tem até quadras de bloco carnavalesco, que oferecem aos domingos "almoço dançante com uma sensação pesada".

Paisagem diurna

De dia, a Lapa é um dos pontos mais movimentados do Centro da cidade. Gente em trajas de banho vem da Praia do Flamengo em direção à Mem de Sá, Frei Caneca e Riachuelo. Os pontos de ônibus para a Zona Norte estão sempre cheios. No Largo, um homem vende milho para os turistas alimentarem os pombo. A igreja do Carmo da Lapa está aberta. De hora em hora o sino bate. Na sacristia, o Padre Ludovico conversa com um travesti:

— Todos os dias aparecem algumas pessoas trazendo problemas. Eu, na medida do possível, procuro orientar. Mas esta igreja não faz nenhum trabalho com a comunidade, aliás nem tem vigário ou capelão. Só tem missa todos os dias.

Padre Ludovico não revela quem procura seus conselhos na igreja. Diz apenas que para cada problema há uma palavra diferente. E os problemas mais comuns, quais são? "Digamos que são coisas de família", responde sorrindo. Executivos de terno e gravata entram e saem do restaurante Cosmopolita, bem defronte a um painel pintado na parede lateral da Escola Nacional de Música. Mendigos dormem ao sol

na pracinha em frente à Escola Estadual de Danças Maria Olanewa. Um baleiro, único camelô da Lapa espera fregueses na porta da Sala Cecília Meireles. Ao lado, funciona abertamente um ponto de jogo-do-bicho, com banqueta e cadeiras na calçada.

Muitos casarões estão abandonados. Em outros funcionam o jornal Correio Fluminense, bares, casas de móveis novos e usados, chaveiro e barbearia. O mais movimentado fica ao lado do cabaré Casanova. É uma casa de cômodos, onde só moram travestis. Ali funciona uma espécie de sindicato da categoria. Pelo menos uma vez por semana eles se reúnem e, democraticamente, segundo Kátia, um mulato alto e jovem, discutem questões comuns: divisão dos pontos, faturamento, rixas, relacionamento com a polícia, moda, televisão e culinária.

A noite

Os jovens chegam ao Circo Voador logo depois do jantar. Vem de todos os lugares, pois rock não é privilégio da Zona Sul. Alguns ainda usam jaquetas negras cheias de tachinhas, comuns quando os punks fazem sucesso. Quem abre a Lapa noturna é a garotada.

— A comunidade está perto de nós e longe da igreja. Os pais são velhos e nós temos dois anos de idade. Aqui todo mundo respeita o Circo — diz Ivo Setta, um dos diretores do Circo Voador.

Pouco antes de os jovens começarem a chegar, a creche ainda estava funcionando no Circo, distraído as crianças das proximidades enquanto os pais trabalham. Mas, à noite, tudo é festa, o som quase emurdecedor, no telão grupos de heavy metals se contorcem com suas guitarras. A plateia, no escuro, acompanha em silêncio. Do lado de fora, penetras esperam um cochilo da segurança para pular a grade.

— Segurança é fundamental para nós, principalmente no estacionamento. Nunca tivemos problemas com os travestis. No Natal fazemos uma ceia para eles. E quando eles entram aqui, embora jamais nós tenhamos proibido. Pivetes e ladrões de carros é que nos dão dor de cabeça. Fora os maldosos. Tem gente que passa de bondinho, lá em cima dos Arcos, e joga pedras no pessoal da filha do Circo — comenta Ivo Setta.

A convivência é realmente pacífica, não só com o Circo Voador mas com todas as casas de espetáculo que levam a classe média para a

Lapa. Vilma, travesti que faz ponto sob os Arcos, acha a área uma das mais tranquilas do Rio:

— A Lapa, hoje, não tem mais malandros. Mudou muito. Trabalho aqui na rua sem medo. Nós respeitamos as pessoas que vão aí para os shows e elas também nos respeitam. Passam, olham mais por curiosidade, mas não dizem nada. Também não adianta paquerar essa gente. Nossos clientes são exclusivos, vêm aqui só para nos encontrar.

Pelos cantos escuros, homens e travestis. Nas sextas e sábados eles têm uma casa aberta, pronta para recebê-los a preço baixo: o cabaré Casanova, reminiscência da Lapa antiga, quando apresentava shows de striptease. Hoje é um cabaré gay, que, no verão, atrai turistas europeus e, principalmente, argentinos.

Depois das 22h, a Lapa é um grande estacionamento, guardado por seguranças particulares, guardadores autônomos, ladrões disfarçados de guardadores, soldados da Polícia Militar e agentes da Polícia Civil, que rondam sem parar em carros oficiais. Mesmo assim, é comum pivetes conseguirem arrebatar bolsas e "sair voando", diz Francisco, porteiro da Asa Branca.

Mas a classe média não liga para isso e vai em peso à gafeira de luxo:

— Classe média só vai aonde está a classe alta. Por isso gosta da Asa Branca. A casa foi inaugurada com a presença do Rei da Espanha. O rei trouxe a elite. Hoje, pegamos um público de excelente nível. Fazemos festas de 15 anos — o último foi de uma sobrinha do banqueiro de jogo do bicho Aniz Abrahão David, da Beija-Flor de Nilópolis — e até um casamento civil, de verdade, já houve aqui dentro — diz Manuel Rial, sócio de Chico Recarey, um dos donos da Asa Branca.

Dos carros luxuosos saem mulheres bem vestidas e homens trajando esporte fino para dançar na gafeira da moda. Talvez se lembrem de que ali já esteve um Rei. Lá dentro, garçons solícitos, ar refrigerado, bebida e comida caras. Bem ao gosto da classe média alta. Por volta da meia-noite, as luzes se apagam e uma voz em off, ao anunciar Martinho da Vila, dá uma ideia de como a Lapa mudou:

— A partir deste momento, a Lapa vira Vila Isabel.

LUIZ EDUARDO REZENDE



1 REST. COSMOPOLITA - 2 ASA BRANCA - 3 CABARÊ CASANOVA - 4 REST. ARCO DA VELHA - 5 CECÍLIA MEIRELES - 6 JORNAL N. S. CARMO - 7 CIRCO VOADOR - 8 BAR BRASILEL

Figura 13 – Lapa renasce das sombras sob as asas do Circo Voador. Fonte: Acervo Jornal do Brasil¹³⁰.

A mesma reportagem descreve ainda a paisagem do bairro em dois momentos: durante o dia, "é um dos pontos mais movimentados do Centro da cidade. Gente em trajas de banho vem da Praia do Flamengo em direção à Mem de Sá, Frei Caneca e Riachuelo. Os pontos de ônibus para a Zona Norte estão sempre cheios"¹³¹, a igreja do Carmo da Lapa fica aberta e de hora em hora o sino bate. Executivos de terno e gravata entram e saem do restaurante Cosmopolita, mendigos dormem ao sol em uma pracinha e um baleiro, único camelô da Lapa, espera fregueses na porta da Sala Cecília Meireles, onde ao lado funciona abertamente um ponto de jogo-do-bicho. Já depois das 22h:

A Lapa vira um grande estacionamento, guardado por seguranças particulares, guardadores autônomos, ladrões disfarçados de guardadores, soldados da Polícia Militar e agentes da Polícia Civil, que rondam sem parar em carros oficiais. Mesmo assim, é comum pivetes conseguirem arrebatar bolsas e "sair voando", diz Francisco, porteiro da Asa Branca. Mas a classe média não liga para isso e vai em peso à gafeira de luxo. [...] Dos carros luxuosos saem mulheres bem vestidas e homens trajando esporte fino para dançar na gafeira da moda. [...] Lá dentro, garçons solícitos, ar refrigerado, bebida e comidas caras. Bem ao gosto da classe média alta. Por volta da meia-noite, as luzes se apagam e uma voz em off, ao anunciar Martinho da Vila, dá

¹²⁹ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 28 de outubro de 1984. Grifo do autor.

¹³⁰ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 28 de outubro de 1984 sobre o "renascimento da Lapa".

¹³¹ Idem.

uma idéia de como a Lapa mudou: – A partir desse momento, a Lapa vira Vila Isabel¹³².

Esta passagem nos introduz aqui a uma noção que será fortemente debatida no decorrer do presente trabalho, quando serão analisadas as implicações dos processos de requalificação urbana sobre as dinâmicas de socialização dos espaços requalificados. Veremos como embora neste primeiro momento, como já apontado anteriormente, a revitalização da Lapa tenha ocorrido de forma quase espontânea, marcada principalmente pelas ações de membros da sociedade civil e pequenos empresários, ainda na década de 1980 o espaço passa a integrar também os planejamentos estratégicos de requalificação urbana do Rio de Janeiro, o que alterou significativamente a dinâmica do processo vivido pela região.

2.2. A Lapa e o modelo de Planejamento Estratégico

O que se defendeu até aqui, portanto, foi que no início da década de 1980 iniciou-se o mais recente processo de revitalização urbana da região da Lapa e que este processo foi impulsionado pela chegada do Circo Voador ao bairro, onde, como já visto anteriormente, passou a desenvolver atividades culturais, educacionais e sociais. Contudo, é evidente que o Circo, por si só, não foi responsável pelas proporções que a revitalização da Lapa tomou nos anos seguintes, quando passou a fazer parte dos chamados "planejamentos estratégicos" de intervenção urbana da cidade do Rio de Janeiro. O seu papel, neste momento, consistiu primordialmente em evidenciar a potencialidade do bairro – seja pela sua importância histórica, sua tradição cultural ou sua localização geográfica – e a demanda da população por espaços como o Circo Voador, assim como em atrair novos empreendimentos e frequentadores para a região, dando maior visibilidade ao bairro que no início do século XX havia sido um dos mais famosos na noite carioca. Ainda assim, a Lapa se encontrava degradada, devido principalmente às raras iniciativas do governo em preservar os antigos edifícios que formavam a região ou em investir na sua infraestrutura. Logo, pode-se afirmar, como aponta Araújo (2009), que o ambiente só recebeu a devida atenção quando entrou no jogo a intervenção do poder público e o incentivo para a criação de espaços privados.

Antes de prosseguir, é preciso compreender melhor no que consiste esse "planejamento estratégico". Iniciaremos essa discussão com uma citação do urbanista Carlos Vainer (2002) que introduz a noção fundamental que o modelo de planejamento estratégico traz para o cenário da produção das cidades:

¹³² Idem.

Se durante largo período o debate acerca da *questão urbana* remetia, entre outros, a temas como crescimento desordenado, reprodução da força de trabalho, equipamentos de consumo coletivo, movimentos sociais urbanos, racionalização do uso do solo, a *nova questão urbana* teria, agora, como nexos central a problemática da *competitividade urbana*¹³³.

Este modelo de gestão da cidade, como aponta Lima (2003) citando Kaufman e Jacobs (1996), teve origem no meio empresarial, "como proposta de ajustes organizacionais (o *ambiente interno*) para que as grandes corporações pudessem enfrentar a crescente competição no mercado internacional (o *ambiente externo*)"¹³⁴. No campo do planejamento urbano, ainda segundo o autor, verifica-se "a mesma distinção dos âmbitos de ação *interno* e *externo*, que servem para configurar o mundo dos negócios", sendo o ambiente externo representado pela "acirrada competição entre cidades, todas agindo em busca de seus próprios interesses" e onde "Para vencer a 'concorrência', cada qual deve reorganizar-se internamente, de modo a minimizar seus *pontos fracos* e maximizar seus *pontos fortes*"¹³⁵. Assim, estando as cidades submetidas às mesmas condições e desafios que as empresas¹³⁶, é necessário que o setor público seja capaz de desenvolver o processo através das mesmas etapas básicas adotadas no meio empresarial: "a análise do ambiente e seleção de áreas-chave, a definição de alvos, objetivos e estratégias para cada questão-chave, o desenvolvimento de um plano de ação e o monitoramento do programa"¹³⁷.

A partir de então, o planejamento estratégico urbano se concretiza, de acordo com Lima (2003), "pela definição e implementação de políticas públicas, explícitas ou implícitas em planos, projetos e leis, relacionadas com a regulação do uso e produção da cidade, com a alocação de recursos orçamentários e/ou com intervenções diretas no espaço urbano"¹³⁸ e que remetem sempre a um "ideal normativo, um *paradigma* para ação". "É nesse sentido que se justifica, na designação do planejamento estratégico, o uso do conceito de *modelo*: seu caráter arquetípico permite capturar as referências a um exemplo ou imagem que serve de inspiração ou que se busca reproduzir nas práticas sociais"¹³⁹. Pensando no caso da cidade do Rio de Janeiro, verifica-se que o modelo de planejamento estratégico utilizado como referência foi o de Barcelona, que se transformou, pelo seu sucesso, em principal paradigma deste modelo de

¹³³ VAINER, 2002, p. 76.

¹³⁴ LIMA, 2003, p. 2.

¹³⁵ *Idem*.

¹³⁶ VAINER, *op. cit.*, p. 76.

¹³⁷ LIMA, *op. cit.*, p. 58

¹³⁸ *Ibidem*, p. 5.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 7.

gestão urbana, sendo exportado para diversas cidades com o apoio de consultores barcelonenses¹⁴⁰.

Assim, ver a cidade como empresa significa, essencialmente, concebê-la e instaurá-la como agente econômico que atua no contexto de um mercado e que encontra neste mercado *a regra* e o *modelo* do planejamento e execução de suas ações. Agir estrategicamente, agir empresarialmente significa, antes de mais nada, ter como horizonte o mercado, tomar decisões a partir das informações e expectativas geradas no e pelo mercado¹⁴¹.

Para Vainer (2002), a "cidade-empresa" é então tomada como "uma mercadoria a ser vendida, num mercado extremamente competitivo, em que outras cidades também estão à venda" – explicação para "que o chamado *marketing urbano* se imponha cada vez mais como uma esfera específica e determinante do processo de planejamento e gestão de cidades"¹⁴² – e esta venda da cidade é, necessariamente, a venda de atributos específicos que constituem insumos valorizados pelo capital transnacional, como por exemplo, parques industriais e tecnológicos, torres de comunicação e comércio e segurança¹⁴³, implicando a direta e imediata apropriação da cidade por interesses empresariais globalizados¹⁴⁴ e servindo como um mecanismo do Estado capitalista para acumulação de capital¹⁴⁵. Sobre este assunto, Vainer (2002) conclui:

Em síntese, pode-se afirmar que, transformada em coisa a ser vendida e comprada, tal como a constrói o discurso do planejamento estratégico, a cidade não é apenas uma mercadoria mas também, e sobretudo, uma mercadoria de luxo, destinada a um grupo de elite de potenciais compradores: capital internacional, *visitantes e usuários solváveis*¹⁴⁶.

Castells e Borja (1996), consultores sobre o caso do planejamento estratégico em Barcelona, definem:

Em todas as cidades o projeto de transformação urbana é a somatória de três fatores: a) a sensação de crise aguda pela conscientização da globalização da economia; b) a negociação entre os atores urbanos, públicos e privados, e a geração de liderança local (política e cívica); c) a vontade conjunta e o consenso público para que a cidade dê salto adiante, tanto do ponto de vista físico como econômico, social e cultural¹⁴⁷.

Sobre esta necessidade de construção de um sentimento de crise, Lima (2003) argumenta que a criação de um consenso, no contexto do planejamento estratégico, é, além de

¹⁴⁰ Ibidem, p. 39.

¹⁴¹ VAINER, op. cit., p. 86.

¹⁴² Ibidem, p. 78.

¹⁴³ Ibidem, p. 79.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 78.

¹⁴⁵ LIMA, op. cit., p. 9.

¹⁴⁶ VAINER, op. cit., p. 83.

¹⁴⁷ CASTELLS & BORJA, 1996, p. 156.

resultado, meio de difusão de um modo de pensar a cidade¹⁴⁸. É neste sentido que se afirma que a indicação de um ambiente em crise, associado ao reforço do sentimento de patriotismo, se mostram condições necessárias para garantir a aceitação e a legitimidade das novas práticas empreendidas pelos planejadores urbanos. Guterman (2012), sobre o assunto, afirma notar como prática recorrente:

Um diagnóstico de “áreas degradadas”, que precisam ser “salvas” e novamente inseridas no roteiro internacional das cidades. Diante deste “cenário de crise” (econômica, social e urbana) aplica-se a metodologia de análise e intervenção do planejamento estratégico, onde as “potencialidades” e “vocações” locais são “(re)valorizadas” e “(re)inseridas”¹⁴⁹.

Posto isso, o que se observa então como ferramenta comum apresentada para solucionar essa crise, é o uso dos discursos de "revitalização" destes espaços urbanos, através da combinação de investimentos públicos e privados para a construção de novos equipamentos culturais e de serviços, ou apenas para sua “restauração”, e ampliação da quantidade de empreendimentos com fins habitacionais (próximos aos centros financeiros e comerciais)¹⁵⁰, servindo como mecanismos de inserção destes espaços no circuito internacional de competição entre as cidades¹⁵¹ dos quais a Lapa, a partir da década de 1980, por suas já mencionadas características, passou a ser alvo.

A formulação de projetos de “revitalização” para os centros urbanos, dentro da realidade do planejamento estratégico, busca a “descoberta” de algumas “vocações” do lugar, e essas seriam os atributos que auxiliam nessa “venda” da imagem de centro “renovado”. O “discurso forte” utilizado nesses projetos enfatiza a importância da diversidade cultural, diferenças étnicas, criatividade e do uso misto, e todas essas “vocações” precisam estar diretamente ligadas à “cultura” e “identidade local”¹⁵².

Por fim, as alterações propostas pelo modelo de gestão urbana debatido aqui também implicam mudanças no campo político. De acordo com os consultores "barcelonenses", Castells e Borja (1996),

[...] a organização política local não pode basear-se [...] na dicotomia executivo/legislativo, numa administração centralizada e na separação rígida entre o setor público e o privado. As formas de gestão e de contratação devem assegurar a agilidade e a transparência e responder a critérios de eficiência econômica e eficácia social e não de controle político ou burocrático¹⁵³.

E para Vainer (2002),

¹⁴⁸ LIMA, op. cit., p. 120.

¹⁴⁹ GUTERMAN, 2012, p. 12-13.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 13.

¹⁵¹ GUTERMAN, 2012, p. 6.

¹⁵² Ibidem, p. 12.

¹⁵³ CASTELLS & BORJA, op cit., p. 159.

O que nos parece central extrair destas leituras é que a analogia cidade-empresa não se esgota numa proposta simplesmente administrativa ou, como muitas vezes pretendem apresentar seus defensores, meramente gerencial ou operacional. Na verdade, é o conjunto da cidade e do poder local que está sendo redefinido. O conceito de cidade, e com ele os conceitos de poder público e de governo da cidade são investidos de novos significados, numa operação que tem como um dos esteios a transformação da cidade em sujeito/ator econômico... e, mais especificamente, num sujeito/ator cuja natureza mercantil e empresarial instaura o poder de uma nova lógica, com a qual se pretende legitimar a apropriação direta dos instrumentos de poder público por grupos empresariais privados¹⁵⁴.

Ao analisar a opinião de diversos autores sobre o uso deste modelo de gestão pelas cidades brasileiras, Macedo (2004) conclui que:

De forma geral, as críticas remontam às análises de David Harvey (1989) na obra “A Condição Pós-moderna”, quando caracterizou aquelas operações urbanas que têm como finalidade atrair capital e pessoas às cidades num período de competição interurbana e de empreendimento urbano intensificado como formas de “**espetacularização**” dos espaços urbanos¹⁵⁵.

Com tudo isto em vista, a seguir, buscando entender de forma mais concreta as propostas contidas nos projetos deste modelo de planejamento e como os mecanismos citados até aqui foram utilizados no caso específico estudado nesta pesquisa, serão listadas e analisadas algumas das ações e projetos elaborados para a região da Lapa a partir de 1979, averiguando quais os discursos e objetivos comuns e as ações e estratégias propostas para alcançá-los. E por fim, no capítulo seguinte, veremos quais foram os seus desdobramentos para a região e para os seus consumidores, relacionando-os com movimentos semelhantes ocorridos em escala global.

2.2.1. Projeto Corredor Cultural

O Projeto Corredor Cultural foi concebido ao longo de 1979 por intelectuais e técnicos da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro junto à Secretaria Municipal de Planejamento. Foi considerado "o primeiro projeto de preservação da área central da cidade do Rio de Janeiro que extrapola a preservação de edifícios isolados e abrange o conjunto de edifícios dos setores da Lapa, Cinelândia, Largo da Carioca, de São Francisco, Saara, Praça XV e imediações"¹⁵⁶ e tinha como importante característica a "utilização da cultura como estratégia principal para a reversão do processo de descaracterização daquela área da cidade"¹⁵⁷.

Após a realização de leituras e discussões sobre a região, a equipe de gestão do Projeto estabeleceu como sua proposta fundamental o rompimento com a "lógica de intervenção para

¹⁵⁴ VAINER, op. cit., p. 89.

¹⁵⁵ MACEDO, op. cit., p. 17, grifo nosso.

¹⁵⁶ MACEDO, op. cit., p. 73.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 90.

a área central que havia sendo realizada desde o início do século XX, baseada na renovação do espaço, isto é, na destruição do tecido urbano e social existente para a introdução de uma nova estrutura física e social", substituindo-a por uma nova lógica que "articulava a "demanda de desenvolvimento" da área central, isto é, a renovação de espaços, à preservação e valorização dos espaços, atividades e tecido social existentes"¹⁵⁸, o que já vinha se tornando uma tendência na recuperação dos centros urbanos de países da América do Norte e Europa.

As 26 propostas elaboradas para o Corredor Cultural, datadas no período de 26 de setembro a 07 de novembro de 1979, apresentavam o conceito de preservação que guiaria todas as ações do Projeto. Como aponta Macedo (2004), introduziam a questão da preservação da ambiência e de estruturas físicas articulada ao desenvolvimento da cidade, contrariando a necessidade de renovação completa da área, pois utilizava a infraestrutura, os espaços físicos e as atividades já existentes, valorizando estes espaços ao resgatar o valor simbólico e a identidade da área central¹⁵⁹.

Dentre os principais temas tratados por estas propostas estavam: a criação de condições para a inserção e revitalização de atividades recreativas e culturais na área de atuação do projeto; a proteção e valorização de imóveis públicos e intervenções paisagísticas e viárias em espaços públicos; a preservação de espaços históricos e culturais que constituem a memória da cidade e o estímulo ao envolvimento da comunidade local nas atividades culturais e na recuperação dos imóveis – para tanto, foi elaborada uma proposta direcionada "à preservação dos imóveis particulares da área que se resumiu em um projeto de lei de isenção tributária para os edifícios que mantivessem preservadas as fachadas e características das mesmas"¹⁶⁰.

Foram elaborados então quatro eixos de intervenção que seriam direcionados para cada região do Corredor Cultural, baseando-se nas suas "potencialidades e possibilidades diferentes de desenvolvimento" e que, portanto, necessitavam "diferentes doses de preservação e renovação"¹⁶¹. Eram estes eixos: 1) Preservação ambiental: propunha a "regulamentação de desenvolvimento urbano, levando em conta os elementos ambientais nela existentes, que representem valores culturais, históricos, visuais e tradicionais para a população"¹⁶²; 2) Revitalização de atividades: adotariam "ações para a regulamentação das atividades instaladas, visando a preservação e dinamização das mesmas por meio de ações

¹⁵⁸ Ibidem, p. 80.

¹⁵⁹ Idem.

¹⁶⁰ Ibidem, p. 85.

¹⁶¹ Ibidem, p. 92.

¹⁶² Ibidem, p. 93.

diretas, incentivos e planos integrados a outros órgãos"¹⁶³; 3) Amenização do espaço ambiental: visavam "ações da melhoria da qualidade ambiental por meio de projetos paisagísticos, inserção de mobiliário urbano e pintura de empenas cegas de imóveis"¹⁶⁴; e 4) Reestruturação urbana: pretendiam "dinamizar e racionalizar a ocupação territorial" através de "modificações no traçado urbano, preenchimento de vazios, remanejamento de áreas subocupadas, relocação de serviços e equipamentos, e alterações no sistema viário"¹⁶⁵.

Nas áreas do Largo da Lapa e do Aqueduto, que mais nos interessam aqui, estes três últimos critérios de intervenção foram sobrepostos "devido à complexidade e problemas apresentados no tecido urbano, fragmentado pelas demolições realizadas na década de setenta", quando quarteirões inteiros do bairro foram demolidos deixando um espaço urbano "descaracterizado por uma confusa via de trânsito, grande quantidade de imóveis degradados e subutilizados, e vários terrenos vazios"¹⁶⁶.

Assim, como intervenção para a **revitalização de atividades** se propôs uma nova utilização dos imóveis e espaços subutilizados da área visando impulsionar ali atividades de recreação e lazer. Como **amenização do espaço ambiental** foi proposta a arborização da Praça dos Arcos "de forma a configurar um espaço ao Aqueduto e instalação de mobiliário urbano na área", além de um estudo de iluminação que valorizasse este monumento e "a pintura ou a abertura de vãos na empena cega da Escola de Música da UFRJ, integrando o imóvel visualmente ao Largo"¹⁶⁷. E por último, a **reestruturação** do tecido urbano por meio de alterações no traçado viário, incorporação das ilhas de tráfego às calçadas existentes e sinalização para pedestres¹⁶⁸.

O Corredor Cultural também se deu no âmbito da legislação, direcionando propostas para logradouros e imóveis da área prioritária do Projeto que abordavam o incentivo ao seu uso recreativo, cultural e comercial, a preservação da ambiência e de edifícios tombados da área e a regulamentação do uso do solo. Também foram propostos decretos de preservação da ambiência dos conjuntos arquitetônicos, através da estipulação, por exemplo, de altura máxima para as novas construções na área e manutenção das fachadas e características originais dos imóveis, além de uma política de linhas de crédito para a manutenção das atividades recreativas e culturais e da preservação dos edifícios históricos¹⁶⁹.

¹⁶³ Ibidem, p. 95.

¹⁶⁴ Ibidem, p. 99.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 101.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 105.

¹⁶⁷ Ibidem, p. 107.

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 95.

Entretanto, embora nos primeiros meses de 1980 a administração municipal do Rio de Janeiro, liderada por Israel Kabin, tenha se empenhado para a implantação do Projeto e toda uma estrutura favorável à sua implantação formada, o processo sofreu algumas interrupções ao longo dos anos devido à mudanças na administração municipal. Durante o governo do prefeito Júlio Coutinho, que assumiu o cargo em julho do mesmo ano, "os estudos referentes à legislação e regulamentação para a recuperação e preservação dos conjuntos arquitetônicos [...] foram suspensos sem previsão de retomada", o ritmo de implantação de obras diminuído¹⁷⁰ e o Projeto perdeu "parte de sua força e do apoio político no interior da Prefeitura Municipal"¹⁷¹, passando a ser executado em ações dispersas, o que acabou por descaracterizar a sua essência – embora persista até hoje, porém limitado ao âmbito da preservação dos imóveis da área do Corredor Cultural.

Em suma, o que mais nos interessou aqui foi o fato de que o Projeto voltou a colocar em pauta uma região que até então estava esquecida como centro de lazer e cultura e havia se especializado principalmente nas funções financeiras e de negócios, se tornando um lugar de passagem com tendência à verticalização dos edifícios e à renovação pautada em demolições. O projeto Corredor Cultural, mais do que valorizar a arquitetura e o tecido urbano já existentes, através do equilíbrio entre práticas de preservação e renovação, também teve como marca a utilização da cultura como principal elemento para reocupar a região, questão interessante para se pensar a revitalização da Lapa e a relação entre cultura e urbano.

2.2.2. Projeto Quadra da Cultura

Com um propósito semelhante ao do Projeto Corredor Cultural, cria-se na década de 1990, durante a segunda administração de Leonel Brizola (1990-1993), o Projeto "Quadra da Cultura". Nele, o Governo do Estado do Rio de Janeiro destinava sobrados da Lapa, mais especificamente da Avenida Mem de Sá, para atividades culturais, "por meio da cessão de uso de imóveis públicos que estavam sob a guarda do Patrimônio Imobiliário do Estado do Rio de Janeiro"¹⁷² para algumas instituições como grupos e centros de teatro¹⁷³.

Segundo Souza (2012), o Projeto contribuiu também "para mostrar que aquela área era um local em vias de preservação e recuperação" e os eventos e atividades culturais realizados no Circo Voador, na Fundação Progresso, nos sobrados da Quadra Cultural, no Asa Branca, e ainda nas instituições tradicionais "que há muito lutavam pela preservação de seu patrimônio

¹⁷⁰ Ibidem, p. 118.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² SOUZA, op. cit., p. 50.

¹⁷³ GUTERMAN, 2012, p. 36.

e de suas atividades em um ambiente degradado", como a Sala Cecília Meireles, a Escola de Danças Maria Olenewa e a Escola de Música da UFRJ, "faziam aumentar o número de frequentadores e as atenções da mídia para a Lapa que se beneficiava da fama de bairro boêmio"¹⁷⁴.

Observou-se, ainda segundo Souza (2012), que com todas essas atividades culturais, o fluxo de indivíduos aumentou, principalmente nas noites de sexta-feira e sábado, e que muitos desses novos frequentadores, até então, não haviam jamais frequentado o bairro, que embora ainda se encontrasse bastante degradado, "começou a transformar-se conforme o suceder das horas do dia e da noite"¹⁷⁵. Assim,

Bem no final da década de 1990, já existia um movimento natural de expansão dos domínios das atividades culturais de lazer e entretenimento em direção a Rua do Riachuelo e da Avenida Mem de Sá, "do outro lado dos Arcos", termo que vem dos antigos e caiu no popular. Mas, foi no início da década de 2000 que a revitalização ganhou novamente um impulso. Por um lado, pelo projeto Distrito Cultural da Lapa que estava sendo instituído e pretendia ampliar a ideia do projeto Quadra Cultural, e por outro, pelos novos empreendimentos¹⁷⁶.

2.2.3. Distrito Cultural da Lapa

Pretendendo ampliar a ideia do Projeto "Quadra da Cultura", foi instituído o Projeto "Distrito Cultural da Lapa", por meio do Decreto N° 26.459, de 7 de junho de 2000, onde o Governador do Estado do Rio de Janeiro, na época Anthony Garotinho, "considerando a necessidade de se preservar o conjunto paisagístico e arquitetônico do Bairro da Lapa, de implantar um programa de desenvolvimento econômico e social, sustentado pelo turismo local"¹⁷⁷, decretava:

Art. 1º - Fica instituído o Projeto "DISTRITO CULTURAL DA LAPA" consistente da destinação de imóveis próprios estaduais, não afetados ao uso comum do povo ou ao uso especial e alocados ao Poder Executivo Estadual ou pertencentes a entidades vinculadas, para atividades culturais e outras correlatas.
Parágrafo Único – A abrangência do Projeto é delimitada pela área compreendida entre o Largo da Lapa até o final da Rua Lavradio incluindo a Travessa do Mosqueira, Avenida Mem de Sá, Rua do Riachuelo, Avenida Gomes Freire, Rua dos Arcos, Rua Joaquim Silva, Rua do Resende e Rua da Relação, no Município do Rio de Janeiro¹⁷⁸.

Ainda segundo o decreto, a execução do projeto competia à três instâncias: à Secretaria de Estado e de Cultura, que deveria selecionar as pessoas físicas ou jurídicas que

¹⁷⁴ SOUZA, op. cit., p. 50.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 51.

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ Decreto Estadual N° 26.459, de 07 de junho de 2000. Disponível em: http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/decest.nsf/1d06f1d6596be4980325654c00612d5b/291e81660a23688603256c33005ed98f?OpenDocument&ExpandSection=-2%2C-3&Highlight=0,26459#_Section2

¹⁷⁸ Idem.

deveriam continuar "ocupando os imóveis próprios ou do RIOPREVIDÊNCIA, ou que deverão desocupar tais imóveis", "coordenar os esforços para a captação dos recursos privados ou públicos necessários ao patrocínio e financiamento do Projeto do Distrito Cultural da Lapa" e "responsabilizar-se por todos os atos de promoção e divulgação do Projeto do Distrito Cultural da Lapa"¹⁷⁹; à Secretaria de Estado de Administração e Reestruturação, através do Departamento do Patrimônio Imobiliário do Estado – DPI e do Fundo Único de Previdência Social do Estado do Rio de Janeiro – RIOPREVIDÊNCIA, que deveria

a) disponibilizar para o Projeto do Distrito Cultural da Lapa, imóveis de titularidade do Estado do Rio de Janeiro e/ou do RIOPREVIDÊNCIA, recebendo em contrapartida o pagamento de taxas de ocupação calculadas segundo os preços praticados pelo mercado e/ou autorizar a realização de empreendimentos que inclusive justifiquem a alienação ou a cessão de uso dos referidos imóveis para atender ao projeto proposto, também considerando os preços praticados no mercado; b) coordenar, fiscalizar e executar nas suas áreas de competência, as medidas necessárias que possibilitem a perfeita execução de todas as atividades relacionadas ao Projeto do Distrito Cultural da Lapa¹⁸⁰.

E por último, à Procuradoria Geral do Estado, a quem cabia adotar as medidas necessárias "visando o assessoramento aos Órgãos e entidades estaduais envolvidos e a reintegração do Estado na posse dos imóveis necessários à execução do Projeto do Distrito Cultural da Lapa"¹⁸¹.

Assim como o Projeto "Quadra da Cultura", como defende Souza (2012), o Projeto "Distrito Cultural" tinha como objetivos transformar o "patrimônio cultural da Lapa em espaços públicos para uso extensivo de lazer, turismo e consumo cultural", com a oferta de cursos artísticos e profissionalizantes, implantação de serviços essenciais à comunidade local e do entorno, cessão de espaços para atividades artísticas e culturais, promover o desenvolvimento socioeconômico na região¹⁸² e, através de parcerias com empresas públicas e privadas, obter recursos "para a feitura de obras de recuperação, conservação e restauração dos sobrados já cedidos a instituições culturais"¹⁸³.

Durante o projeto foram recuperados e reformados o Largo da Lapa com a Igreja e o Lampadário, a Sala Cecília Meireles, a Sede do Museu da Imagem e do Som, que também teve seu acervo digitalizado, o prédio da Escola de Música da UFRJ e diversos sobrados de instituições culturais. Outras propostas não chegaram a ser cumpridas por falta de verba, como "o Centro de Documentação da Lapa – CDL, a Escola de Formação de Jovens

¹⁷⁹ Idem.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² SOUZA, op. cit., p. 51.

¹⁸³ Ibidem, p. 52.

Restauradores e a implantação do Espaço das Artes Hotel Bragança, através da restauração do antigo Hotel Bragança"¹⁸⁴.

Ainda segundo Souza (2012), "ficava mais nítido naquele momento o processo de revitalização da Lapa", com o surgimento de novas atividades culturais, que passou a atrair uma quantidade maior de indivíduos, empresários e comerciantes, que "se espalharam pela Rua Joaquim Silva, no calçadão junto aos prédios da Avenida Mem de Sá e na proximidade dos Arcos aproveitando a movimentação do Circo Voador e Fundação Progresso"¹⁸⁵. Concomitantemente, "com tudo que acontecia do lado de cá dos Arcos, empresários em busca de novos espaços para investir em novos empreendimentos, abriam do outro lado dos Arcos novas casas de música"¹⁸⁶, como o Carioca da Gema e Casa da Mãe Joana, em 2000, seguidos pelo Café Cultural Sacrilégio, Mistura Carioca, Casa Brasil Mestiço, Teatro Odisseia e outros tantos espaços culturais¹⁸⁷. Também na Rua Riachuelo, "ao lado de bares e restaurantes e das tradicionais sinucas que já funcionavam a algum tempo, novos empreendimentos chegaram com a música como temática", como o Rio Rock Blues Club, Satisfaction Rock Bar e a Lapa 40° Sinuca e Gafieira, além da redescoberta do Clube dos Democráticos, presente na Lapa desde 1931¹⁸⁸.

Na Rua do Lavradio, conhecida principalmente pelos seus antiquários e que desde 1996 já sediava a Feira Rio Antigo no primeiro sábado de cada mês – onde além da comercialização e exposição de antiguidades e artesanato também se apresentavam artistas de ruas performáticos e bandas de música – os próprios estabelecimentos passaram a apostar na cultura como principal ferramenta para a retomada da rua. Exemplo emblemático disso é a transformação das lojas de antiguidades em um "misto de antiquário com casa de shows", como fez o Rio Scenarium, seguido por outros empreendimentos como o "Mangue Seco, a Movelararia Café, o Céu Aberto, Varandas Gourmet, Santo Scenarium e alguns outros negócios onde a cultura está presente de alguma forma ou atividade"¹⁸⁹.

2.2.4. Eu sou da Lapa

Não diretamente um projeto de intervenção urbana, mas, sobretudo, uma estratégia de marketing, o movimento "Eu sou da Lapa" foi criado em 2005 pela agência de marketing de

¹⁸⁴ Ibidem, p. 54.

¹⁸⁵ Idem.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 55.

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ Ibidem, p. 56.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 55.

guerrilha¹⁹⁰ "Espalhe", com inspiração na campanha "I Love NY", criada para a cidade de Nova York na década de 1970¹⁹¹ com intuito semelhante ao do movimento pensado para a Lapa: divulgar a sua revitalização urbana. Mas mais do que isso, o que se pretendia com o movimento "Eu sou da Lapa" era "resgatar a vocação residencial do bairro"¹⁹², o que já havia sendo esboçado pelos Programas "Novas Alternativas" e "Morando no Centro", da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, que buscavam estimular a ocupação residencial da área central da cidade através da "reabilitação, recuperação e construção de imóveis em vazios urbanos infraestruturados localizados no Centro do Rio"¹⁹³ destinados à população de baixa renda.

No entanto, como argumenta Guterman (2010), apesar dos esforços para a construção da imagem de uma Lapa revitalizada, ainda parecia distante o sucesso desta. "Os jornais continuavam “denunciando” os “problemas” de sempre: falta de policiamento e de iluminação, presença de moradores de rua, vendedores ambulantes, flanelinhas e menores que praticam furtos e usam drogas no meio da rua"¹⁹⁴ e o público que se pretendia atrair para o bairro, a classe média, que, na visão do planejamento estratégico, legitimaria a condição da Lapa como um espaço revitalizado, ainda não parecia enxergá-lo como opção de moradia.

Antes de prosseguir, é fundamental ressaltar aqui o contexto no qual surgiu o movimento "Eu sou da Lapa". A construtora Klabin Segall estava prestes a lançar o empreendimento imobiliário "Cores da Lapa" no "local onde antes se encontrava abandonada as instalações de uma antiga cervejaria"¹⁹⁵ e, para preparar o mercado para a sua chegada, contrataram, dois meses antes do lançamento do condomínio, a agência Espalhe, que, como já visto, foi responsável pela criação do movimento "Eu sou da Lapa". Portanto,

O movimento “Eu sou da Lapa”, na verdade foi uma ação de *astroturfing* da agência *Espalhe* para incorporadora Klabin Segall. *Astroturfing* é uma técnica utilizada por publicitários para “criar movimentos”, ou seja, se desenvolve uma ação que parece ser um movimento espontâneo e popular, mas que na realidade é uma ação planejada para falar sobre uma marca, que é o verdadeiro objetivo do movimento¹⁹⁶.

¹⁹⁰ Termo utilizado para caracterizar ações de marketing não convencionais, rápidas, que utilizam poucos recursos e produzem grande impacto sobre o público alvo. "Segundo André Rabanea, responsável da Torke, o Marketing de Guerrilha é uma forma de envolver os consumidores com a marca, não através da imposição, mas através da conquista". Disponível em: <https://joanapeixoto.wordpress.com/marketing-de-guerrilha-2/>. Data da pesquisa: 25/02/2016.

¹⁹¹ ARAÚJO, op. cit., p. 59.

¹⁹² GUTERMAN, 2010, p. 8.

¹⁹³ Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/novas_alt.htm. Data da pesquisa: 25/02/2016.

¹⁹⁴ GUTERMAN, 2012, p. 42.

¹⁹⁵ GUTERMAN, 2010, p. 8.

¹⁹⁶ GUTERMAN, 2012, p.44

Para isso, "a promoção no bairro precisava ir além dos possíveis compradores do empreendimento"¹⁹⁷. O cenário de "crise", de bairro com estigma de local degradado, violento, precisaria ser superado para que a Lapa "voltasse" a atrair olhares de novos empreendedores e novos consumidores. "Era preciso fazer com que a Lapa voltasse a ser o "coração da cidade", ser tão emblemática como seu principal símbolo: os Arcos"¹⁹⁸.



Figura 14 – Manifesto "Eu sou da Lapa". Fonte: Blog O Bicho Preguiça¹⁹⁹.

Para divulgação da campanha, a agência vinculou-a a "verdadeiros símbolos cariocas da gema"²⁰⁰. As torcidas dos times cariocas levantavam a bandeira com o slogan do movimento a cada gol de vitória e personalidades do Rio de Janeiro, como "o escultor de areia colombiano, de alma carioca, Alonzo Gómez-Díaz; o conhecido saxofonista do metrô da Carioca Ademir Leão e o ídolo do surfe do Rio de Janeiro, Dadá Figueiredo"²⁰¹, escolhidos para promover a campanha, dentro de seu ambiente, vestiam camisas "Eu sou da Lapa" e distribuíam material publicitário, convidando todos a visitarem o site oficial do movimento²⁰².

Foram distribuídos 40 mil guias; o site do Movimento Eu sou da Lapa teve 6 mil acessos em um mês e a comunidade obteve quase 1.500 membros. Diversas reportagens lembraram (ou reinventaram) a identidade do bairro, ressaltando seu caráter popular, malandragem carioca, agora com mais segurança e opções de lazer²⁰³.

¹⁹⁷ GUTERMAN, 2010, p. 8.

¹⁹⁸ GUTERMAN, 2012, p. 42.

¹⁹⁹ Disponível em <https://obicho.wordpress.com/2010/12/09/espalhe-e-astroturf/>. Data da pesquisa: 25/02/2016.

²⁰⁰ GUTERMAN, 2012, p. 43.

²⁰¹ Idem.

²⁰² GUTERMAN, 2010, p. 10.

²⁰³ GUTERMAN, 2010, p. 9.



Figura 15 – Campanha "Eu sou da Lapa". Fonte: Case de Guerrilha para Klabin Segall²⁰⁴.

Mais do que divulgar o processo de revitalização da Lapa e recuperar a sua vocação residencial, as estratégias adotadas pelo movimento buscavam "reanimar a identidade local", "apostando em uma abordagem cívica onde a noção de pertencimento seria associada a um novo consumo do lugar (ou também pode ser visto como um lugar do consumo)"²⁰⁵.

O movimento buscou mostrar que a Lapa nada mais é que a “carteira de identidade” do carioca, começando a se promover a ideia de que a Lapa se transformaria no “mais carioca dos bairros”, uma vitrine da cidade. O sucesso dessa ação publicitária [...] pode ser comprovado no dia 10 de novembro de 2005, quando os 668 apartamentos do condomínio Cores da Lapa foram vendidos em duas horas²⁰⁶.

2.2.5. Pólo Novo Rio Antigo

A revitalização da Lapa ganhava cada vez mais força. Após o lançamento de novos empreendimentos imobiliários, o bairro passou a fazer parte da “expansão imobiliária do Rio de Janeiro”²⁰⁷, consolidando seu "potencial para habitação" e atraindo moradores de classes mais abastadas²⁰⁸. A restauração de casarões antigos e a revitalização e incentivo às atividades culturais no bairro, estimulados pelos projetos de intervenção urbana estudados ao longo deste capítulo, acabaram por aumentar o "movimento noturno do local e o valor de mercado dos imóveis das ruas principais"²⁰⁹. "O crescente interesse do poder público pela revitalização da Lapa foi estimulando também o interesse de investidores na região como um pólo gerador de

²⁰⁴ Disponível em <http://pt.slideshare.net/marketingdeguerrilha/case-de-guerrilha-para-klabin-segall-astroturfing>.
Data da pesquisa: 25/02/2016.

²⁰⁵ Ibidem, p. 16.

²⁰⁶ GUTERMAN, 2012, p. 46.

²⁰⁷ Ibidem, p. 57.

²⁰⁸ Ibidem, p. 58.

²⁰⁹ Idem.

negócios". A Lapa se estabelecia então como um lugar para se morar, para se investir e para consumir.

Com tudo isto, em 27 de janeiro de 2006, considerando a concentração e variedade de empreendimentos culturais e comerciais e de edificação históricas, "importante reduto da boemia e da cultura carioca", no Centro Antigo; "a oportunidade de criação de um pólo cultural e gastronômico na área, aproveitando as múltiplas potencialidades da região, incrementando a infraestrutura de serviços"; e "o interesse da Prefeitura em promover e manter ações articuladas com organizações da sociedade civil" e "através de parcerias, otimizar os investimentos públicos e acelerar o ritmo dos melhoramentos e da qualificação destas regiões", decretou-se a criação do Pólo Cultural e Gastronômico do Novo Rio Antigo²¹⁰, uma associação que "reúne empresários e profissionais da cultura, gastronomia, comércio, serviço, turismo e lazer das regiões da Cinelândia, Lapa, Rua do Lavradio, Praça Tiradentes, Largo de São Francisco e Rua da Carioca", com o objetivo de fomentar a revitalização cultural, econômica e social do Centro Histórico da cidade do Rio de Janeiro²¹¹.

Pautado em três vetores de desenvolvimento – Cultura, Gastronomia e Memória - o Polo apostou no modelo de associativismo que une capacidade crítica e operacionalidade estratégica e passou a ser o principal agente de mudança local, atuando sem cansar para aumentar a competitividade e produtividade das empresas com investimento na qualidade de produtos oferecidos e geração de externalidades positivas capazes de ampliar a atratividade local, tais como melhoria de infraestrutura, limpeza, segurança, diferenciação e promoção da região como destino compra e lazer²¹².

Como aponta Guterman (2012), o Pólo consolidou uma “organização” dos empresários da região, que juntos passaram a reconhecer as oportunidades e demandas geradas pelo crescimento dos negócios e a necessidade de maiores investimentos na infraestrutura, se transformando num importante instrumento para a “revitalização”²¹³. Assim, ainda em 2006, o grupo elaborou um Projeto de Requalificação Urbana, onde, por meio de oficinas de discussões, identificaram os problemas que afetam a região, sugeriam propostas a serem implementadas em prol de melhorias locais e apresentavam alternativas para o tratamento e encaminhamento de soluções²¹⁴. O que se buscava com esse levantamento era oferecer "à sociedade em geral e às esferas da administração pública em particular, a

²¹⁰ Decreto Nº 26.200, de 27 de janeiro de 2006. Disponível em <http://leismunicipa.is/nbips>. Data da pesquisa: 28/02/2016.

²¹¹ Site do Pólo Novo Rio Antigo. Disponível em <http://www.novorioantigo.com.br/>. Data da pesquisa: 28/02/2016.

²¹² Idem.

²¹³ GUTERMAN, 2012, p. 60.

²¹⁴ Projeto de Requalificação Urbana elaborado pelo Pólo Novo Rio Antigo. Disponível em: <http://www.novorioantigo.com.br/projetos>. Data da pesquisa: 28/02/2016.

contribuição de pessoas que têm parte de suas vidas investidas nessa região e que desejam atuar conjunta e pró-ativamente por ela"²¹⁵.

O conteúdo destes diagnósticos foi organizado em três temas: 1) urbanização, que englobava questões como iluminação pública, esgotamento sanitário, calçamento, mobiliário urbano, sinalização, fluxo de pedestres e veículos, limpeza urbana, poluição sonora e visual, recuperação de fachadas e preservação do conjunto arquitetônico; 2) ocupação do espaço público, que tratava da população de rua, dos estacionamentos irregulares e da deficiência de estacionamentos para veículos, do comércio ambulante e dos depósitos de papelão e ferro-velho; e 3) segurança, que propunha, substancialmente, o reforço do policiamento na área.

Como propostas mais específicas estavam também a revitalização do Passeio Público; a criação do "Percurso Notável", que se caracterizaria pela excelência da sua história, arquitetura, cultura e entretenimento, criando condições para a demarcação da área como um eixo de atratividade; a elaboração de projetos de sinalização de imóveis históricos e vias; o resgate da ordem urbana; a manutenção e incrementação do mobiliário urbano e do paisagismo da região; o incentivo à recuperação de fachadas; a criação de um centro de informações turísticas e de um calendário de feiras temáticas; a elaboração de soluções viárias para desafogar o trânsito na Lapa; além do Projeto "Corredor Iluminado", que integra e reforça a ideia do "Percurso Notável", propondo ligar, através de um caminho de luz, os espaços culturais, bares e restaurantes do Pólo Novo Rio Antigo.

2.2.6. Lapa Legal

Em 2 de janeiro de 2009, considerando a carência de controle urbano e de infraestrutura urbanística necessários ao pleno desenvolvimento das potencialidades econômicas, turísticas e culturais da região que vai da Cinelândia até o Campo de Santana²¹⁶, foi decretado pelo então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, a criação de um Grupo de Trabalho responsável pela elaboração do Projeto "Lapa Legal". O texto do Decreto Nº 30.382, estabelecia que este grupo seria composto por representantes das Secretarias Municipais de Cultura, de Ordem Pública, de Turismo, de Urbanismo, de Obras e Conservação e da Coordenadoria Especial do Centro, que deveriam garantir que o Projeto obedecesse às seguintes metas e diretrizes: 1) aproveitamento do potencial cultural e turístico da região, com respeito à multiculturalidade da população carioca; 2) ordenamento público e

²¹⁵ Idem.

²¹⁶ Decreto Nº 30.382, de 2 de janeiro de 2009. Disponível em http://www.ademi.org.br/article.php3?id_article=29470. Data da pesquisa: 28/02/2016.

regularização urbana da região e da área de seu entorno; 3) preservação do patrimônio arquitetônico do Rio Antigo, bem como formulação de intervenções urbanísticas que o alinhem ao Rio contemporâneo; e 4) fomento à captação de recursos e investimentos da iniciativa privada, com vistas à dinamização das atividades culturais e à geração de empregos.

De acordo com Guterman (2012), a primeira fase do projeto consistia basicamente em “ações de ordenamento urbano”, iniciada em meados de 2009, com a política intitulada “Choque de ordem”²¹⁷. Foram tomadas medidas para a regulamentação do estacionamento na área da Lapa e nas ruas do entorno, assim como fixação de pontos de táxi, estabeleceu-se o patrulhamento 24 horas pela Guarda Municipal e foi implantada a Feira Noturna da Lapa, com o propósito de “ordenar e legalizar o comércio ambulante local”, funcionando de quarta-feira a domingo, das 19h às 3h30, na calçada da Sala Cecília Meireles e na Praça dos Arcos²¹⁸.

Outras medidas previstas eram o incremento da limpeza urbana e da iluminação pública, conservação das ruas e calçadas, novas regras para reduzir a poluição sonora, sobretudo em eventos ao ar livre, construção de rampas de acessibilidade e desapropriação de 14 imóveis e sua transformação em 207 unidades habitacionais e 17 comerciais²¹⁹. Além disso, também foram realizadas intervenções na Praça Cardeal Câmara, ao lado dos Arcos, com a recuperação das suas pedras portuguesas e intensificação da manutenção de rotina, e instaurado o projeto “Fim de Semana Legal”, “onde trechos das ruas Mem de Sá, Gomes Freire e Riachuelo foram fechados à passagem de veículos até às 5h, permitindo que bares e restaurantes usassem as calçadas para ampliação ordenada do número de mesas e cadeiras”²²⁰, revogado anos mais tarde, após o grande número de reclamações dos comerciantes e, principalmente, dos moradores da região, incomodados com o trânsito, o excesso de barulho e o grande fluxo de pessoas, que comprometiam a tranquilidade e a segurança na região²²¹.

2.2.6. Lapa Presente

Seguindo a mesma linha do projeto “Lapa Legal”, em 1 de janeiro de 2014, por determinação do então governador Sérgio Cabral, foi inaugurada a Operação Lapa Presente, que consiste em um pacote de medidas para combater o alto índice de criminalidade da Lapa e “garantir o direito de ir vir dos moradores e frequentadores” do bairro. A Operação possui

²¹⁷ GUTERMAN, 2012, p. 71.

²¹⁸ Site SRZD - Paes anuncia as primeiras medidas do projeto “Lapa Legal” em visita ao bairro. Disponível em <http://www.sidneyrezende.com/noticia/44281+paes+anuncia+as+primeiras+medidas+do+projeto+lapa+legal+em+visita+ao+bairro>. Data de acesso: 29/02/2016.

²¹⁹ Idem.

²²⁰ GUTERMAN, 2012, p. 71.

²²¹ Site G1 - Trânsito durante a noite na Lapa, Rio, será reaberto aos motoristas dia 22. Disponível em <http://glo.bo/1ORUP8n>. Data de acesso: 29/02/2016.

caráter permanente, atuando durante os sete dias da semana – sendo de domingo a quinta-feira das 19h às 3h e durante as sextas e sábados das 21h30 às 5h30 – e conta com a união de nove órgãos do governo estadual e municipal em ação coordenada: a Secretaria de Governo, a Polícia Militar, a Guarda Municipal, as Secretarias Municipais de Ordem Pública, de Assistência Social, de Conservação e de Transportes, além da Comlurb e do Conselho Tutelar²²².

São realizados patrulhamentos em trios, formados por policiais militares, guardas municipais e agentes da Secretaria de Estado de Governo, que percorrem, a pé, em bicicletas ou viaturas, "as áreas mapeadas na Lapa como pontos de maior incidência de furtos e roubos a transeuntes e de consumo e venda de drogas"²²³. As rondas tem o intuito de "promover a ordem no bairro e coibir ações criminosas"²²⁴ e os profissionais, todos uniformizados com a logomarca da operação, contam com uma câmera para filmar as abordagens aos suspeitos.

Outras ações do programa são o acolhimento de moradores de rua e menores, realizados pela Secretaria Municipal de Assistência Social, a disponibilização de uma tenda e uma van da Operação na Praça Cardeal da Câmara, onde os frequentadores e moradores do local podem buscar informações, e a instauração de "dois telefones exclusivos para denunciar crimes e irregularidades na Lapa"²²⁵, o Disque Lapa Presente.



Figura 16 – Operação Lapa Presente. Fonte: Site G1²²⁶.

²²² Site da Secretaria de Estado de Governo - Operação Lapa Presente fortalecerá segurança da região. Disponível em <http://www.rj.gov.br/web/segov/exibeconteudo?article-id=1899041>. Data de acesso: 02/03/2016.

²²³ Site G1 - Operação 'Lapa Presente', no Rio, terá disque-denúncia exclusivo. Disponível em <http://glo.bo/1fBWRh3>. Data de acesso: 02/03/2016.

²²⁴ Site da Subsecretaria de Comunicação Social – Governo do Estado lança Operação Lapa Presente. Disponível em <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=1880587>. Data de acesso: 02/03/2016.

²²⁵ Site G1 - Operação 'Lapa Presente', no Rio, terá disque-denúncia exclusivo. Disponível em <http://glo.bo/1fBWRh3>. Data de acesso: 02/03/2016.

²²⁶ Disponível em <http://glo.bo/1fBWRh3>. Data de acesso: 02/03/2016.

Dados fornecidos pelo site da Secretaria de Estado de Governo do Rio de Janeiro dois anos após o início da Operação indicam que, "Segundo dados do Instituto de Segurança Pública (ISP), analisados pelo Laboratório de Análise Criminal da Polícia Militar, comparando o ano de 2013, quando não havia a Operação, e o ano de 2015, houve queda de 95% dos roubos e 93% dos registros de furtos na região"²²⁷. Outras informações apresentadas, que analisam os resultados da Operação entre 1º de janeiro de 2014 e 2 de janeiro de 2016, afirmam que foram realizadas quase 20 mil ações de acolhimento de moradores de rua, mais de 4,4 mil pessoas foram presas, 459 mandados de prisão cumpridos (sendo 48 por tráfico de drogas, 22 por homicídio, 207 por roubo, 92 por furto e 90 por outros crimes), 72 apreensões de drogas registradas e 175 veículos rebocados. Também foram detidas mais de 3 mil pessoas por porte de entorpecentes (sendo 134 presas por tráfico de drogas) e foram conduzidas à delegacia 92 pessoas por porte de arma branca, 21 por portar arma de fogo, 319 por roubo e furto e 958 por outros delitos²²⁸.



Figura 17 – Seleção de reportagens sobre a redução da violência na Lapa com a Operação Lapa Presente.

A análise dos dados expostos evidencia portanto que a Operação consiste basicamente em "limpar as ruas" da Lapa, retirando do bairro os moradores de rua e "criminosos", transformando-o em um espaço "seguro" e atrativo para os novos consumidores da Lapa. Uma operação fundamentalmente policial para a execução de prisões, buscando transformar a imagem da Lapa perigosa em bairro boêmio classe média, auge da noite carioca.

²²⁷ Site da Secretaria de Estado de Governo – Lapa Presente aumenta segurança do Rio Antigo. Disponível em <http://www.rj.gov.br/web/segov/exibeconteudo?article-id=2689835>. Data de acesso: 02/03/2016.

²²⁸ Idem.

3. A RECONFIGURAÇÃO DO QUE ERA A LAPA

Com todos estes projetos pensados para a Lapa em vista, no presente capítulo se observará como a partir de então este bairro central da cidade do Rio de Janeiro foi mais uma vez refigurado, reapropriado e reinventado pelos agentes enunciadores dos discursos de revitalização urbana, apoiados pela mídia, a fim de se criar uma imagem homogênea da Lapa revitalizada, atraente ao consumo e aos investimentos privados.

No entanto, através de uma análise crítica sobre o bairro "pós-revitalização", será debatido como esta imagem da Lapa boêmia, democrática, símbolo da identidade carioca, busca silenciar, propositadamente, a ambiguidade dos processos de revitalização dos centros urbanos, averiguando os seus efeitos para os diferentes indivíduos que consomem e vivenciam o espaço e buscando relacionar o caso da Lapa a processos semelhantes em escala global.

Por fim, veremos como o próprio Circo Voador, importante objeto desta pesquisa, ao mesmo tempo em que foi responsável por dar início, em 1982, a uma nova configuração da Lapa, também foi refigurado ao longo deste processo e hoje, assim como o bairro, experiencia, de certa forma, uma sofisticação do seu consumo.

3.1. A Lapa hoje e amanhã – Análise do bairro "pós-revitalização" e possíveis refigurações futuras

Vimos até então que os projetos Corredor Cultural, Quadra da Cultura e Distrito Cultural da Lapa, interessados na revitalização do bairro principalmente através da cultura, prezando pelo resguardamento da identidade local através da preservação e restauração dos seus edifícios históricos, foram responsáveis por reinserir a Lapa no cenário do planejamento urbano e incentivar o início de um novo processo de ocupação destes edifícios, principalmente para usos culturais e comerciais. Por sua vez, o movimento "Eu sou da Lapa", que buscava, através da criação de uma noção de pertencimento e de identidade dos cariocas com a Lapa, recuperar a sua vocação residencial e reforçar a imagem do bairro como o símbolo da boemia, atingiu seus objetivos e abriu portas para uma nova forma de ocupação residencial da área, tendo como principal alvo a população de classe média. Por fim, os projetos Lapa Legal e Lapa Presente, responsáveis principalmente por questões ligadas à fiscalização, ordenamento e segurança do bairro, segundo dados, reduziram a criminalidade da região e o Pólo Novo Rio Antigo ainda hoje atua na manutenção e no mapeamento das demandas do centro do Rio de Janeiro através do associativismo entre as instituições que funcionam diariamente na área.

Os resultados específicos de cada um destes projetos já foram debatidos e vistos superficialmente pareceram trazer somente benefícios para o bairro, que, como já mencionado, se encontrava degradado, abandonado pelo poder público. No entanto, estes projetos somente não foram responsáveis pela reconfiguração do bairro, foram parte de um processo maior de revitalização e os seus resultados somados acabaram por configurar uma nova Lapa, ainda mais distante daquela descrita pelo Jornal do Brasil na década de 1980, como visto no capítulo que narra o renascimento da Lapa após a chegada do Circo Voador ao bairro.

Hoje, a imagem superficial que se tem do bairro carioca é a que vêm sendo (re)apropriada e propagada pelos agentes enunciadores dos projetos de renovação urbana do centro. São imagens homogêneas – que se utilizam das especificidades do bairro, como seu caráter multicultural e boêmio – de uma Lapa revitalizada, transformada em um produto a ser consumido nacional e internacionalmente, como pode se observar nos discursos empregados nas reportagens reproduzidas abaixo. No entanto, o que tais imagens omitem, intencionalmente, são os impactos negativos resultantes da revitalização do bairro. Com o aumento dos investimentos na região, consumidores com maior poder aquisitivo foram

atraídos para a Lapa, estimulando novos investimentos. Novos bares e restaurantes foram abertos e outros se adaptaram para atender a essa nova clientela, resultando em uma sofisticação do consumo.



Figura 18 – Seleção de reportagens sobre a imagem produzida e propagada de uma Lapa revitalizada e boêmia, extraídas de diferentes veículos midiáticos.

Guterman (2012) problematiza esse fenômeno ao afirmar que apesar da elevação de certos locais a "cartão postal" da cidade trazerem inúmeros benefícios e atraírem investimentos e consumidores, as estratégias utilizadas pelo marketing e pelo planejamento urbano geralmente não levam em conta as demandas dos moradores locais, mas são concebidos pensando somente na atração de visitantes e turistas²²⁹. Neste sentido, verifica-se que o conjunto de ações planejadas ou espontâneas praticadas no espaço interfere na ordem anteriormente estabelecida, "O sistema de ações, previstos ou imprevistos, alteram as relações interpessoais e o modo de uso no espaço"²³⁰.

Pois o objetivo maior é projetar a Lapa para o consumo planejado do lazer, o que pode inibir a espontaneidade que o lugar carrega consigo há décadas... a nova dinâmica que

²²⁹ GUTERMAN, 2012, p. 75.

²³⁰ ARAÚJO, op. cit., p. 72.

está sendo realizada já incomoda os residentes locais, como o aumento do trânsito de carros e de pessoas durante o dia e a noite, principalmente, onde o fluxo de pessoas é maior e conseqüentemente o barulho mais intenso. Muitos moradores reclamam do som promovido pelas casas noturnas, que desrespeitam a lei do silêncio. Algumas medidas já foram tomadas para a melhoria do lugar, mas também provocou reações. O aumento da iluminação das ruas, por exemplo, deslocou parte da prostituição para áreas adjacentes²³¹.

Seguindo essa linha de raciocínio, é importante perceber que as atuais políticas de revitalização, ao mesmo tempo em que reinventam lugares e recriam tradições, "dão novos usos ao patrimônio edificado, criando novos lugares e apropriando-se de tradições de outrem, a partir de usos diferenciados que se faz do espaço público"²³². Relaciona-se com o que no primeiro capítulo nós chamamos de processos de (re)territorialização, intrínsecos ao modo como os sujeitos sociais – aqui tomados como os sujeitos que anteriormente já ocupavam o bairro – simultaneamente experimentam e agem sobre determinado espaço físico e, neste caso, são compelidos a adaptarem-se e agirem sobre as novas (re)configurações impostas por outros sujeitos – aqueles do planejamento urbano e que ao mesmo tempo também são sujeitos da reterritorialização.

No caso dos processos de requalificação urbana, observa-se, portanto, que ao mesmo tempo em que essa nova configuração imposta acaba por favorecer alguns grupos sociais específicos em detrimento de outros com menor poder aquisitivo e capital cultural, fortalecendo o discurso da "Lapa classe média", a presença de práticas de resistência acabam por fortalecer o conhecido discurso da "Lapa democrática", "lugar de todas as tribos". Assim, nota-se que o mesmo recurso utilizado para se resistir à nova configuração da Lapa revitalizada classe média é o recurso que se utiliza para "vender" a Lapa revitalizada democrática.

Sobre o assunto, Araújo (2009) decorre:

Há uma prática de ordenamento espacial por parte de cada empresário ou dono dos estabelecimentos a fim de manter o controle de uma aparente "ordem" espacial através da sedimentação das mesas e assentos junto ao chão. No entanto, esquece-se que, anteriormente às transformações, havia uma ordem colocada em prática pelos próprios frequentadores locais, na qual mesas e cadeiras eram móveis podendo ser dispostas conforme o gosto e necessidade do freguês. [...] Ou seja, não podemos considerar [...] os usos e as manifestações do lugar enquanto uma "desordem" local, pois são representações e práticas construídas endogenamente. São formas de apropriação de um cotidiano singular daquele grupo que já frequentava a Lapa antes dela estar na "moda"²³³.

²³¹ Ibidem, p. 75-76.

²³² SOUZA, op. cit., p. 35.

²³³ ARAÚJO, op. cit., p. 106.

Em suma, tem-se que as práticas e usos anteriores assistidos na Lapa são reprimidos, reapropriados e reinventados para a construção da imagem homogênea da "Lapa revitalizada". Por exemplo, constata-se, nessa reconfiguração do bairro, a limitação de camelôs, regulamentação de cadeiras nas calçadas, presença policial e repressão a comportamentos e pessoas considerados desviantes, como pedintes e moradores de rua. Ao mesmo tempo, os camelôs são reorganizados em uma espécie de praça de alimentação nas redondezas dos Arcos e os bares disponibilizam cadeiras (cercadas) nas ruas, visando conferir ao bairro um caráter descontraído; o aumento da fiscalização e do policiamento indicam uma imagem de ambiente seguro, assim como a nova iluminação, instalada principalmente nas áreas que se desejam dar visibilidade. Ou seja, os planejadores urbanos se reapropriam das práticas que caracterizam a ambiência da Lapa como lugar da boemia carioca e as reinventam de forma a reconduzi-las para a formação um centro urbano "glamourizado". Como aponta Araújo (2009),

É uma glamourização do ambiente decadente, degradado, monótono, com ruas estreitas, isto é, na tentativa de eliminar a imagem negativa de abandono através de uma visão estereotipada que é propagada. Atualmente a Lapa é conhecida por ser um lugar restaurado, embelezado, com serviços profissionalizados e apropriado pelo setor de turismo. [...] O discurso empregado na divulgação do lugar direciona o receptor que se deseja atingir, ou seja, os veículos de propagação da Lapa são inclinados a alcançar as classes de maior poder aquisitivo e capital cultural²³⁴.



Figuras 19 e 20 – Capa da Revista Veja Rio em abril de 2000 e em agosto de 2006, respectivamente.

Portanto, averigua-se que o processo de renovação urbana da Lapa acabou por resultar em um aumento significativo de público, principalmente da classe média, de investimentos

²³⁴ Ibidem, p. 71.

privados e do setor público, ampliação de infraestrutura, aumento do número de estabelecimentos e em um enobrecimento de grande parte da região renovada, inclusive dos bares, restaurantes e casas noturnas. A valorização do bairro atingiu também o setor imobiliário, observando-se o lançamento de imóveis e condomínios fechados ao exemplo dos da Barra da Tijuca – como anuncia a revista O Globo de outubro de 2009, abaixo, sobre o caso do "Cores da Lapa" – direcionados à classe média, e que criaram um novo conceito de moradia no bairro, potencializando, como objetivava o movimento "Eu sou da Lapa", a sua função residencial. Morar na Lapa passou a ser mais "atrativo", no sentido que propõe Guterman (2012) ao afirmar que este novo conceito de moradia classe média "parece ter promovido uma “nova Lapa”, um lugar (re)vitalizado que estava voltando a atrair investimentos e moradores com uma renda maior que as daqueles que já moravam no entorno"²³⁵, seduzidos pelo discurso dos empreendedores imobiliários que enfatizam a localização estratégica do bairro, o que acabou por aumentar o preço dos imóveis de toda a região e, concomitantemente, instigar cada vez mais a especulação imobiliária.



Figuras 20 e 21 – Capa da Revista O Globo em outubro de 2009 e em janeiro de 2016, respectivamente.

Conforme descreve matéria do Jornal O Globo em 5 de janeiro de 2012 sob o título "Imóveis na Lapa estão mais caros", "desde os lançamentos dos megaempreendimentos Cores da Lapa e Viva Lapa, final de 2006, os preços dos imóveis no bairro, de maneira geral, registram alta de 10% a 20%"²³⁶. Sobre o tema, a reportagem da Carta Capital complementa:

²³⁵ GUTERMAN, op. cit., p. 49.

²³⁶ Site do Jornal O Globo – Imóveis na Lapa estão mais caros. Disponível em <http://oglobo.globo.com/economia/imoveis/imoveis-na-lapa-estao-mais-caros-3179079>. Data de acesso: 11/05/2015.

O investimento das construtoras é um bom termômetro do que pode acontecer por ali. De acordo com a Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi), desde 2005 foram lançadas na Lapa 866 novas unidades de moradia. No mesmo período, o bairro de Botafogo teve lançamento de 623 residências. O valor do metro quadrado na Lapa, entre 1.971 e 2.465 reais, é próximo ao do Méier (entre 1.824 e 3.002 reais). “O esvaziamento econômico e a deterioração das construções tinham afastado os investidores. Mas as construtoras perceberam que esta é uma região com a infra-estrutura toda pronta e preços acessíveis”, analisa David Cardeman, consultor de desenvolvimento urbano da Ademi²³⁷.

Nota-se então que esse conjunto de fenômenos resultantes dos projetos de intervenção urbana acaba, geralmente, por encarecer a região. Mas esse enobrecimento da Lapa "pós-revitalização" afetou diretamente a permanência dos antigos moradores e consumidores do bairro? A partir desta questão, será debatido aqui um conceito chave ao cenário das transformações decorrentes dos processos de renovação dos centros urbanos, conhecido pelo termo "gentrificação", buscando compreender se ele se aplica ao caso estudado aqui.

Bidou-Zachariassen (2007), no que chama de uma tentativa de definição, relata que o termo *gentrification* foi utilizado pela primeira vez por Ruth Glass, no início dos anos sessenta, "para descrever o processo mediante o qual famílias de classe média haviam povoado antigos bairros desvalorizados do centro de Londres, ao invés de se instalarem nos subúrbios residenciais, segundo o modelo até então dominante para essas classes sociais", transformando a "composição social dos residentes de certos bairros centrais, por meio da substituição de camadas populares por camadas médias assalariadas"²³⁸. Citando a descrição feita por Glass (1964) sobre o caso, Smith (2007) apresenta:

Um após o outro, numerosos bairros operários londrinos foram invadidos pelas classes médias alta e baixa. Locais degradados ou com casinhas modestas, com dois aposentos no térreo e dois em cima, foram retomadas quando os contratos de aluguel expiraram, e se tornaram elegantes residências de alto preço. Residências vitorianas maiores, que tinham mudado de função – ou seja, haviam passado a ser utilizadas como pensões familiares ou sub-locadas – recuperaram novamente um bom nível de status. Esse processo de gentrificação, uma vez começado em um bairro, se estendeu rapidamente até que quase todas as camadas populares que aí moravam originalmente tivessem deixado o lugar e que todas as características sociais tivessem mudado²³⁹.

Para CrieKingen (2007):

Eu proponho falar de gentrificação quando estamos em presença de um processo de produção de um espaço urbano originalmente degradado (seja ele habitado ou não), o qual, desde então, apresenta transformações no seu aspecto exterior pela renovação das edificações existentes (conservando ou transformando a função original dos

²³⁷ Carta Capital – De bar em bar. Disponível em <http://www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.0708/0331.html>. Data de acesso: 11/05/2015.

²³⁸ BIDOU-ZACHARIASSEN, op. cit., p. 22.

²³⁹ SMITH, 2007, p. 60.

edifícios) ou pela construção de novo edifícios, e que se assenta sobre uma mobilidade residencial que ocorre pela instalação de uma nova população, e, se for o caso, pela partida da população previamente existente, mais ou menos forçada por diferentes tipos de pressão²⁴⁰.

Outra noção observada nesse contexto dos processos de gentrificação foi a da existência de atores "gentrificadores", que seriam indivíduos com status "mais abastados" do que aqueles que antes moravam no local, desde *yuppies* – termo utilizado para se referir a jovens bem inseridos nas novas atividades de ponta do setor terciários superior metropolitano²⁴¹ – a estudantes, artistas e toda uma série de perfis, frequentemente jovens adultos, caracterizados por inserções mais ou menos precárias ou instáveis no mercado do emprego metropolitano e posições transitórias no ciclo da vida (entre a saída da casa dos pais e a fixação familiar)²⁴². Segundo Mosciaro (2013), "uma das características mais comuns dos gentrificadores é a ocorrência de lares constituídos por apenas um morador, no máximo dois, já que geralmente os *gentrifiers* são pessoas solteiras, ou até mesmo casais sem filhos"²⁴³

Hoje, conforme descreve Araújo (2009), o sentido do termo se alargou e sofreu reapropriações passando a ser utilizado também para denominar a recuperação de centros degradados das cidades através de iniciativas públicas ou privadas que acabam por provocar o encarecimento da região com a chegada de usuários com maior poder aquisitivo²⁴⁴. Ainda de acordo com a autora, fazendo referência a Criekinggen (2007), a gentrificação pode ocorrer na verdade de duas formas – inclusive simultaneamente: uma predominantemente *residencial*, "voltada para a produção de moradias de pessoas de renda média", e a outra de *consumo*, na qual "a ocupação de imóveis e sobrados vazios nas áreas centrais servem ao mercado de turismo e lazer através da construção de ambientes sofisticados"²⁴⁵. Para ela, "Ambas estimulam a produção glamourizada do espaço por meio da valorização do patrimônio histórico cultural, de produção de moradias e de investimentos na diversidade cultural", fomentada pela divulgação da mídia, "que auxilia na criação de um discurso hegemônico em torno do lugar para atrair consumidores cada vez mais selecionados"²⁴⁶.

Neste sentido, Smith (2007) defende que a "globalização emergente da gentrificação, como a das próprias cidades, representa a vitória de certos interesses econômicos e sociais sobre outros, em geral de dimensão classista"²⁴⁷, frequentemente camuflada sob o eufemismo

²⁴⁰ CRIEKINGEN, 2007, p. 100.

²⁴¹ Ibidem, p. 96.

²⁴² Ibidem, p. 100.

²⁴³ MOSCIARO, 2013, p. 11.

²⁴⁴ ARAÚJO, op. cit., p. 65.

²⁴⁵ Ibidem, p. 65.

²⁴⁶ Idem.

²⁴⁷ SMITH, op. cit., p. 80.

da linguagem de "regeneração urbana"²⁴⁸, mas que entretanto não concerne à simples revitalização de antigos bairros da elite, e sim, sobretudo, "à mudança funcional dos antigos bairros que eram industriais, ou operários, e sua transformação sociológica"²⁴⁹.

Essa gentrificação classista complexa conecta o mercado financeiro mundial com os promotores imobiliários (grandes e médios), com o comércio local, com agentes imobiliários e com lojas de marcas, todos estimulados pelos poderes locais, para os quais os impactos sociais serão doravante mais asseguradas pelo mercado do que por sua própria regulamentação; a lógica do mercado, e não mais os financiamentos dos serviços sociais, é o novo *modus operandi* das políticas públicas²⁵⁰.

Tudo isto, como verifica CrieKingen (2007), "traduz bem as escolhas políticas, que parecem mais visar a atrair populações mais ricas para os bairros antigos da cidade, do que uma vontade real em intervir em zonas nas quais a crise é mais aguda"²⁵¹. Isto é, o poder público não tem grande interesse em revitalizar uma área degradada simplesmente para oferecer maior estrutura à população de baixa renda que a ocupa, mas é motivado principalmente por interesses econômicos, visando atrair as populações de maior renda para os centros urbanos recuperados, assim como incentivar o seu consumo turístico.

É possível perceber, portanto, que as ações públicas estão descaracterizando uma ordem anteriormente estabelecida pelos antigos frequentadores e impondo um novo ordenamento ao lugar. Nesse sentido a produção da paisagem gentrificada para o estímulo ao consumo induz uma nova qualidade ao espaço por meio da (re)significação da forma. A morfologia atual aponta para um processo inclusivo e excludente. De um lado o acesso é limitado de acordo com o poder de consumo de quem circula pela Lapa, de outro abre possibilidades para um novo nicho de turismo e lazer estilizado. Enfim, as restaurações dos imóveis modificam, inclusive, o conteúdo de alguns estabelecimentos e corrobora o processo gentrificador²⁵².

Posto isto, buscou-se averiguar a existência ou não desse processo gentrificador na região aqui estudada, através da análise de alguns dados referentes ao bairro Centro – uma vez que a Lapa só foi emancipada como bairro da cidade do Rio de Janeiro em maio de 2012. Acredita-se aqui, como Mosciaro (2013), que nos dados analisados, a Lapa tenha sido a maior responsável pelas alterações observadas, afinal, nenhuma outra área do Centro apresentou um processo tão aparente de revitalização urbana durante o período recortado²⁵³.

Assim, tomando os Censos Demográficos realizados pelo IBGE nos anos de 2000 e 2010 sobre o Centro, verifica-se que a renda média mensal domiciliar no primeiro momento era de R\$ 1.419,95 e em 2010 este valor subiu para R\$ 3.205,72, uma alta de

²⁴⁸ Ibidem, p. 84.

²⁴⁹ BIDOU-ZACHARIASEN, op. cit., p. 28.

²⁵⁰ SMITH, op. cit., p. 79.

²⁵¹ CRIEKINGEN, op. cit., p. 107.

²⁵² ARAÚJO, op. cit., p. 78.

²⁵³ MOSCIARO, op. cit., p. 8.

aproximadamente 126%, o que poderia significar a substituição da população residente por uma com maior renda, característica central dos processos de gentrificação. No entanto, verifica-se que o salário mínimo entre este mesmo período aumentou de R\$ 151, em 2000, para R\$ 510, em 2012²⁵⁴, aumento aproximado de 238% e que, portanto, deve ser levado em consideração. No que tange a uma possível valorização imobiliária resultante dos projetos de regeneração urbana da região, observou-se anteriormente, neste mesmo capítulo, que entre 2005 e 2012 houve uma alta de 10% a 20% no preço dos imóveis do bairro²⁵⁵.

Analisou-se então a quantidade de moradores por domicílio também neste mesmo recorte temporal, buscando comprovar se houve alguma mudança no perfil destes que se assemelhe com aquele atribuído aos "gentrificadores". O que pôde se observar a partir da observação dos dados transcritos na tabela abaixo, também levantados pelo IBGE, é que o número de domicílios com 1 a 2 moradores teve um crescimento significativo durante estes dez anos, ao mesmo tempo em que diminuiu o número de domicílios com 4 ou mais moradores.

Tabela 1 – Quantidade de moradores por domicílio no Centro do Rio de Janeiro entre 2000 e 2010

Ano	Total	Quantidade de moradores por domicílio							
		1	2	3	4	5	6	7	8 ou mais
2000	16 344	5 143	5 084	3 147	1 846	706	259	80	79
2010	19 622	7 702	6 377	3 134	1 522	591	205	52	39

Portanto, embora não se possa ter certeza das causas e motivações que resultaram nas alterações das três variáveis analisadas aqui, não é errado afirmar que nos últimos anos, houve uma mudança, ainda que não absoluta, nos padrões socioculturais e econômicos dos residentes da Lapa, o que também não significa necessariamente que houve a substituição dos moradores por outros com maior poder aquisitivo. Poderia se falar então da possível existência de uma dinâmica de *upgrading*, que, segundo Smith (2007), trata de uma simples ascensão social da população²⁵⁶, e de um processo de "gentrificação marginal", como descreve o autor sobre o caso de Bruxelas:

[...] suas paisagens multiplicam os contrastes entre fachadas restauradas e terrenos baldios, entre imóveis de grande qualidade arquitetônica e edifícios sem nenhum caráter particular, entre lojas "sofisticadas" e comércio local comum. A população residente é também bastante diversificada, misturando grupos desfavorecidos que habitam o lugar há muitos anos e os recém-chegados com perfis sócio-profissionais diversos. O conjunto dessas características remete à noção de gentrificação marginal, que utilizo aqui, segundo D. Rose. Trata-se de um processo pelo qual certos bairros

²⁵⁴ Disponível em http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/salario_minimo.htm. Data de acesso: 17/03/2016.

²⁵⁵ Ver página 68.

²⁵⁶ BIDOÛ-ZACHARIASEN, op. cit., p. 36.

centrais se vêm tomados por uma população jovem, muito escolarizada, globalmente mais abastada que os antigos moradores, sem, no entanto, serem "os ricos" na escala da cidade. [...] Dito de outro modo, a gentrificação marginal não é um estágio transitório para a chegada de uma gentrificação total a mais ou menos curto prazo. É o contrário do que postula o modelo por etapas clássico, segundo o qual as transformações recentes desses espaços constituem um primeiro estágio num mercado inexorável em direção a um espaço totalmente exclusivo dos *yuppies* de altos salários²⁵⁷.

Contudo, o que se observa em maior evidência no caso da Lapa, é a existência, em certo grau, de uma gentrificação no conceito que vimos relacionado ao consumo, ilustrada principalmente pela sofisticação de inúmeros estabelecimentos comerciais e culturais, sobretudo os que têm suas atividades intensificadas durante a noite e que se mostram as mais lucrativas do bairro. Apesar disso, também não se pode afirmar que os antigos consumidores, com menor renda, deixaram de frequentar o bairro após o seu encarecimento, mas buscaram novas ou resistentes formas de consumi-lo.

Todavia, é incerto afirmar que a Lapa não vá caminhar para uma nova reconfiguração de fato como um espaço gentrificado no sentido mais estreito, de substituição de classes. O que se toma aqui como fato é que as mudanças impostas pelos projetos de regeneração urbana da Lapa resultaram em algumas alterações no uso do bairro buscando servir ao seu consumo sofisticado e para isso reordenando as práticas anteriores, se reapropriando e reinventando as formas de praticá-las.

Assim, como defende Souza (2012), ao mesmo tempo em que, por um lado, a gentrificação insere positivamente "engenheiros, arquitetos, educadores, sociólogos, profissionais de cultura e turismo, assistentes sociais, e muitos outros, no processo de se pensar melhor a cidade"²⁵⁸, traz "o funcionamento de serviços básicos e negócios para as áreas a serem enobrecidas" e "atende a demanda de se ter uma cidade com a estética mais bonita e melhor para se habitar"²⁵⁹, por outro lado direciona as transformações para as funções especializadas de lazer, cultura e turismo e mascaram o rompimento de certas interações sociais que existiam nos usos cotidianos do local antes da revitalização. Muitos daqueles que ocupavam esses espaços públicos antes das práticas de gentrificação serem efetivadas "vêm grande parte de suas atividades, vistas pelos gestores públicos como incompatíveis com a área enobrecida, serem coibidas pela polícia e pela fiscalização"²⁶⁰.

²⁵⁷ SMITH, op. cit., p. 103.

²⁵⁸ SOUZA, op. cit., p. 37.

²⁵⁹ Ibidem, p. 36.

²⁶⁰ Ibidem, p. 36-37.

Por fim, sobre as tradições reinventadas e transformadas, pelo marketing urbano e pelos discursos de revitalização, em imagens-síntese sobre a "nova Lapa", toma-se aqui a seguinte fala de Araújo (2009):

No caso da Lapa, a singularidade da nova paisagem é a produção de um passado imaginário norteado por elementos que tecem o (re)encontro com o lugar como o samba, a boemia, o cabaré, o café e a prostituição. Isto é, as tradições do lugar são diariamente (re)inventadas a partir de elementos da lembrança que são restaurados para compor uma paisagem completamente diferente. Esse arranjo que mistura o novo e o velho, que combina objetos 'arcaicos' com o 'glamour' cria uma fantasia visual onde a arquitetura e o *marketing* trabalham para direcionar ideologicamente a opinião pública acerca do lugar²⁶¹.

A partir disto, buscou-se então averiguar se de fato a opinião pública sobre a Lapa é aquela que tais discursos do marketing e da revitalização urbana desejam produzir. Em pesquisa realizada para este trabalho, via questionário online, algumas falas interessantes surgiram e alguns dos elementos enfatizados pelos discursos mencionados se repetiram. Dos 67 entrevistados, homens e mulheres de entre 20 a 67 anos, moradores de diferentes bairros e municípios do Rio de Janeiro, aproximadamente 73% dos que dizem frequentar o bairro pertencem às classes A (6%), B (25,4%) e C (41,8%), consideradas aqui de média classe média a alta, enquanto cerca de 27% foram considerados como pertencentes aos grupos D (19,5%) e E (7,5%)²⁶²; 58,2% disseram que não morariam na Lapa e 64,2% afirmaram frequentar o bairro principalmente no período noturno.

Ainda, 56,7% dos participantes disseram só ter passado a frequentar a Lapa a partir da década de 2010. Destes, 44,7% afirmam não ter percebido alteração alguma no bairro desde então, enquanto entre os que disseram frequentar o bairro desde as décadas de 1970 (3%), 1980 (10,4%), 1990 (6%) e 2000 (23,9%), apenas uma pessoa afirmou não ter percebido o mesmo. No total, 73% dos entrevistados declararam ter notado mudanças no bairro durante os últimos, apontando entre as principais: o encarecimento dos preços cobrados nos estabelecimentos; modernização e elevação do número de bares, restaurantes e casas noturnas, em sua maioria elitizados, visando atender jovens de classe média e turistas; valorização imobiliária; aumento e diversificação do público; organização dos camelôs na Praça Cardeal Câmara e reformas em edificações antigas. Algumas questões encontraram conflitos, aparecendo ao mesmo tempo um número considerável de entrevistados afirmando terem percebido aumento de policiamento e fiscalização no bairro e outros apontando para a elevação da violência e insegurança. O mesmo aconteceu no que tange à infraestrutura, uns

²⁶¹ ARAÚJO, op. cit., p. 105.

²⁶² Dados baseados em tabela do IBGE para definição de classes sociais referente ao ano de 2015.

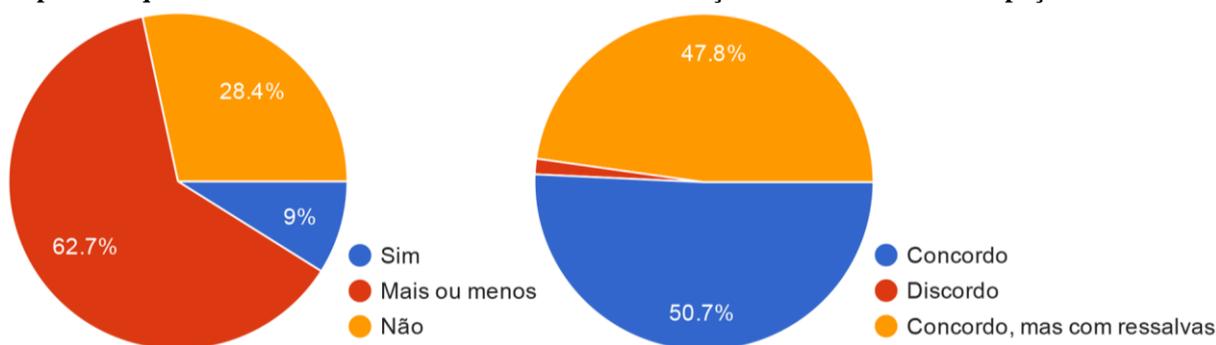
dizendo terem observado haver uma melhoria, principalmente na iluminação, enquanto outros afirmam que as adequações necessárias a essa nova ocupação não foram efetuadas, como se observa na seguinte fala:

Com a ocupação do bairro por bares e casas noturnas (muitas substituindo oficinas mecânicas e outro tipos de comércio diurno), a Lapa passou a receber um fluxo enorme de gente de todos os cantos do Rio, do Brasil e do mundo. Mas não percebi investimento em urbanização e adequação a essa nova ocupação. Ao contrário, vejo calçadas e bueiros permanentemente entupidos com esgoto, muito mau cheiro, lixo, moradores de rua, pontos de venda de drogas, violência, enfim...²⁶³

Sobre os principais motivos para frequentar a Lapa, podendo escolher simultaneamente mais de uma opção, 53,7% afirmaram ser por gostar do ambiente e 31,3% por gostar do público que também frequenta o bairro. A variedade de estabelecimentos e a facilidade de acesso representaram, respectivamente, 50,7% e 41,8%, das escolhas e o "preço bom" foi a opção menos escolhida com 23,9%, dos quais 75% apontaram os espaços públicos (rua) como os principais lugares que frequentam. Entre os lugares preferidos pelos entrevistados, podendo também selecionar mais de uma opção ao mesmo tempo, os mais apontados foram o Circo Voador (58,2%), a Fundação Progresso (52,2%) e os espaços públicos (56,7%).

Ainda, quando perguntados se sentiam seguros na Lapa, somente 9% declararam que sim, e somente um entrevistado afirmou discordar da descrição da Lapa como um espaço democrático, "de todas as tribos", tendo 50,7% concordado inteiramente e 47,8% reconhecido concordar, mas com ressalvas.

Gráfico 1 e 2 – Respectivamente, porcentagem de entrevistados que afirmaram se sentir seguros ou não na Lapa e dos que disseram concordar ou discordar com a descrição do bairro como um espaço democrático.



Tomando este último gráfico, é possível afirmar que se 98,5% das pessoas que responderam o questionário concordam, ainda que com ressalvas, com a noção da Lapa como um lugar democrático, inclusive dentre aqueles que dizem frequentar assiduamente, morar ou

²⁶³ Fala concedida pelo entrevistado Marcos Sacramento a formulário elaborado para esta pesquisa sobre as mudanças percebidas na Lapa.

trabalhar no bairro, deve-se considerar que essa "democraticidade" não está apenas nos discursos propagados pelos agentes da revitalização urbana do bairro, mas é um sentimento comum aos seus consumidores, que podem ou não terem sido influenciados por essas falas. Também neste sentido, nota-se que ao serem indagados sobre a primeira palavra que associam ao se pensar na Lapa, as que mais apareceram entre as falas dos entrevistados foram a "boemia" e a "diversidade", marcas fortemente evocadas nos discursos do marketing urbano sobre a revitalização do bairro, ao lado de outras como "samba", "cerveja", "Arcos", "caos", "cultura", "encontro", "festa", "malandragem", "profana" etc.

Dentre os pontos do bairro mencionados como positivos pelos participantes da entrevista verificam-se muitos consensos, como sobre a sua localização e centralidade, sua agitada vida noturna com diversidade cultural, social e de estabelecimentos, a animação e cultura local ativa, que se tornaram referências da noite e da identidade carioca, a convergência entre tribos e a existência de espaços democráticos, além da importância histórica e a arquitetura do bairro. Uma das respostas sintetiza alguns dos temas abordados:

Há muitos pontos positivos no bairro. Em primeiro lugar, um bairro que reverencia a tradição, ou seja, não se descaracterizou a ponto de ficar irreconhecível. É um bairro relativamente bem mais democrático do que os bairros da zona sul; é onde se situa um dos principais e raros teatros de música clássica do RJ, a Sala Cecília Meirelles; onde se situa a centenária Escola de Música da UFRJ, com sua excelente sala de concertos, a Sala Leopoldo Miguez. Onde há alguns bons e ótimos botequins, restaurantes, adegas com excelente comida brasileira regional e portuguesa, a preços acessíveis. Onde os jovens se encontram para ouvir e dançar boa música brasileira²⁶⁴.

No sentido oposto, a sujeira e insegurança apareceram em cerca de 76%²⁶⁵ das respostas sobre os principais elementos negativos do bairro, ao lado de outros fatores como o descaso do governo municipal e com o patrimônio edificado, a existência de muitos moradores de rua e esgotos a céu aberto, grandes aglomerações que atrapalham o tráfego de pedestres e veículos, barulho e desrespeito à lei do silêncio, má iluminação de algumas regiões do bairro, altos preços e conseqüente segregação dos consumidores.

Em suma, o que se observou neste capítulo sobre as (re)configurações que a Lapa sofreu nas últimas décadas, resultantes tanto do processo espontâneo de revitalização cultural do bairro como da implantação dos projetos de intervenção urbana e do planejamento estratégico, foi que embora muitas práticas de ordenamento e reapropriações, por parte do setor público e dos agentes do planejamento urbano, dos estigmas de boemia e malandragem que o bairro carrega, estejam buscando reconfigurá-lo de forma "espetacularizada", através de

²⁶⁴ Fala concedida pelo entrevistado Roberto Gnattalli a formulário elaborado para esta pesquisa sobre as mudanças percebidas na Lapa.

²⁶⁵ Considerando as respostas que apontaram apenas um dos temas ou ambos.

"um processo de transformação de relações sociais e significados em mercadoria, como atrativo fundamental para o consumo do lugar"²⁶⁶, para os que frequentam e consomem a Lapa, estes discursos espetacularizados, embora tenham de alguma forma se fixado no imaginário popular, não retratam a realidade absoluta do bairro.

Por fim, destaca-se aqui que embora a gentrificação da Lapa não corresponda à definição do termo no seu sentido mais estrito, a existência de traços característicos dos processos gentrificadores no bairro podem indicar um caminho em curso ou um processo similar, porém correspondente à realidade social, cultural e econômica do Brasil, que se difere daquelas tomadas como modelos, geralmente europeias e norte-americanas, para definir os processos de gentrificação. Contudo, o que se pode afirmar é que a revitalização da Lapa de fato foi responsável pela valorização da região e sua transformação em imagem símbolo da cidade do Rio de Janeiro, da identidade carioca, da boemia e da diversão, mas que ao mesmo tempo se configura em certa ambiguidade, comum aos processos de regeneração urbana, que conferem ao mesmo tempo benefícios e malefícios para a região e seus consumidores. Assim como inclui, é também excludente, que revitaliza, silencia, que (re)valoriza, ressignifica.

3.2. O Circo Voador hoje

Como visto, em 1982, o Circo no Arpoador nasceu da vontade de um grupo de artistas em criar um espaço para abrigar toda a efervescência cultural observada no início da década, inclusive as manifestações artísticas do próprio Asdrúbal Trouxe o Trombone e seus "descendentes". Sua idealização, a princípio, parecia estar muito mais relacionada à difusão da cultura de forma democrática, informal e espontânea, e não tanto buscando atender um mercado cultural comercial e lucrativo. No entanto, na sua chegada à Lapa no mesmo ano, já se observou certa profissionalização no modo de administrar o Circo, sem perder, todavia, o seu caráter multicultural, criativo e a sua informalidade característica, mas adequando-se às formalidades necessárias a manutenção do seu funcionamento.

Ainda em outubro de 1986, o Jornal do Brasil noticia que o Circo Voador está à procura de "novos caminhos" e sua administração está sendo assumida por uma nova geração. Perfeito Fortuna e Marcio Galvão, dois dos principais fundadores e organizadores do Circo até então, começaram a se afastar gradualmente da direção do centro cultural, dedicando-se a outros projetos, dentre eles a "Coluna Voadora", que desde janeiro de 1986 espalhava estações do Circo pelos estados brasileiros, com a ideia de "dar aulas, trocar experiências, estimular movimentos e artistas locais por todo o Brasil e preencher um pouco da carência cultural de

²⁶⁶ BARTOLY, 2013, p. 4.

certas populações deixada por anos vazia pelos militares"²⁶⁷. O projeto passou por Vitória, Espírito Santo, Ilhéus, Bahia, Petrolina, em Pernambuco, Teresina, no Piauí até alcançar São Luís do Maranhão.

Também no mesmo ano, o Circo Voador foi à Guadalajara para a Copa do Mundo do México, levando 170 artistas brasileiros em uma "missão cultural"²⁶⁸:

No dia 29 de maio de 1986, um público pra lá de eclético superlotou o espaçoso auditório Benito Juarez em Guadalajara. O dia de estreia e inauguração do Circo Voador no México foi principalmente para jornalistas e convidados especiais, mas contou também com a presença de diversos brasileiros e mexicanos que dançaram e cantaram ao som do Samba da Império Serrano [...]. O show de inauguração prosseguiu por conta de Milton Nascimento e Wagner Tiso ao piano, que cantaram, acompanhados do coro do público, Coração de Estudante. Também foram muito bem recebidos e aplaudidos o conjunto MP4, o cantor e compositor Alceu Valença, que cantou a música "Estação da luz" e o Trio Elétrico do Armandinho, que incendiou o ginásio²⁶⁹.

Ainda no ano seguinte, em 1987, a Prefeitura do Rio de Janeiro anunciou a cessão de uso por vinte anos do antigo prédio da Fundação Progresso ao Circo Voador. Como afirma Vidal (2006), "Com o contrato da cessão em mãos, as coisas passaram a mudar e o lado criativo dos "voadores" se viu perdendo espaço para o lado empresarial, financeiro, capitalista"²⁷⁰. Junto à isto, às desavenças ideológicas entre os membros da diretoria do Circo e à já mencionada dedicação aos projetos em paralelo, a reportagem do Jornal do Brasil de outubro de 1986 afirma que, para Marcio Galvão, o Circo havia mudado em relação à sua ideia inicial, passando a refletir muito mais as tendências do Rio e do Brasil, e "na encruzilhada entre se tornar uma empresa ou uma escola, preferiu a vertente da escola", "E escola não é rentável. O que o Circo tem de riqueza hoje não é o que oferece, mas o que tem a se explorar. Esse tipo de casa de espetáculo, com esse layout, não dá retorno. É um projeto físico velho, tem de ser redimensionado para dar dinheiro com lucro"²⁷¹.

Ainda assim, o Circo continuava a todo vapor, com atividades, além das aulas e oficinas, durante quase todos os dias da semana²⁷² até o seu fechamento em 1996. Sobre este episódio, já mencionado no segundo capítulo dessa pesquisa, Vidal (2006) descreve:

[...] na noite de 16 de novembro de 1996, a loja de CDs e artigos para skate, Skate Bone Yard, festejava seu aniversário promovendo a Blood Fest com a participação das bandas Ratos do Porão e Garotos Podres. Tratava-se de um festival supostamente

²⁶⁷ VIDAL, op. cit., p. 102.

²⁶⁸ Ibidem, p. 106.

²⁶⁹ Ibidem, p. 107.

²⁷⁰ Ibidem, p. 111.

²⁷¹ Reportagem do Jornal do Brasil no dia 24 de outubro de 1986.

²⁷² Catálogo do Acervo do Circo Voador entre 1982 e 1996. Disponível em <http://circovoador.com.br/#/ocirco>. Data de acesso: 17/03/2016.

punk; e punk que é punk é anarquista, é contra o governo, o racismo, o sexismo, o fascismo e tantos outros ismos. [...] Resulta que, nesta noite, uma noite de festival de música punk e, por conseguinte, de público punk, um grupo de correligionários do PFL chegou ao Circo com uma banda tocando marchinhas de carnaval e bradando bandeiras do “25, César Maia é Conde”. As eleições para a Prefeitura Municipal haviam se passado na véspera e, graças ao inovador voto eletrônico, a mídia já havia declarado Luís Paulo Conde o novo prefeito. O fato é que o prefeito eleito Luís Paulo Conde, ao chegar ao Circo Voador, onde estava programada uma festa para sua vitória nas eleições, acabou sendo vaiado e praticamente expulso do Circo Voador pelo público punk. Dois dias depois, 18 de novembro, o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, Paulo Mauricio Castelo Branco, assinou a cassação do alvará de funcionamento do Circo Voador, baseado em denúncias de perturbação da ordem pública²⁷³.

Assim, em 1999, se iniciou o desmonte da estrutura do Circo Voador, que somente em julho de 2004, 8 anos depois, e após uma obra de quase três anos com investimento de R\$ 4 milhões da Prefeitura do Rio, que por determinação judicial foi obrigada a reconstruí-lo, é reaberto. A antiga tenda foi trocada por uma lona de PVC prateada, com novos equipamentos de som e luz, além de tratamento acústico²⁷⁴. De acordo com reportagem da Folha de São Paulo, a coordenadora geral do Circo Voador, Maria Juçá, após receber as chaves das mãos do secretário municipal de Urbanismo, Alfredo Sirkis, afirma que "a prefeitura não entrará com mais recursos nem influirá na programação" e que "Será o mesmo Circo, mas com uma estrutura muito melhor". No entanto, anuncia que o clima ultraliberal sofrerá restrições, inclusive com a presença de seguranças coibindo o consumo da maconha, "cena impensável nos velhos tempos"²⁷⁵. Ainda segundo a reportagem, para Perfeito Fortuna, o apoio municipal ao novo Circo reforça a sua convicção de que "o espírito alternativo da marca está comprometido".

Hoje, o centro cultural funciona como uma instituição sem fins lucrativos, administrada por uma Organização Não Governamental, a "Associação Circo Voador Atividades Culturais Artísticas Sociais e Ambientais – ACASA", de forma independente e com recursos próprios. Conta, além de parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro e o apoio da rádio MPB FM e do site Ingresso Rápido, com patrocínios para os eventos e projetos incentivados²⁷⁶. Os projetos sociais e educacionais continuam tendo destaque entre as atividades do Circo Voador, como a Creche Escola Brincar e Aprender, que desde 1984 funcionava integrada ao próprio centro cultural e que, após o seu fechamento em 1996, foi

²⁷³ VIDAL, op. cit., p. 121.

²⁷⁴ Folha de São Paulo – Principal palco do "rock 80" reabre no Rio. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45945.shtml>. Data de acesso: 17/03/2016.

²⁷⁵ Idem.

²⁷⁶ Portal dos Convênios do Governo Federal. Disponível em http://api.convênios.gov.br/siconv/v1/consulta/propostas.html?id_propONENTE=5029551000100. Data de acesso: 17/03/2016.

transferida para a Rua André Cavalcanti. A Creche "atende uma média de cem crianças por ano, com três refeições diárias, e atividades educativas, culturais e esportivas" e oferece bolsas integrais e parciais para os alunos²⁷⁷.

Também no Circo Voador, segundo o próprio site, funcionam cursos livres que compõem a Escola Livre de Artes, onde são ministradas oficinas de capoeira, com o grupo Abadá Capoeira, aulas de Acrobacia Aérea, oficinas de percussão com o Bloco Quizomba!, de teatro e dança inclusivos com a Cia. Livre Acesso, de dança e ritmos populares com o Grupo Zanzar, de sopro e percussão com a Orquestra Voadora e a oficina de pernas de pau, chamada Oficina Pernas Voadoras, realizadas pelo coletivo PernAlta. Por fim, a Estação Joaquim Silva, outro projeto social do Circo que funciona na Rua Joaquim Silva, número 114, oferece cursos gratuitos de espanhol, informática, inglês, matemática, português, redação e reforço escolar, atendendo desde pré-adolescentes até pessoas de terceira idade. O espaço ainda conta com uma horta e eventualmente recebe pequenos shows gratuitos assim como exibição de filmes. Ainda segundo o site, muitos destes projetos são mantidos com a bilheteria dos shows realizados no Circo Voador.

Portanto, se no seu início o Circo Voador não aceitava patrocínios e erguia suas lonas para atender também ao público que não tinha condições de pagar pela sua entrada²⁷⁸, o que se verifica hoje é que, apesar da manutenção destes projetos sociais, considerados por Maria Juçá até "mais amplos talvez do que os projetos culturais"²⁷⁹, os shows e festas realizados no Circo, maiores responsáveis pelo seu reconhecimento como importante espaço cultural da Lapa, em sua maioria, atendem a um público com melhores condições financeiras. Esta suposição tem seu fundamento na observação dos preços cobrados para os eventos promovidos entre 2015 e 2016, disponibilizados no site e nos eventos criado pela página do Circo Voador na rede social *Facebook*, onde para um evento nacional, durante o final de semana, o valor dos ingressos varia entre uma média de R\$ 40 a R\$ 70 (quarenta a setenta reais) e para os internacionais entre R\$ 100 a R\$ 150 (cem e cento a cinquenta reais)²⁸⁰.

Neste sentido, é difícil estabelecer uma comparação entre os preços cobrados nas duas primeiras fases do Circo Voador – a primeira tomada aqui como o período em que a lona esteve no Arpoador e a segunda da sua instalação na Lapa até seu fechamento em 1996 – em relação aos de hoje, levando em conta o fato de que a moeda utilizada no Brasil sofreu

²⁷⁷ Site do Circo Voador. Disponível em <http://circovoador.com.br/#/cursos>. Data de acesso: 17/03/2016.

²⁷⁸ Ver página 30.

²⁷⁹ Fala da administradora do Circo Voador, Maria Juçá, em entrevista concedida ao Canal do *Youtube* "Eu amo a Lapa" em 29 de julho de 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=X48Jvvyuu1g>. Data de acesso: 17/03/2016.

²⁸⁰ Valores da meia-entrada no primeiro lote.

inúmeras modificações principalmente entre as décadas de 1970 e 1990 e também a elevada inflação vivida pelo país ao longo deste período. Somente a partir do ano de 1994, quando o Real passou a ser utilizado definitivamente como a moeda oficial do Brasil, é possível fazer uma análise superficial acerca do assunto, onde, a partir da observação de um catálogo do acervo do Circo Voador também disponibilizado no site²⁸¹, contendo releases, cartazes e a enumeração cronológica dos eventos realizados entre 1982 e 1996, verifica-se, em algumas poucas informações, valores entre R\$ 5 a R\$ 12 (cinco a doze reais) para eventos realizados em 1995 e 1996.

Em síntese, como afirma reportagem do Jornal O Globo em janeiro de 2012, a "história do Circo a ser contada tem duas partes bem distintas", a primeira que vai de 1982 a 1996, quando o Circo foi fechado, e a segunda de 2004, quando foi reaberto, até hoje. "A primeira fase, mítica, foi a que viu o auge de um movimento de rock brasileiro e shows memoráveis de artistas malditos, como Tim Maia, Luiz Melodia, Raul Seixas e Hermeto Pascoal. Mas também foi um tempo de muita precariedade e improviso"²⁸². Já a segunda parte da história do Circo, "é aquela que viu o rock ceder parte do espaço ao samba, ao funk (a festa "Eu amo baile funk", que começou em 2004, é o grande sucesso da volta) e às artes plásticas", "que viu nomes como Chico Buarque e Ney Matogrosso fazendo seus shows pela primeira vez sob a lona", assim como "incontáveis shows de astros internacionais"²⁸³.

O espaço que antes era principalmente do teatro, do rock e do punk nacionais, com programações fixas como o Rock Voador e a Domingueira Voadora, com a Orquestra Tabajara, agora também sedia festas e shows de funk, pop, hip-hop, mpb, reggae, samba, pagode, rap, além de festivais e concursos para novas bandas e artistas, demonstrando ter expandido ainda mais seu caráter "democrático", no sentido de abrigar estilos musicais e manifestações culturais diversas, como "o lugar onde as diferenças dançam juntas sob as palmeiras imperiais" – descrição encontrada na página do Circo Voador no *Facebook* – mas que agora também possui um novo caráter elitizado, voltando-se para o novo público classe média frequentador da Lapa.

O que se observa, no entanto, é que grande parte das falas sobre o Circo Voador, (re)produzidas tanto pela mídia como pelos próprios administradores do espaço, remontam à lona nas décadas de 1980 e 1990. Não se trata tanto de uma reapropriação da "tradição" e da história do Circo no sentido visto anteriormente quando se discutiu o caso do processo de

²⁸¹ Site do Circo Voador. Disponível em <http://circovoador.com.br/#/ocirco>. Data de acesso: 17/03/2016.

²⁸² Jornal O Globo – 30 anos do Circo Voador. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/circo-voador-chega-aos-30-anos-com-programacao-reforcada-3655040>. Data de acesso: 05/04/2016.

²⁸³ Idem.

revitalização da Lapa, pois parte de um mesmo "sujeito", o sujeito "Circo Voador" – representado pelos seus agentes enunciativos – recuperando sua própria trajetória. Porém, dialoga com o objetivo comum dos discursos de reapropriação se tomarmos este resgate constante da história "gloriosa" do Circo como uma ferramenta para se acrescentar valor ao espaço na atualidade, utilizando-a como forma de vendê-lo, transformando-o em um produto – ícone do rock, da juventude, do estilo de vida carioca – e operando também no modo de se consumir o Circo, como se o seu consumo representasse o consumo do que ele simboliza. Esta ideia pode ser percebida em um texto extraído do site do Circo Voador, sobre parcerias com o espaço, onde se afirma que, em troca de associar o nome da empresa ao Circo, tem-se "o reconhecimento e a oportunidade de fazer parte da história da cultura brasileira"²⁸⁴.

Também como exemplo do que está sendo debatido aqui, em junho de 2015, realizou-se um evento em comemoração ao aniversário de 30 anos da música "Exagerado", de Cazuzza, importante personagem da história do Circo, com uma réplica da lona no seu formato original na Praça do Arpoador, uma reconstrução da experiência do "autêntico" Circo Voador.

A **Vivo**, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura e Lei Estadual de Incentivo a Cultura resolveram presentear a cidade maravilhosa em seu aniversário de 450 anos, no final de semana do dia dos namorados, com a volta histórica do **Circo Voador** ao **Arpoador**, com as mesmas dimensões e conceito de programação daqueles dias em que **Cazuzza** se apresentava por lá, no palco ou na plateia. Entre **12 e 14 de junho**, a lona original será palco de shows, festas e diversas atividades culturais, em uma programação intensa e totalmente gratuita, que dura todo o fim de semana. Artes performáticas, poesia, um baile e muito rock compõem a programação que reunirá atrações de ontem, hoje e sempre nesta reedição²⁸⁵.

O Circo, atualmente, apresenta diversas plataformas para interação com o público e divulgação dos seus eventos e atividades. Além do site e de páginas no *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, também possui um blog com "Notícias fresquinhas da lona da Lapa"²⁸⁶ e participa da plataforma "Queremos!", que possibilita ao fã ajudar a decidir quais bandas quer assistir e realizar campanhas de financiamento coletivo (crowdfunding) para confirmar os shows²⁸⁷. Possui também dois documentários oficiais, "A Farra do Circo", de Roberto Berliner, e "Circo Voador – A Nave", de Tainá Menezes, reunindo um acervo de imagens históricas do espaço desde 1982, além de um livro, com o mesmo nome do segundo documentário, escrito pela

²⁸⁴ Site do Circo Voador. Disponível em <http://circovoador.com.br/#/ocirco>. Data de acesso: 05/04/2016.

²⁸⁵ Release sobre o evento Circo Voador – Exagerado 30 anos. Disponível em <http://www.midiorama.com.br/works/2015/29553/circo-voador-no-arpoador-exagerado-30-anos/>. Data de acesso: 05/04/2016.

²⁸⁶ Blog do Circo Voador. Disponível em <http://novasdocirco.blogspot.com.br/>. Data de acesso: 05/04/2016.

²⁸⁷ Site da plataforma "Queremos!". Disponível em <http://www.queremos.com.br/page/aboutus>. Data de acesso: 05/04/2016.

própria Maria Juçá, que "reúne histórias que marcaram os 30 anos de existência da clássica casa de shows do Rio de Janeiro que conta a história do espaço cultural"²⁸⁸.

Hoje, na reconfiguração espacial da Lapa, o Circo Voador representa o lugar de um público majoritariamente classe média, que se reúne nos arredores, entre os Arcos, o Circo e o prédio da Fundação Progresso, até o início dos shows, cercados por camelôs vendendo cerveja, cigarros, balas, pipoca etc. Contudo, se no início da década de 1980, o Circo era um dos poucos estabelecimentos ativos na Lapa, nos dias de hoje a concorrência se ampliou substancialmente e o fluxo maior de público se espalha principalmente pela Avenida Mem de Sá, onde se concentra a grande quantidade de bares, restaurantes e outras casas de show, e nos arredores da Praça Cardeal Câmara, onde se localiza a "praça de alimentação" da Lapa.

Com tudo em vista, é necessário, portanto, levar em conta não apenas como os processos de revitalização urbana, debatidos ao longo da presente pesquisa, alteram as dinâmicas de consumo dos espaços revitalizados, mas também como essas dinâmicas operam simultaneamente sobre a configuração do mercado. Embora ainda hoje o Circo seja palco para manifestações artísticas diversas, apresentando artistas estreantes ou já renomados no meio da música nacional e internacional, com grande frequência de público e reconhecimento no ramo da produção cultural, aquele "espírito livre" e informal pelo qual era conhecido, deu lugar às burocracias necessárias a uma empresa e ao novo público classe média da nova Lapa revitalizada.

²⁸⁸ Site UOL – Lançamento do livro "Circo Voador – A Nave". Disponível em <http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/02/livro-reune-historias-que-marcaram-os-30-anos-do-circo-voador.htm>. Data de acesso: 05/04/2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos então como a Lapa, desde o século XVIII, se configura a partir de movimentos cíclicos de ascensão e declínio, ocupação e esvaziamento. Desde a década de 1980, após um longo período de abandono e degradação, a região vem experimentando uma série de iniciativas da sociedade civil, dos setores públicos e privados, atuando na recuperação do bairro e dos estigmas da boemia e da malandragem que os caracterizaram durante o seu auge nas décadas de 1920 e 1930. No entanto, somente neste processo mais recente de revitalização da Lapa, focado nesta pesquisa, entrou em cena o modelo do planejamento estratégico urbano, objetivando a produção de cidades competitivas através da sua apropriação por interesses empresariais, onde os projetos de regeneração urbana comumente se apresentam como um mecanismo para inserção destes espaços no circuito internacional de competição urbana.

Neste sentido, temos então que o caso da revitalização da Lapa, assim como da maioria dos centros urbanos alvos deste modelo de gestão urbana, ocorre de forma ambígua. É evidente que as intervenções executadas pelos projetos de reabilitação em pauta atribuíram valor econômico e, principalmente, simbólico ao bairro. É fácil perceber também que de fato muitos procedimentos visando a ampliação da infraestrutura foram implementados no espaço, como no tocante a limpeza e iluminação de áreas do bairro, aumento da segurança, restauração de edifícios históricos, manutenção dos Arcos, regulamentação das atividades exercidas no local, entre outras ações que integram o projeto de renovação do centro da cidade.

Entretanto, ao receber um olhar mais crítico, um dos objetivos desta pesquisa, o bairro se configura de forma diferente de acordo com os diversos usos que lhe são atribuídos e para cada tipo de usuário. Durante os dias da semana, a segurança é reduzida e muitas ruas ficam ocupadas por moradores de rua e usuários de drogas. Nos dias em que a sua atividade é maior, especialmente nas noites dos finais de semana, o barulho e a sujeira causados pelos visitantes que ocupam as ruas incomodam os moradores. Os bares, restaurantes e casas de shows se sofisticaram para atender o novo público classe média do bairro, elevando os preços cobrados nos estabelecimentos. O trânsito aumentou consideravelmente, assim como os estacionamentos irregulares. É possível observar que algumas áreas são escolhidas para serem iluminadas, configurando uma "Lapa para turista ver" (e consumir).

Vimos também que esta imagem produzida sobre a Lapa pelos discursos dos projetos urbanos de revitalização, fomentada pela divulgação da mídia, constrói-se a partir de um

conjunto de tradições reinventadas, reapropriações dos usos e características do bairro antes dele estar "na moda" e do silenciamento e ordenamento das práticas consideradas desviantes, para a produção de uma Lapa hegemônica, "glamourizada", espetacularizada como o lugar da boêmia, da diversão, do carioca e do turista que deseja vivenciar o "jeito carioca de ser". Sabe-se, no entanto, que ainda que esta imagem tenha se fixado no imaginário popular, não retrata o cotidiano do bairro na sua complexidade, o que é percebido por muitos dos seus consumidores dispostos a pensar a Lapa além do que lhes é colocado como consenso.

Posto isso, é importante deixar claro que nesta tentativa de desconstrução da imagem homogênea da Lapa, não se intenta recusar a importância dos processos que constituíram o bairro como se conhece hoje, visto, inclusive, que não são processos unilaterais. As incessantes (re)configurações do bairro se constituem efetivamente como resultado das práticas de diferentes atores sobre um mesmo espaço físico, com objetivos diferentes e, por vezes, opostos. Intentou-se aqui, portanto, problematizar como estes processos, ao mesmo tempo em que revalorizam a Lapa como importante centro histórico e cultural da cidade do Rio de Janeiro, são concebidos tendo em vista o seu consumo sofisticado, atribuindo novos usos ao espaço revitalizado que, muitas vezes, não levam em conta as demandas dos moradores e consumidores habituais.

Contudo, hoje o bairro é reconhecido de fato, por muitos, como um espaço democrático, "de todas as tribos", com diferentes possibilidades de ocupação, entre estabelecimentos sofisticados, outros mais acessíveis, espaços de resistência, variedade de manifestações artísticas, vertentes musicais, além do espaço público das ruas. Entretanto, também pode se perceber certa segregação socioespacial dos grupos que frequentam a Lapa, como por exemplo, entre os dois lados do Aqueduto da Carioca. Na parte da "frente" dos Arcos, onde se situam a Praça Cardeal Câmara, e entre a Rua Joaquim Silva e a Travessa do Mosqueira, percebe-se a preponderância de um público com menor poder aquisitivo, que ocupa principalmente os espaços das calçadas e das ruas. Já do "outro lado", onde se localiza o Circo Voador e a Fundação Progresso, seguindo pela Riachuelo e Mem de Sá até as proximidades da Rua dos Inválidos, a preponderância de turistas e consumidores com maior poder aquisitivo, ocupando os bares, restaurantes e casas de shows "classe média" e seu entorno.

Por fim, retomando a hipótese central desta pesquisa, podemos concluir aqui que neste processo vivido pela Lapa nas últimas décadas, como se buscou comprovar, o Circo Voador não pode ser tomado como o único ou principal responsável pela revitalização do bairro na dimensão que ela adquiriu, mas é inegável que a sua chegada à Lapa em setembro de 1982 foi

determinante para alavancar o processo que viria a modificá-la radicalmente. Neste sentido, quando compreendemos a revitalização da Lapa a partir de dois momentos distintos, temos que no primeiro deles, anterior às intervenções do poder público, marcado pela ação espontânea de artistas, moradores, frequentadores do bairro e pequenos empresários, a atuação do Circo foi a expressão mais emblemática deste impulso inicial.

Encerro afirmando que, embora se assemelhe a movimentos semelhantes em escala global, de retorno aos centros urbanos, produção de cidades competitivas e processos gentrificadores, o caso da Lapa apresenta características muito particulares, e por isso não se pode afirmar o caminho que a revitalização do bairro vai seguir daqui em diante. Todavia, a perspectiva atual, com a potencialização do uso misto do espaço da Lapa, com o resgate da sua vocação residencial, do seu caráter democrático, multicultural e boêmio, da sua consolidação como um dos pontos mais movimentados da noite carioca e da sua elevação à "cartão-postal" da cidade do Rio de Janeiro, aponta para a continuidade e evolução do processo em curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acervo Circo Voador, 1982/1997. Livro eletrônico, edição Remier, 1ª edição. Rio de Janeiro: Circo Voador, 2015. Vários colaboradores.

A Farra do Circo. Documentário dirigido por Roberto Berliner e Pedro Bronz. Produção: TvZero, 2003. 94 min.

A LAPA ESTÁ VOLTANDO A SER A LAPA, 50 ANOS DEPOIS. **Jornal do Brasil**, 5 de junho de 1982. Disponível em <http://www.jb.com.br/paginas/news-archive/>. Acesso em 23 de novembro de 2015.

ARAÚJO, Vanessa Jorge de. **Lapa Carioca, uma (re) apropriação do lugar.** Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

A VEZ DO BALÉ NO DOMINGO NO CORPO. **Jornal do Brasil**, 10 de julho de 1983. Disponível em <http://www.jb.com.br/paginas/news-archive/>. Acesso em 23 de novembro de 2015.

BARTOLY, Flavio Sampaio. **A Lapa boêmia e a Lapa reificada como lugar do espetáculo:** uma análise da produção do lugar. V Colóquio Nacional do NEER (Núcleo de Estudos em Espaço e Representações). Cuiabá, 2013.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos:** um Haussmann tropical. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. Rio de Janeiro, 1992.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. **De volta à cidade:** dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo, Ed. Annablume, 2007.

CARUSO, Haydée. **A ordem e a desordem de ontem e de hoje:** notas etnográficas sobre a polícia na Lapa carioca. Civitas, Porto Alegre, vol. 15(1), 2015.

CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. **História da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. Divisão de Editoração, 1994.

CASTELLS, Manuel e BORJA, Jordi. **As cidades como atores políticos**. Revista Novos Estudos. São Paulo, Cebrap, n.45, 1996.

CIRCO VOADOR CHEGA AOS 30 ANOS COM PROGRAMAÇÃO REFORÇADA. **O Globo**, 13 de janeiro de 2012. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/circo-voador- chega-aos-30-anos-com-programacao-reforcada-3655040>. Acesso em 05 de abril de 2016.

CIRCO VOADOR DESCE NA LAPA. **Jornal do Brasil**, 7 de setembro de 1982. Disponível em <http://www.jb.com.br/paginas/news-archive/>. Acesso em 11 de maio de 2015.

CIRCO VOADOR – EXAGERADO 30 ANOS. **Midiorama**, 03 de junho de 2015. Disponível em <http://www.midiorama.com.br/works/2015/29553/circo-voador-no-arpoador-exagerado-3o-anos/>. Acesso em 05 de abril de 2016.

CIRCO VOADOR FAZ SUCESSO NO ARPOADOR. **Jornal do Brasil**, 17 de janeiro de 1982. Disponível em <http://www.jb.com.br/paginas/news-archive/>. Acesso em 11 de maio de 2015.

CIRCO VOADOR - UM POUSO PARA VÔOS OUSADOS. **Jornal do Brasil**, 15 de janeiro de 1982. Disponível em <http://www.jb.com.br/paginas/news-archive/>. Acesso em 11 de maio de 2015.

CRIEKINGEN, Mathieu Van. A cidade renasce! Formas, políticas e impactos da revitalização residencial em Bruxelas. In: Bidou-Zachariasen, Catherine. **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2007.

DE BAR EM BAR - A nova onda de investimentos na Lapa reafirma a vocação que fez do tradicional bairro o símbolo do humor, da cultura, da diversidade e da boemia carioca. **Carta**

Capital, 8 de agosto de 2007. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/2007/08/456/de-bar-em-bar>. Acesso em 11 de maio de 2015.

DUARTE, Cristovão Fernandes. **A Lapa, abrigo e refúgio da cultura popular carioca**. XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Santa Catarina, 2009.

ENTREVISTA COM A ADMINISTRADORA DO CIRCO VOADOR MARIA JUÇÁ. **Eu amo a Lapa**, 29 de julho de 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=X48Jvvyuu1g>. Acesso em 17 de março de 2016.

GOVERNO DO ESTADO LANÇA OPERAÇÃO LAPA PRESENTE. **Subsecretaria de Comunicação Social**, 06 de dezembro de 2013. Disponível em <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=1880587>. Acesso em 02 de março de 2016

GUTERMAN, Bruna da Cunha. **Cidade-produto, bairro-marca: como a Lapa está se tornando o mais carioca dos bairros**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

_____. **Brand Lapa: o mais carioca dos bairros. Reanimação cultural ou uma estratégia competitiva de consenso?** XVI Semana de Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro, 2010.

IMÓVEIS NA LAPA ESTÃO MAIS CAROS. **O Globo**, 18 de janeiro de 2009. Disponível em <http://oglobo.globo.com/economia/imoveis/imoveis-na-lapa-estao-mais-caros-3179079>. Acesso em 11 de maio de 2015.

IRIAS, Francisco Duarte. **A renovação urbana na Lapa, Rio de Janeiro: um território de conflito?** Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

LAPA PRESENTE AUMENTA SEGURANÇA DO RIO ANTIGO. **Secretaria de Estado de Governo**, 02 de janeiro de 2016. Disponível em <http://www.rj.gov.br/web/segov/exibeconteudo?article-id=2689835>. Acesso em 02 de março de 2016

LAPA RENASCE DAS SOMBRAS SOB AS ASAS DO CIRCO VOADOR. **Jornal do Brasil**, 28 de outubro de 1982. Disponível em <http://www.jb.com.br/paginas/news-archive/>. Acesso em 23 de novembro de 2015.

LIMA JUNIOR, Pedro de Novais. **Uma estratégia chamada “planejamento estratégico”**: deslocamentos espaciais e atribuições de sentido na teoria do planejamento urbano. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

LIVRO REÚNE HISTÓRIAS QUE MARCARAM OS 30 ANOS DO CIRCO VOADOR. **UOL**, 02 de abril de 2014. Disponível em <http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/02/livro-reune-historias-que-marcaram-os-30-anos-do-circo-voador.htm>. Acesso em 05 de abril de 2016.

MACEDO, Mirela Arcangelo da Motta. **Projeto Corredor Cultural**: um projeto de preservação para a área central do Rio de Janeiro (1979 – 1993). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2004.

MELLO, Juliana Oakim Bandeira de. **A cidade, o urbanista, o plano**. Um estudo para a Guanabara por Doxiadis. Monografia (Especialização em Sociologia Urbana) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

MOSCIARO, Mayra. **Mudanças na área central do Rio de Janeiro: *gentrification***. XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro, 2013.

O CIRCO VOADOR BAIXA NA LAPA – MUITO MAIS DO QUE ESPETÁCULOS. **Jornal do Brasil**, 23 de outubro de 1982. Disponível em <http://www.jb.com.br/paginas/news-archive/>. Acesso em 23 de novembro de 2015.

O CIRCO VOADOR ESTÁ "VOANDO" MAS GARANTE QUE VOLTA. **Jornal do Brasil**, 16 de abril de 1982. Disponível em <http://www.jb.com.br/paginas/news-archive/>. Acesso em 23 de novembro de 2015.

OPERAÇÃO LAPA PRESENTE FORTALECERÁ SEGURANÇA DA REGIÃO. **Secretaria de Estado de Governo**, 17 de dezembro de 2013. Disponível em <http://www.rj.gov.br/web/segov/exibeconteudo?article-id=1899041>. Acesso em 02 de março de 2016.

OPERAÇÃO 'LAPA PRESENTE', NO RIO, TERÁ DISQUE-DENÚNCIA EXCLUSIVO. **G1**, 17 de dezembro de 2013. Disponível em <http://glo.bo/1fBWRh3>. Acesso em 02 de março de 2016.

PAES ANUNCIA AS PRIMEIRAS MEDIDAS DO PROJETO "LAPA LEGAL" EM VISITA AO BAIRRO. **SRZD**, 24 de junho de 2009. Disponível em <http://www.sidneyrezende.com/noticia/44281+paes+anuncia+as+primeiras+medidas+do+projeto+lapa+legal+em+visita+ao+bairro>. Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

PRINCIPAL PALCO DO "ROCK 80" REABRE NO RIO. **Folha de São Paulo**, 15 de julho de 2004. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/foha/ilustrada/ult90u45945.shtml>. Acesso em 17 de março de 2016.

PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA - PÓLO NOVO RIO ANTIGO. Disponível em <http://www.novorioantigo.com.br/projetos>. Acesso em 28 de fevereiro de 2016.

ROSA, Rodrigo de Moraes. **Espetáculo urbano ou urbano como espetáculo: a Lapa (en)cena**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global. In: Bidou-Zachariassen, Catherine. **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2007.

SOUZA, Roberto Fernandes Dutra de. **Um guia informativo dos cursos e oficinas artísticas e culturais da Lapa – Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, 2012.

TRÂNSITO DURANTE A NOITE NA LAPA, RIO, SERÁ REABERTO AOS MOTORISTAS DIA 22. **G1**, 14 de março de 2013. Disponível em <http://glo.bo/10RUP8n>. Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

VAINER, Carlos B. Pátria, empresa e mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos B. e MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 75-103.

VIDAL, Adam Tommy Vasques. **História do Circo Voador – Cultura, Sociedade e Democracia no Brasil Contemporâneo 1982/1996**. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

APÊNDICE A – Questionário sobre a Lapa

1) Nome

2) Idade

3) Renda familiar mensal

- Até 2 salários mínimos
- De 2 a 4 salários mínimos
- De 4 a 10 salários mínimos
- De 10 a 20 salários mínimos
- Acima de 20 salários mínimos

4) Bairro e cidade onde mora

5) Qual é a sua relação com o bairro da Lapa?

- Freqüento muito
- Freqüento às vezes
- Freqüento raramente
- Trabalho na Lapa
- Moro na Lapa

6) Se ainda não for o caso, você moraria na Lapa?

- Sim Não

7) Em qual período do dia você mais freqüenta a Lapa?

- Diurno Noturno Ambos

8) Desde quando freqüenta o bairro?

- Desde a década de 1960
- Desde a década de 1970
- Desde a década de 1980
- Desde a década de 1990
- Desde a década de 2000
- Desde a década de 2010

9) Quais são os principais motivos para você freqüentar o bairro?

- Preço bom
- Variedade de estabelecimentos
- Facilidade de acesso
- Gosto do público que freqüenta o bairro
- Gosto do ambiente
- Outro _____

10) Qual ou quais estabelecimentos você mais freqüenta na Lapa?

11) Concorda com a descrição da Lapa como um espaço democrático, "de todas as tribos"?

- Concordo Discordo Concordo, mas com ressalvas.

12) Você percebeu alguma alteração no bairro durante os últimos anos?

- Sim Não

13) Se sim, quais?

14) Você se sente seguro na Lapa?

- Sim Mais ou menos Não

15) Gostaria de destacar aqui pontos positivos do bairro? Se sim, quais?

16) E negativos?

17) Por fim, qual a primeira palavra que vem à sua mente quando pensa na Lapa?

18) Gostaria de acrescentar aqui alguma opinião ou sugestão à pesquisa?

ANEXO A - Autorização para Divulgação da Monografia



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 29/04/2016

Eu, **CLARISSE ALVES GILLY DE MIRANDA**, CPF 154.347.147-17, formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada “**O CIRCO NA LAPA: ANÁLISE SOBRE A REVITALIZAÇÃO DO BAIRRO CARIOCA COM A CHEGADA DO CIRCO VOADOR**” defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.

CLARISSE ALVES GILLY DE MIRANDA